

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Educação – EDU
Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd

Nos modos de dizer-se de jovens, algumas estéticas
existenciais do contemporâneo

Dagmar de Mello e Silva Canella

Orientador(a): Maria Luíza Magalhães Bastos Oswald



Rio de Janeiro, 13 de maio de 2009

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Dagmar de Mello e Silva Canella

**Nos modos de dizer-se de jovens, algumas estéticas existenciais do
contemporâneo**

Rio de Janeiro
2009

Dagmar de Mello e Silva Canella

Nos modos de dizer-se de jovens, algumas estéticas existenciais do contemporâneo

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração:

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Luíza Magalhães Bastos Oswald

Rio de Janeiro
2009

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

**Nos modos de dizer-se de jovens, algumas estéticas existenciais do
contemporâneo**

Dagmar de Mello e Silva Canella

Tese de Doutorado

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª Maria Luiza Bastos Magalhães Oswald (orientadora) (UERJ)

Prof^º. Dr^º. Luis Antonio dos Santos Baptista (UFF)

Prof^º. Dr^º Pedro Benjamin Garcia (UCP)

Prof^º. Dr^º. Paulo Sergio Sgarbi Goulart (UERJ)

Prof^º. Dr^º. Walter Omar Kohan (UERJ)

Rio de Janeiro 13 de março de 2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C221 Canella, Dagmar de Mello e Silva.
Nos modos de dizer-se de jovens, algumas estéticas
existenciais do contemporâneo / Dagmar de Mello e Silva
Canella. - 2009
188 f.

Orientador: Maria Luíza Magalhães Bastos Oswald.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Educação – Filosofia – Teses. 2. Educação do
adolescente – Teses. 3. Juventude - Teses. 4. Linguagem –
Teses. I. Oswald, Maria Luíza Magalhães Bastos. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de
Educação. III. Título.

CDU 37.01

Para Rachel, que mesmo diante de minha dificuldade de aprendizagem não desiste. E dia, após dia, teimosamente, continua a tentar me ensinar que a vida é um acontecimento a ser celebrado sempre... sempre...

Agradecimentos

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra disse:
Vai, [...] ser gauche na vida...
(Carlos Drummond)*

- Lembra Luiz Antônio?

E assim fui... Seguindo seu conselho...

Colorindo meus desejos, despertando meus sonhos...

... conhecendo tanta gente....

Gente rara como Rose Clair, que me faz cada vez mais acreditar na vida...

Gente séria, simples, forte... como poucas. Não é mesmo Maria Luiza?!?

Poética como Célia Linhares, inspiradora dessa escrita...

Gente alegre, solidária como mesu amigos de pesquisa...

Mãe, essa velha conhecida... Companheira que nunca me deixou só...

Vó e Tia Dilze, sempre por perto me apoiando nesse percurso...

Maria Lúcia pelas noites de acolhidas...

Eduardo Pontes, por tua atenção...

Meninos e meninas que não só participaram como escreveram comigo esta pesquisa...

Kátia Valadares por me abrir as portas da escola...

Diretoras e funcionários por me permitirem transitar livremente...

Rita Ribes com suas aulas e considerações que tanto contribuíram para essa construção...

Professores do Programa (PROPED) pelas escutas nos corredores e em colóquios internos...

Funcionários da Secretaria e de apoio...

Pessoas que nem ao menos conheci pessoalmente, mas sem elas, não seria possível a elaboração desta tese: à FAPERJ e à Comissão de Bolsas da UERJ, pelos auxílios concedidos...

Professores da Banca que se prontificaram a ler meu trabalho e a me trazer contribuições...

Um vasto mundo de gente que me faz perder-me nessa multidão que me povoa o coração...

Eu não devia dizer... mas, esse povo todo bota a gente comovido como o diabo.

RESUMO

CANELLA, Dagmar de Mello e Silva. **Nos modos de dizer-se de jovens, algumas estéticas existenciais do contemporâneo**. 190 f. Tese de doutorado – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

A presente tese teve como objetivo buscar uma ética da alteridade no tempo contemporâneo. Ética que se expressa sob a experiência estética que procura ouvir o outro sem interferências ‘pré-meditadas’, capaz de abrir, francas possibilidades para que o outro seja o próprio artesão de sua trajetória existencial. Nesse sentido, inspirada nas contribuições de M. Foucault e W. Benjamin busquei nas vozes de jovens estudantes, nos modos pelos quais eles “se dizem”, caminhos para que a educação possa ser pensada – na direção oposta a do assujeitamento – como acontecimento de vida, experiência sensível que atravessa nossos corpos e almas. Nos mesmos autores, encontrei apoio para buscar, no cinema, documentário de Eduardo Coutinho, inspiração metodológica que atendesse à demanda do estudo de propiciar aos jovens “dizerem-se”. O estudo foi desenvolvido junto a um grupo de alunos/as do ensino fundamental (8ª e 9ª séries) e médio (1ª, 2ª e 3ª séries) de uma Escola Estadual do Rio de Janeiro, localizada no bairro de Itaipu, no Município de Niterói, com faixa etária de 15 a 18 anos, inseridos em estratos socioeconômicos menos privilegiados. Da escuta do “dizer-se” desses jovens, emergiu a compreensão de que, para deixar de encará-los como jovens “infames”, a escola precisaria exercitar a “capacidade de ver e reparar no outro, aquilo que lhe tem sido destituído em suas histórias e tempos”.

Palavras-chave: Jovens. Linguagem. Imagens de pensamento. Estéticas existenciais. Educação.

RÉSUMÉ

Cette thèse a pour but la recherche d'une éthique «d'altérité» dans le temps contemporain. Cette éthique s'exprime sous l'expérience esthétique qui cherche à être à l'écoute de l'autre sans des interférences préméditées, capable d'ouvrir des vraies possibilités pour que l'autre soit l'artisan de sa propre trajectoire existentielle. Dans ce sens, inspirée des contributions de Michel Foucault et W. Benjamin, j'ai cherché, dans les voix des jeunes étudiants et dans les façons par lesquelles ils « se disent », des chemins pour que l'éducation puisse être pensée – dans le sens opposé à celui de l'assujettissement – comme un événement de vie, une expérience sensible qui traverse nos corps et âmes. Dans ces mêmes auteurs, j'ai trouvé le soutien pour chercher dans le cinéma documentaire d'Eduardo Coutinho l'inspiration méthodologique capable de répondre à la demande de la recherche de donner aux jeunes la possibilité de « se dire ». Cet étude a été réalisée avec un groupe d'élèves des cours fondamentaux (8^a et 9^a séries) et moyens (1^a, 2^a, 3^a séries) d'une Ecole de l'Etat de Rio de Janeiro, située dans le quartier de Itaipu à Niteroi, d'une tranche d'âge allant de 15 à 18 ans, insérés dans des couches socio-économiques moins privilégiées. De l'écoute du « se dire » de ces jeunes est apparue la compréhension de que pour ne plus les voir comme des jeunes « infâmes », l'école devrait réaliser l'exercice d'être « capable de voir et repérer dans l'autre ce de quoi il est destitué tout au long de ses histoires et du temps ».

Mots-clés : Jeunes. Langage. Images de pensée. Esthétiques existentielles. Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: Sobre o Método	16
I.1 Um feixe de luz sobre o método	17
I.2 As Questões teórico-metodológicas	23
I.2.1 <u>Ceci n'est pas une pipe</u>	23
I.2.2 <u>A estética do documentário</u>	26
I.2.3 <u>A montagem</u>	31
CAPÍTULO II: Cartografias dos espaços da pesquisa	36
II.1 Esta juventude de agora	37
II.2 Conversações	40
II.3 Primeiras Impressões dos Espaços da Pesquisa	51
CAPITULO III: Imagens de jovens anjos contemporâneos	58
III. 1 Jovens infelizes ou anjos infames?	74
III. 1.1 <u>Miguel</u>	78
III. 1.2 <u>Ana</u>	98
III. 1.3 <u>Beatriz</u>	119
III. 1.4 <u>Alice</u>	133
III. 1.5 <u>Pedro</u>	156
Sobre educação: algumas considerações a partir de meu percurso	177
REFERÊNCIAS	185

O Caráter Destrutivo...

O caráter destrutivo conhece apenas uma divisa: criar espaço; conhece apenas uma atividade: abrir caminho. Sua necessidade de ar puro e de espaço é mais forte do que qualquer ódio.

O caráter destrutivo é jovem e sereno. Pois destruir rejuvenesce, porque afasta as marcas de nossa própria idade; reanima, pois toda eliminação significa, para o destruidor, uma completa redução, a extração da raiz de sua própria condição. O que leva a esta imagem apolínea do destruidor é, antes de mais nada, o reconhecimento de que o mundo se simplifica terrivelmente quando se testa o quanto ele merece ser destruído. Este é o grande vínculo que envolve, na mesma atmosfera, tudo o que existe. É uma visão que proporciona ao caráter destrutivo um espetáculo da mais profunda harmonia.

O caráter destrutivo está sempre atuando bem disposto. A natureza lhe prescreve o ritmo, pelo menos indiretamente: pois ele deve adiantar-se a ela, do contrário ela própria assumirá a destruição.

O caráter destrutivo não se fixa numa imagem ideal. Tem poucas necessidades, e a menos importante delas seria: saber o que ocupará o lugar da coisa destruída. Primeiramente, pelo menos por um instante, o espaço vazio, o lugar onde se encontrava a coisa, onde vivia a vítima. Certamente vai aparecer alguém que precise dele, sem ocupá-lo.

O caráter destrutivo executa seu trabalho, evitando apenas trabalhos criativos. Assim como o criador busca a solidão, assim também o destruidor precisa cercar-se continuamente de pessoas, de testemunhas de sua eficácia.

O caráter destrutivo é um sinal. Assim como um sinal trigonométrico está exposto ao vento, de todos os lados, assim também ele está exposto, por todos os lados, aos boatos. Não tem sentido protegê-lo contra isso.

O caráter destrutivo não tem o mínimo interesse em ser compreendido. Considera superficiais quaisquer esforços nesse sentido. O fato de ser mal entendido não o afeta. Ao contrário, ele provoca mal entendidos, assim como o faziam os oráculos – essas instituições políticas destrutivas. O fenômeno mais pequeno-burguês, o falatório, só acontece porque as pessoas não querem ser mal entendidas. O caráter destrutivo não se importa de ser mal entendido; ele não fomenta o falatório.

O caráter destrutivo é o inimigo do homem-estojo. O homem-estojo busca sua comodidade, e a caixa é sua essência. O interior da caixa é a marca, forrada de veludo, que ele imprimiu no mundo. O caráter destrutivo elimina até mesmo os vestígios da destruição.

O caráter destrutivo se alinha na frente de combate dos tradicionalistas. Uns transmitem as coisas na medida em que as tomam intocáveis e as conservam; outros transmitem as situações na medida em que as tornam palpáveis e as liquidam. Estes são chamados destrutivos.

O caráter destrutivo tem a consciência do indivíduo histórico cuja principal paixão é uma irresistível desconfiança do andamento das coisas, e a disposição com a qual ele, a qualquer momento, toma conhecimento de que tudo pode sair errado. Por isso, o caráter destrutivo é a confiabilidade em pessoa.

O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas, por isso mesmo, vê caminhos por toda a parte. Mesmo onde os demais esbarram em muros ou montanhas, ele vê um caminho. Mas porque vê caminhos por toda a parte, também tem que abrir caminhos por toda a parte. Nem sempre com força brutal, às vezes, com força refinada. Como vê caminhos por toda a parte, ele próprio se encontra sempre numa encruzilhada. Nenhum momento pode saber o que trará o próximo. Transforma o existente em ruínas, não pelas ruínas em si, mas pelo caminho que passa através delas.

O caráter destrutivo não vive do sentimento de que a vida vale a pena ser vivida, e sim de que o suicídio não compensa.

(Walter Benjamin)

INTRODUÇÃO

O homem que cavalgava longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade. Finalmente, chega a Isidora, cidade onde os palácios têm escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos, onde se fabricam à perfeição binóculos e violinos, onde quando um estrangeiro está incerto entre duas mulheres sempre encontra uma terceira, onde as brigas de galo se degeneram em lutas sanguinosas entre apostadores. Ele pensava em todas essas coisas quando desejava uma cidade. Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que vêm a juventude passar; ele está sentado do lado deles. Os desejos agora são recordações.

Italo Calvino

Porque escolher “O caráter destrutivo” como epígrafe desta tese?

Talvez por entender que “O caráter destrutivo” emerge do esquecimento do mesmo, da recusa de faces que reificam uma identidade própria ou apropriada, da negação a justeza das coisas produzindo justo as coisas que rejuvenescem, da linha contínua que se quer quebrada, do tempo contínuo que se quer partido, dos espaços ocupados que se pretendem invadidos. Das totalidades que se quer em estilhaços, que se separam, se juntam, mexendo e remexendo as formas únicas das coisas transformando-as em pluralidade de coisas. Das igualdades que produzem diferenças e diferentes que desejam misturar-se produzindo semelhanças, dos territórios demarcados desmarcando lugares, repovoando-os com modos outros de existência, da tradição que se quer na contradição, enfim do acontecimento qual novo início, nova juventude assim como a concebeu Benjamin (2000):

A juventude que faz profissão de fé em si mesma significa uma religião que ainda não existe. Cercada pelo caos de coisas e homens, dos quais nenhum é sagrado, nenhum condenado, ela clama pela escolha. E antes que a graça não crie novamente o

sagrado e o profano, ela poderá escolher com mais profunda seriedade. Ela confia em que o sagrado e o réprobo se revelarão no momento em que a vontade comum de escolha tiver alcançado a máxima tensão. Enquanto isso não acontece, ela vai levando uma vida difícil de compreender, plena entrega e desconfiança, veneração e ceticismo, abnegação e egoísmo. Essa vida é a sua virtude. Ela não deve repudiar nenhum objeto ou ser humano, pois em cada um (tanto no mural de anúncios como no criminoso) pode nascer o símbolo ou um santo. (p. 28-29)

Acredito que a maior parte de nossas pesquisas acadêmicas nascem de nossa insatisfação em relação a algum aspecto da vida. Tenho a impressão de que minha aproximação com os jovens se dá justamente em um tempo de minha vida em que, mesmo sem perceber, encontrava-me *sentada em um murinho vendo a juventude passar...*

Acho que ainda não percebia o quanto estava distante da experiência daquela juventude que transitava frente aos “meus olhos”. Identificava-me com seus passos que aparentavam prometer um fim para as metanarrativas que circunscrevem um ser fundado em uma linguagem que determina um sentido único para as coisas. Acreditava que, assim, os sujeitos estariam libertos das amarras de uma linguagem que abrigava aqueles que podiam ser nomeados como representação do real, deixando órfãos tudo e todos que não representassem as verdades instituídas. Sentia-me seduzida com a ruptura dessas representações que dissimulavam uma retórica que se impunha sob o argumento da técnica principalmente por acreditar na inexistência de um significado único e nomeador para a linguagem.

Mas, se em princípio me identificava com os modos existenciais daqueles jovens que “eu via” passar, não percebi que meu olhar estava impregnado das recordações de meu passado que só me permitiam olhá-los a partir de um olhar próprio, portanto, via o que queria e como queria.

De fato, encontrava-me insatisfeita com o passado, mas em profundo desconforto com o presente. Procurava respostas, pois como mulher adulta que se constituiu em um tempo em que era possível “incluir-se em referentes estáveis”, produzir contraculturas à cultura do poder, num tempo/espço onde aparentemente era fácil localizar-se de um ou de outro lado, fiel à crença de determinados corpos

dogmáticos, tinha plena convicção de que o tempo de agora não cabia mais neste modelo, mas confesso, também, que, ao me deparar com um tempo que se delineia em “constelações móveis, desordenadas, de faces múltiplas. [...] fragmentos e fraturas cheias de significados líquidos” (CANEVACCI, 2005, p. 07), me vi em completo desamparo.

Ainda sem perceber onde estava sentada, procurava me encontrar no meio daqueles jovens. Buscava neles as respostas que eu queria encontrar, mas que eles não poderiam me dar. Acreditava no potencial deles, na força de transformação que tradicionalmente se atribui a esta etapa da vida. Porém, encontrava-me com referenciais demarcados, resquícios de um tempo moderno em que a política se fazia entender através de ações em “bloco”.

De onde estava sentada, não me dei conta de que o sentido da “política” mudou seu paradigma, e, se antes a encontrávamos corporificada em ações nítidas, hoje esta também se diluiu, pluralizou. Sentada no muro, ainda presa às minhas recordações, mesmo que bem intencionada, procurava nos jovens que passavam um paradigma político que hoje não lhes cabe mais.

Se, por um lado, me sentia seduzida por aqueles “modos de vida”, não percebia que o que eu buscava naqueles jovens eram os sonhos e desejos ícones de minha geração. Precisei descer do muro e transitar no meio dos jovens para entender melhor a língua que eles falavam e, durante esses percursos, me deparei com um sujeito que se constrói e é constituinte por/de processos de simbolização, subjetivação e, portanto, um sujeito que não está disponível à interpretação.

Minhas experiências e escutas com esses jovens me conduziram a crer em um sujeito sem contornos definidos e que me fez mudar algumas questões referentes à ordem das experiências que se revelam no ato de linguagem, levando em consideração os lugares de onde os discursos são enunciados, as espacialidades por onde circulam, para quem são remetidos e, principalmente, como são recebidos, aspectos que me levam a crer que, a partir desta recepção, algo novo esteja se criando.

Neste ponto, devo destacar que considero a estética uma das questões principais que delineiam esse trabalho. Acredito que apresentar algumas estéticas existenciais de jovens contemporâneos a partir de algumas de suas imagens de pensamento pode não responder às questões de quem ainda permanece sentado em cima do muro, preso aos desejos como recordações, mas, para quem se dispuser a seguir os fluxos desses meninos e meninas ao expressarem suas vidas em devir, é possível encontrar novos sentidos e significados para a vida contemporânea. Sentidos que se constroem a partir de experiências no exercício da linguagem, gerando força, intensidades, que dêem voz aos desejos.

Vivemos em uma sociedade cujos modos de produção estão voltados para uma linha de montagem programada para a reprodução, alicerçada por fortes amarras que se estabelecem em caráter impositivo, contendo a plena criação. Não é de se estranhar que, nesses moldes, quase não haja brechas para se ouvir o outro. E a escuta alteritária pode significar a ruptura com os nós que sustentam essas amarras, abrindo comportas para se produzir modos de subjetividade originais e singulares nas relações sociais e, portanto, também nas educacionais. Relações essas que se criam a partir de micro-políticas de resistência que não se encerram em si mesmas, como dogmas, que se moldam em amálgamas definitivos. Refiro-me a movimentos que concebem a vida através de processos dinâmicos abertos a transformações.

Ao produzir essa pesquisa junto a um grupo de alunos/as do ensino fundamental (8ª e 9ª séries) e médio (1ª, 2ª e 3ª séries) de uma escola estadual no Rio de Janeiro, localizada no bairro de Itaipu, no Município de Niterói, com faixa etária de 15 a 18 anos e nível socioeconômico, em sua maioria, de baixa renda, procurei trazer suas falas como possibilidades estéticas para compreendermos que a vida não está dada por padrões que nos individualizam em série, estetizando um único modo de ser.

Mesmo que as forças do mercado operem nesse sentido, a experiência estética cria seus próprios modos de organização do cotidiano. Em minha estada nesta escola, pude perceber o quanto, muitas vezes, modelos fechados continuam atuando na perspectiva de atender às demandas de processos de subjetivação característicos do capitalismo, mas, em algumas escutas das falas que meninos e

meninas expressaram, ouvi, também, desvios e reapropriações. Afrontamentos não de ordem macro-política, mas, processos de singularização próprios das “diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos entendem viver sua existência”. (GUATTARI, 2000, p.45)

Este estudo teve como objetivo, antes de tudo, buscar uma ética da alteridade no tempo contemporâneo. Ética que se expressa sob a experiência estética que procura ouvir o outro sem interferências “pré-meditadas”, capaz de abrir francas possibilidades para que o outro seja o próprio artesão de sua trajetória existencial. No que diz respeito à educação, espaço para o qual este pesquisa foi endereçada, trata-se de pensar a educação como acontecimento de vida, experiência sensível que atravessa nossos corpos e almas.

Minha pretensão, ao realizar essa investigação, cujo objeto é o modo de dizer-se de jovens estudantes de uma escola pública, foi trazer contribuições ao campo da educação, convidando professores/professoras e estudantes a compartilhar, na linguagem, sua pluralidade, ampliando possibilidades de ver e reparar no outro aquilo que lhe tem sido destituído em suas histórias e tempos, ajudando, portanto, ao outro “cuidar de si”, recusando o assujeitamento (FOUCAULT, 1992) que produz relações constrangedoras na escola. Se, como diz Gagnebin (2005), a pluralidade dos sujeitos ameaça, certamente, a paciente edificação de símbolos e de práticas seculares, [...]

Esse endereçamento do *Logos* não significa somente uma dispersão infinita do sentido; também pode significar sua abertura essencial para outras línguas: aquelas das quais [...] aqueles que vivem processos de escolarização [...] não mais aceitam ser despojados e aquelas, tão numerosas, que nos restam inventar. (p.46)

Foi nessa perspectiva que fui tecendo os percursos dessa pesquisa, instituindo caminhos que me possibilitassem dar materialidade ao meu discurso, investindo-o dos modos pelos quais os jovens se dizem.

No primeiro capítulo, ***Sobre o Método***, tentando ser coerente com meu objeto, trago a orientação teórico-metodológica que me facilitou caminhar por uma cartografia de muitas itinerâncias e mutações, percorrendo paisagens que não me

conduziam a lugares comuns, fazendo-me entender que é nas errâncias que podemos transitar por tempos e espaços de uma epistemologia que deve considerar o homem na sua história social. Razões pelas quais procurei inspiração nas vias do pensamento e da linguagem do cinema documentário de Eduardo Coutinho, cuja estética me permitiu expor algumas políticas de produção de subjetividades nas imagens de pensamentos expressas por alguns jovens.

No segundo capítulo, ***Cartografias dos espaços da pesquisa***, procuro situar minhas impressões iniciais ao entrar em contato com os jovens sujeitos da investigação. Minha principal intenção foi mostrar como esta relação me possibilitou colocar em xeque paradigmas que já supunha ter superado. Me pareceu de fundamental importância dar realce a essas impressões, apontando-as como produções de sentidos que me levaram a perceber que: “Estamos tão repletos de imagens que já não vemos as imagens que nos chegam do exterior por si mesmas” (DELEUZE, 1992, p. 58)

No terceiro capítulo, ***Imagens de jovens anjos contemporâneos***, busco, nas alegorias dos anjos em Walter Benjamin as imagens que os modos de dizer-se dos jovens me suscitaram. Procurei, neste capítulo, colocar em diálogo a minha voz com as vozes desses jovens. Tanto na montagem como na edição das entrevistas procurei uma estética que atendesse a uma ética em que esses jovens pudessem nos ajudar a pensar sobre o nosso tempo, rompendo com o *continuum* histórico que perpetua o mal-estar das relações intergeracionais.

Por fim, teço uma relação entre meu estudo e a educação, chamando atenção para o fato de que o que há de interessante nas pessoas são as linhas que as compõem, ou que elas compõem, tomam emprestado ou criam, como linhas de fuga, mostrando que outros povoamentos são possíveis (DELEUZE, 1992). Por isso mesmo, a ação educativa não pode se dar a partir de territórios que circunscrevem os sujeitos, mas de irrupções, fluxos, devires, acontecimentos que nos espaços dessas páginas tentei inscrever. Juntar forma e conteúdo numa mesma matéria. Tentativa estética de diálogo com o outro sem submetê-lo a mim. Eis o que entendo como proposta de uma ética contemporânea e que pode povoar nossas escolas de um novo sopro de ar que nos lembre que sempre é tempo de sermos felizes.

I CAPÍTULO

Sobre o Método...

[...] - Eis o que gostaria de saber a seu respeito; confesse o que você contrabandeia: estados de ânimo, estados de graça, elegias? Frases e atos talvez apenas pensados, enquanto os dois, silenciosos e imóveis, observam a lenta ascensão da fumaça de seus cachimbos. A nuvem ora se dissolvia num fio de vento ora restava suspensa no ar; e a resposta estava naquela nuvem. Diante da brisa que dispersava a fumaça, Marco Polo pensava nos vapores que enevoam a amplidão do mar e as cadeias das montanhas, e que, ao rarearem, tornam o ar seco e diáfano revelando cidades longínquas. O seu olhar queria alcançar o lado de lá daquela tela de humores voláteis: a forma das coisas se distingue melhor à distancia.

Italo Calvino

I.1. Um feixe de luz sobre o método

*O mundo da juventude me era desconhecido.
Estava de fora e contemplava.*

Ingmar Bergman

A entrada da pesquisadora na sala de aula provocou tantos ruídos que as escutas se tornavam inaudíveis. Atordoada, ela busca situar-se diante da turbulência de ondulações sonoras que tornava aquele momento indecifrável. Enquanto psicóloga, ela aprendera que era preciso desconfiar das palavras retumbantes e altissonantes. Entendia que, por trás dos barulhos, existiam silêncios, murmúrios que expressavam *coisas*. Lembrou de alguns conhecimentos que adquiriu lendo Deleuze e Foucault, conhecimentos que a fizeram entender as coisas em suas intensidades, como acontecimentos que nos passam. Segui-las sem julgamentos, tentar captar suas bifurcações, rupturas, brechas, recebê-las como uma experiência que nos toque...

Pensou que assim, alguns silêncios se tornariam sonoridades, se fazendo falar na medida em que fossem penetrando por entre camadas, dobras repletas de sentidos, a princípio indecifráveis a escutas acostumadas com *palavras de ordem*, mas que, na superfície dos fluxos, das ondas sonoras, era possível desfazer-se de uma linguagem *tomada de poder* para só então dar ouvido a outras formas de escutas ali presentes...

Naquela turma, do primeiro ano do ensino médio, reencontrou Marina, a menina que confundira com um menino no primeiro dia em que esteve na escola e, talvez porque houvesse alguma coisa em seu olhar que parecia deixar *escapar aos códigos*, evocou-lhe certa empatia.

A entrada da pesquisadora na sala de aula provocou estranheza. Os olhares curiosos se transformavam em perguntas que procuravam entender a presença estrangeira que não reconheciam como habitante daquele território, colocando-a

diante do desafio de apresentar-se na sua própria língua em conversação com a língua deles, procurando desterritorializar fronteiras.

As palavras de Deleuze mais uma vez assaltavam seus pensamentos e ela se preocupava em falar evitando palavras de ordem. Era preciso se fazer entender, criar naquele espaço formas de fazer falar aquilo ou a quem tantas vezes foi calado. Devolver às vozes seu potencial de luta sobre toda forma de poder, deixar fluir o que escapa aos códigos.

A proposta provocou tanta estranheza quanto a estrangeira. As falas descompassadas expressavam ritmos e intensidades de difíceis escutas aos ouvidos de uma pesquisadora que ainda trazia consigo impregnações de escutas viciadas em compreender “o que está por dentro”, e dificuldade em estabelecer relações com o que está “fora”, com o que está dito nas superfícies mesmo que turbulentas aos modos de ouvir em pautas. A pesquisadora, agora, já não mais tão estranha, expõe sua própria dificuldade de escuta e os ritmos começam a se tornar mais cadenciados aos seus ouvidos. Seria preciso, ainda, muito tempo para que ela aprendesse a perceber a potencia na diversidade de ondulações de vozes que se misturam, irrompem novas vozes, se quebram para retomar novos sentidos.

Marina, a menina confundida com um menino que parecia deixar algo escapar aos códigos, pergunta sobre o que poderiam falar e a recém-repatriada pesquisadora lhe devolve a pergunta. Imediatamente um coro se anuncia pronunciando a palavra *sexo!*

- E o que vocês querem falar sobre sexo? (pesquisadora)

Novas arritmias e intensidades, entre clarões e trovadas, uma chuva de camisinhas se anuncia pela sala. A pesquisadora repete a pergunta e um menino, sob o aplauso de todos, responde...

- Qualquer coisa menos DST, HIV e controle de natalidade, disso estamos de saco-cheio...

- Pois bem, então me digam o que vamos conversar sobre sexo? (pesquisadora)

- *Coisas ora!*

- *Mas que coisas? (pesquisadora)*

Entre tantas vozes, olhares ávidos, um gesto tímido se faz notar. Trata-se de uma menina de aproximadamente quinze anos com o dedo indicador apontado para cima a pedir licença para perguntar algo...

- *Gente! Alguém está querendo ser ouvido! (pesquisadora)*

Nesse instante o silêncio está posto, como por contágio... Eu... silêncio, Eles... Elas... Silêncio...

- *Como é o seu nome? (pesquisadora)*

- *Ângela...*

- *Oi Ângela! O que você tem a dizer? (pesquisadora)*

- *Eu... eu tenho uma filhinha... Um bebê de oito meses*

- *Hummm... Um bebê? E como é ter um bebê? (pesquisadora)*

- *Difícil... A gente não pensa, mas depois que acontece... É isso. Não saio mais porque minha tia só fica com ela pra eu vir pra cá. Meu pai me botou pra fora e minha mãe pediu pra eu ficar na casa dela... Aí eu fico assim...*

- *Assim como? (pesquisadora)*

- *Assim... Meio perdida sem saber como vai ser de agora em diante...*

- *E o pai do neném? Não te ajuda? (pesquisadora)*

- *Não nem quer saber...*

- *Te ajuda compartilhar isso conosco? (pesquisadora)*

- *Sei lá... Deu vontade... Não era pra falar de sexo? Achei que tinha a ver. Na hora a gente não pensa e depois é que vê quando acontece...*

- *Compreendo o quanto deve ser difícil para você... (pesquisadora)*

A menina concorda com a cabeça...

- *Ângela, você quer falar um pouco mais sobre essa experiência? (pesquisadora)*

- *Não era só isso mesmo... Só pra falar um pouco...*

- *Mas se você quiser falar mais pode falar... (pesquisadora)*

- *Era só isso mesmo...*

- *Então, me digam uma coisa... Vocês disseram que estão de saco cheio de falar sobre DST, HIV e contracepção. Tiraram, como num passe de mágica, uma infinidade de camisinhas da mochila, mas, pelo visto... Não consigo entender? A Ângela, de certa forma parece nos dar o que pensar sobre isso... Pelo menos eu fico aqui a pensar... Como é isso? (pesquisadora)*

Marina estava silenciosa fazendo movimentos “masturbatórios” em uma camisinha que soprou sob a forma de um pênis. Quando o som sai de sua boca, provoca um silêncio coletivo e sua voz parece fazer povoar de sentidos os tantos ruídos daqueles meninos e meninas cuja sonoridade das vozes ainda eram difíceis de serem escutadas pela pesquisadora.

- *Olha, quer mesmo saber? Queremos falar de coisas tipo... Eu, por exemplo, gosto de meninos e de meninas, o que você acha?*

Risos...

- *Acho que tem gente que gosta de meninos, gente que gosta de meninas e gente que gosta de gente em geral e você, ao que parece, é uma delas. (pesquisadora)*

- *Não é disso que eu estou falando... Eu tô te dizendo que gosto de transar com homens e com mulheres. Aliás, muito mais com mulheres...*

- *Eu entendi o que você quis dizer... Mas vou repetir de outra forma. Tem gente que gosta de transar só com homens, gente que gosta de transar só com mulheres e gente que gosta de transar com toda gente... (pesquisadora)*

Muitos risos...

- *Ah! Mas você entende isso, ou pelo menos parece que entende... Mas vai explicar pro meu pai... Sabe, Dagmar, meu pai não quer saber disso não. Já apanhei muito na vida e tive que cuidar de meus onze irmãos pros meus pais trabalharem. As pessoas sabem mesmo é criticar, não entendem nada o que se passa com a gente. Você perguntou o que queremos falar sobre sexo? Quer mesmo saber?*

A menina pálida, aparentemente pela falta de exposição ao sol, e de cabelos curtíssimos, negros, combinando com todo o resto de sua vestimenta, descruza as pernas e planta seus *boots* pesados no chão, arregaça as mangas de sua jaqueta e as pernas de suas calças deixando expostas suas cicatrizes, marcas de cortes de gilete feitas por ela própria, mas que nos deixa dúvidas se, ali, em cada corte, também não estavam outras mãos segurando as suas...

Enunciações discursivas sobre *DST, HIV ou métodos anticoncepcionais*, palavras de ordem, mas que não se constituem dispositivos potentes que produzam desdobramentos, intensidades onde o pensamento aconteça não na interpretação, mas na experiência como se é tocado. Pensamento que atua quando forças se colocam em atividade, gerando multiplicidade, destituindo formas únicas de conceber o mundo, produzindo modos outros de conceber a sexualidade. Uma sexualidade que pulsa por acontecimentos que escapam ao controle, engendrando novos espaços-tempos, fluxos, linhas de fuga que produzam novos agenciamentos e que nos deixa em constante interrogação.

Mais uma vez o filósofo (DELEUZE, 2006) faz lembrar à pesquisadora que o “pensamento é como um mergulho que traz sempre algo à luz. Tem que fazer dobras, e de repente se distender como uma mola” e ela, então, fica a pensar com Foucault (2006)...

[...] Tinha-me posto à procura destas espécies de partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto elas próprias forem mais pequenas e difíceis de discernir. Para que algo delas chegasse até nós, foi, porém necessário que um feixe de luz, ao menos por um instante, as viesse iluminar. Luz essa que lhes vem do exterior. Aquilo que as arranca à noite em que elas poderiam e talvez devessem sempre, ter ficado, é o encontro com o poder; sem este choque, é indubitável que nenhuma palavra teria ficado para lembrar o seu fugidio trajeto. (p. 97).

1.2 As questões teórico-metodológicas

1.2.1 Ceci n'est pas une pipe...



A alusão de Foucault e suas observações sobre a obra de Magritte para pensar alguns aspectos a respeito de signos, significados e significantes na linguagem me tomaram de assalto, provocando estranheza, me lembrando de que, nem sempre, as coisas são como as vemos. Nelas, estão inseridos inúmeros significantes que vão assumindo diferentes sentidos e significados para os diferentes sujeitos que as experimentam.

O que mais me interessa aqui é sair de uma lógica de pensamento que reduz a vida a um binarismo do tipo opressor-oprimido. Valorizar pulsões que estão para além de qualquer oposição onde cada termo valha por si mesmo. Pensar que o significante se insere em múltiplas correlações de força e que essa dispersão não implica uma correlação de oposição ao outro ou, ainda, que um significante não precisa, necessariamente, representar algo em relação a outro significante. Assim, o

Refiro-me à imagem do quadro deste pintor que ilustra desse subcapítulo.

significante não significa nada que não seja o significado que cada sujeito lhe dá. Tudo isso me fez lembrar o quanto somos “feitos de mundo” e que o mundo não pode ser explicado por um único sentido.

Sob esta visão polissêmica de nossa mundialidade, Magritte nos faz pensar o quanto a aparente e clara imagem de um cachimbo ao ser deslocada de uma linguagem instrumental categorizante, pode produzir enunciados que contradizem a “ordem das coisas”, nos desestabilizando, colocando em questão o caráter fictício ou real daquilo que vemos, ouvimos ou falamos.

Ceci n'est pas une pipe nos leva a pensar que o fictício não está em oposição ao real, oferecendo-nos uma linguagem que rompe com “o que nomeia as coisas”, fazendo-as falar para além de um “ser já dividido pelo soberano poder das palavras” (FOUCAULT, 2006, p. 68).

Por isso mesmo, acredito que não deveríamos escrever teses para explicar a realidade, mas, para compreendê-la, experimentá-la, o que poderia envolver uma transformação, pois entendo que o conhecimento de “certas coisas” na vida não se limita à incessante “busca de uma realidade que a tornasse possível e lhes desse um poder imperioso”, mas, de manter as experiências em sua superfície sem profundidade, em volumes imprecisos de onde elas nos vêm, vibrando em torno de seu núcleo indeterminável, onde seu solo seria justamente uma ausência de solo. Posto que o discurso transpõe os limites de qualquer posicionamento, quando eles vêm até nós e nos chegam já desdobrados. (FOUCAULT, 2006, p.69)

Talvez assim, não marcando posicionamentos, terei me aproximado de algumas coisas da vida que se deixam escapar pelas vozes que expressam suas estéticas existenciais. Vozes, que nesse trabalho, tento dar brilho, mas sei que, em seus cotidianos, desvanecem, até que se defrontem com outra forma de poder que as façam falar. Realidade? Ficção? Pouco importa, o que me interessa é o instante em que a vida flui sem se deter em um tempo mensurável enredando vidas que se laçam e desençam, pois tanto a realidade (?) como a ficção (?) constituem nossos modos de existência.

Nesse sentido, incluo esta pesquisa como espaço de poder que “ilumina” essas vozes.

Também, Calvino (2003) me faz pensar se as subjetividades não seriam como nuvens a nos atravessar ora dispersas como vapores fluidos que se dissolvem na amplidão ora densas e opacas dificultando sua dispersão. Se, entre as palavras e os fatos por elas descritos se inserem temporalidades e espacialidades difusas, nos vemos diante de um desafio sobre como pensar e transcrever os fatos experimentados na pesquisa.

Em um de seus artigos, Foucault (2006) nos aponta como uma das possibilidades da escrita “dar-se a ver, mostrar-se, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro.” Mas também “tratar-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volve a si próprio quando se afere as acções quotidianas às regras de uma técnica de vida” (p. 150-160).

É certo que a escritura registra e perpetua a palavra, mas também não tenho dúvidas do muito que se perde de “palavra viva”. Refiro-me ao gesto, ao esboço de um sorriso, às trocas de olhares, inscrições do corpo tão difíceis de tornarem legíveis. Portanto, creio que este seja um dos desafios desse trabalho; fazer coincidir olhares onde a técnica da escrita não se reduza à mera aferição, mas que as palavras operem como dispositivos superando os limites da forma buscando no seu conteúdo a expressão estética que, como ainda nos indica Benjamin (1994), só quem está ocupado com o texto permite-se captar o real com sua alma.

E nessa busca por uma escrita que não se pretende à fixação dos sujeitos numa linguagem significativa, encontrei, também, na poesia de Manoel de Barros (2000) a possibilidade de *trans-crever* a partir de um olhar que “*trans-vê, posto que, muitas vezes*, as subjetividades são como “sopros a nos ventilar”. Eis então, um grande desafio: captar movimento naquilo que “à primeira vista” nos parece estático, muitas vezes por considerarmos localizados em nossa interioridade.

Sobre isso Pelbart (1989) me ajuda a pensar quando aponta que para Foucault a linguagem não mais pode ser concebida como no passado – “um controle sobre o tempo, seja sob a forma de retenção de um passado (história) ou anúncio de um futuro (profecia), muito menos epifania da verdade e tampouco a manifestação de um nada”... (p.124)

É preciso que se estabeleça uma outra relação sobre pensamento e linguagem. Uma relação que privilegie a exposição ao fora e ao entre-forças opondo-se à tradicional concepção sob a qual o fora é mediado por uma interioridade que resulta em uma nova interioridade. É sob essa estética que o pensamento deixa de ser uma faculdade para se tornar abertura em relação ao fora e que suscita uma nova relação com a escrita.

Em Diferença e repetição, Deleuze (2006) se pergunta como escrever senão sobre aquilo que não se sabe ou que se sabe mal? E parece responder à questão comentando que esse é necessariamente o ponto que imaginamos ter algo a dizer. “Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro.” Assim, Deleuze me deixa ainda mais inquieta com seus comentários. (p.18)

Não creio que ao fazer uso de dispositivos técnicos e de metodologias que consideram a aparência das coisas possa apaziguar meu espírito. Por esses motivos justifico minha preferência à inquietude que busca nas estéticas existenciais de homens e mulheres suas lutas pela vida.

Foi por essas vias do pensamento e da linguagem que encontrei nas técnicas cinematográficas de montagem de Documentário estéticas que me possibilitassem estabelecer relações Fora, entre-forças, para expor algumas políticas de produção de subjetividades nas imagens de pensamentos expressas por alguns jovens.

1.2.2 A estética do documentário...

Com o balanço do leque a extensão deste recontar seria composta por intensidades que ultrapassariam na inconclusividade os limites do corpo que diz eu e o Rio de Janeiro comprimido por paisagens saturadas de significado. Entre portas fechadas o espaço é traçado por extensões de afetos impessoais; nesta geografia nenhum gesto ou corpo é esgotado pelos limites das suas bordas.

Luis Antonio Baptista

Por que pensar no documentário cinematográfico como inspiração metodológica para a pesquisa?

Inspirada na estética de Walter Benjamin, uma estética que se constitui de narrativas, imagens e citações que iluminam dimensões da vida que ficam à sombra, busquei, na perspectiva de montagem do cinema documentário, mais especificamente, de Eduardo Coutinho, uma forma alegórica que me desse suporte metodológico para mostrar as relações que jovens produzem com a vida e que se “escondem” nas dobras entre luzes e sombras.

Falar de sombras pode nos dar uma impressão melancólica da obra do filósofo alemão, questão que vem gerando muitas polêmicas de ordem acadêmica, mas, que entendo como dimensão estética na obra de Benjamin, ou seja, expressão alegórica. Alegoria que transforma as tristezas e as perdas em força maquina de criação encontrando potências para continuarmos nos fluxos da vida. Esta é a proposta que enseja a construção de minha tese e o motivo pelo qual busco na estética do Documentário de Coutinho os meios pelos quais jovens possam expressar o ponto em que “recusam o brilho da diferença” e nos comove fazendo-nos pensar na “[...] intensidade impessoal de suas histórias; impessoalidade que descentra de uma vida em particular a origem e a propriedade de quem a contou. [...]”, narrativas impessoais, que segundo Baptista, nos convidam a usá-las, e a continuar contando-as artesanalmente abrindo-se como um leque a ventilar múltiplas possibilidades de estar e fazer o mundo. (BAPTISTA, 2008, p.62-63),

Ao trazer o cinema documentário como alegoria metodológica em meu trabalho, tento me distanciar dos símbolos determinados por significantes através de uma estética que, ao dizer o outro, procura aproximar-se da concepção benjaminiana em que as alegorias traduzem imagens de pensamento e que das ruínas podemos realizar novas construções.

Apesar de, muitas vezes, o senso comum caracterizar o cinema documentário como um gênero narrativo comprometido com a exposição da realidade, entendo que essa aproximação com o real não a apresenta tal qual ela é, assim proponho o

Alegoria, do grego *allegoria*, significa dizer o outro.

ponto de vista de que, como no cinema de ficção, este se constitui numa representação parcial e subjetiva da realidade.

Julgar que o documentário seja capaz de apreender a realidade ou mesmo reconstituí-la através de suas técnicas me parece uma justificativa insustentável. Tenho clareza de que, mesmo quando os relatos e acontecimentos nos remetem a aspectos reconhecíveis da nossa própria existência, não podemos tomá-los como generalidades.

Como Vargas Llosa (2004), defendo que a ficção enfoca a realidade de outra maneira:

A 'irrealidade' da literatura fantástica se transforma, para o leitor, em símbolo ou alegoria, quer dizer, na representação de realidades, de experiências que se pode identificar na vida. O importante é isso: não é o caráter 'realista' ou 'fantástico' de um enredo que traça a linha fronteira entre a verdade e a mentira na ficção. (p. 14).

Tanto no cinema ficcional como no Documentário o espectador se vê “encarnado” nos protagonistas sejam eles personagens ficcionais ou pessoas reais, importando muito mais a comoção que se dá na dimensão estética de seus relatos do que as palavras que designariam aquilo que deveria nos sensibilizar. Aliás, “comover” bem expressa a intenção dessa pesquisa. E o que está em questão aqui é o movimento. Não a “permanência no falso movimento, no movimento lógico abstrato, isto é, na ‘mediação’, mas, o movimento capaz de comover o espírito fora de toda representação; trata-se de fazer do próprio movimento uma obra, sem interposição; substituir representações mediatas por signos diretos; inventar vibrações, rotações, giros, gravitações, danças ou saltos que atinjam diretamente o espírito”. (DELEUZE, 2006, p. 29)

Para Matela (2008, p.99), o cinema possibilita um encontro entre diferentes sujeitos com histórias e culturas distintas; um encontro perpassado pelas emoções vivenciadas na tela e que respingam em nós espectadores, ampliando concretamente aquilo que vemos e vivemos, proporcionando-nos um diálogo subjetivo capaz de ressignificar nossas relações culturais, que materializam nossas vivências, e nos humanizam.

A ficção ao repetir inventivamente a realidade nos convida a pensá-la sobre formas diversas. Transitar por contextos onde a imagem de um cachimbo não signifique necessariamente um cachimbo e a entender que os conceitos sempre podem ser recriados em seus sentidos o que se contrapõe as possíveis determinações que estes possam aferir.

Para o cineasta francês Jean-Luc Godard (in: DUCLOS & JACQ, 2005), "*o bom documentário tende à ficção; a boa ficção tende ao documentário*". O cineasta-autor me faz pensar que, há algum tempo, o documentário deixou de lado a pretensa intenção de apresentar um reflexo neutro daquilo que filma, procurando nos restituir a realidade sob uma nova sensibilidade estética, uma estética que procura reinventar a sua relação com a realidade.

Ao contrário do que se possa pensar, um documentário não se constitui no registro fiel da realidade sem que haja as interferências do cineasta. A intervenção se torna inevitável. Distanciando-se da perspectiva de uma suposta neutralidade, o que se espera de um documentário é "[...] que esta intervenção faça vir à tona aspectos do real. O que ele [Eduardo Coutinho] filma é esta intervenção, como o real se revela graças a esta intervenção, que envolve o documentarista na sua relação com o que ele filma." (BERNARDET, 2005, apud MATELA, 2008)

Quanto a isso, o cineasta nos diz que o documentário não tem que informar, educar, não é jornalismo. "O documentário mostra maneiras de se ver o mundo e, o diretor empresta-lhe seu olhar sem reproduzir a realidade em si, sem pretender desvendar a totalidade dos fatos" (FREITAS, 2004, p.58-59)

Quando optei por uma construção metodológica que se aproximasse da montagem técnica do documentário, foi por este gênero inspirar a possibilidade da "vitalidade com que as pessoas se expressam, no insólito das invenções verbais, das práticas de sobrevivência, enfim, a vida no precário [...] como razões que o cinema [...] nos dá para continuar acreditando no mundo." (LINS, 2004).

O desafio a que me propus consistiu em encontrar um meio onde as narrativas de meus interlocutores na pesquisa estivessem dispostas de maneira a propiciar ao leitor maior liberdade na construção de sentidos com suas falas.

Como dito anteriormente, de forma alguma minha intenção foi realizar um trabalho sobre jovens, mas acompanhar alguns fluxos nas relações entre eles e a vida. E foi pela via do cinema documentário que encontrei a estética que pudesse dar materialidade ao que considero como princípios éticos da pesquisa: “escutar e entender as razões do outro sem lhe dar necessariamente razão.” (COUTINHO, 2000, apud BENTES, 2007, p. 236).

Transpondo os princípios de Coutinho para a pesquisa, concordo com o cineasta, a quem, não me cabe, enquanto pesquisadora, julgar ou tirar conclusões a partir do que vejo ou escuto. E, como ressalta Bentes (2007), não se trata de neutralidade nem rejeição do ponto de vista do autor, mas de uma relação original entre o seu ponto de vista e o de seus interlocutores. Relação essa que suscita pensamentos que podem ser narrados também. Não necessariamente aqui, mas entendo que quando estabelecemos uma relação constituímos também uma experiência com o outro.

Assim, o documentário adquire uma forma capaz de estabelecer diálogo com a realidade, de travar uma relação dialética com as questões postas em sua narrativa sem que se veja obrigado a garantir uma transposição perfeitamente real com a realidade.

Influenciada pelo cinema de Eduardo Coutinho, tento transpor, para minha metodologia de pesquisa, os meios que desdobram sentidos em seus filmes, onde pessoas reais nos falam sobre suas existências que, ao serem compartilhadas, mostram na diversidade de suas experiências, formas de estar no mundo que apontam muito mais para os enfrentamentos do cotidiano do que para desistências diante das adversidades da vida.

Com essas considerações trago para o texto a dimensão política de minha metodologia. Ao colocar em circulação alguns movimentos narrativos, tento partilhar experiências existenciais que me desdobraram sentidos, mas que não sejam necessariamente os mesmos sentidos que suscitarão em outros leitores. Procuro articular os *textos* dos sujeitos da pesquisa em diálogo com os *textos acadêmicos*. Apresentando-os como co-autores na medida em que ora respondem as questões por mim colocadas em textos já previamente escritos, ora eu os respondo com

textos criados a partir dos sentidos que suas falas a mim ensejaram e que vão sendo editadas sob a estética de um documentário onde as imagens se criam nas expressões de pensamentos. Pensamentos de meninos e meninas que mesmo muitas vezes vivendo uma dura realidade resistem com seus sonhos.

I.2.3 A montagem...

la o Silêncio pela rua carregando um bêbado. (...) Fotografei esse carregador. (...) Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado. Fotografei o perfume. Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra. Fotografei a existência dela. Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo. Fotografei o perdão.

Manoel de Barros

Na busca de procedimentos que atendessem à dimensão ética/estética dessa proposta de pesquisa, procurei obter escutas faladas, mudas, incessantes de alguns de jovens estudantes nas várias situações enfrentadas não só na escola, como na vida. Situações essas que envolvem preconceito, precariedade, violência, mas também vitalidade, potências, intensidades e esperanças.

Mesmo antes de entrar na escola Estadual onde a pesquisa foi realizada, já trazia, em minha bagagem, o desejo de manter um compromisso ético que a meu ver envolve o respeito à alteridade e ausência de julgamentos. Por esse mesmo motivo, evitei estabelecer escolhas prévias e contar com os imprevistos.

Iniciei meus encontros nas salas de aula, suprindo a ausência de professores. Isto significava que, em minhas idas à escola, poderia ou não desenvolver as atividades previstas já que estas estavam condicionadas a alguma ausência de professor. Coincidentemente ou não, esta condição deixou de ser imprevisto e passou a me favorecer, já que, todas as vezes em que fui à escola, sempre havia

ausência de um ou mais professores, uma realidade expressiva nessa escola, o que facilitou meus encontros com os jovens.

Quanto aos meninos e meninas que participaram do trabalho, tinham idades diversas, pois trabalhei com o nono ano do ensino fundamental até o terceiro do ensino médio, portanto, jovens entre 15 a 18 anos e de níveis socioeconômicos próximos em sua maioria, oriundos de classes populares de baixa renda. Nesses encontros, abriam-se espaços para que esses jovens polifônicos falassem livremente de suas vidas na escola ou fora dela, seus projetos e inquietações.

Ao longo desse processo, esses jovens iam expondo suas visões distintas e autorais sobre o mundo. Mais do que relatos, encontrei estéticas existenciais que, mesmo experimentando sentimentos de desamparo diante de um mundo que tantas vezes se mostra tão adverso a todos nós, estão buscando caminhos para se contrapor a destinos anunciados. Em que a vida vai se irrompendo... Fazendo-se travessia.

E foi assim que fui conhecendo as histórias de Wagner, um menino cujo sonho era sair do “buraco” onde morava e que achava que ser “gerente da boca” poderia ser uma porta de saída para seus problemas, mas, apesar de seu discurso, durante os dois anos em que estive em contato com a escola, continuava lá, de mãos dadas trocando olhares apaixonados com sua namorada. Ou Miguel, um menino de olhar melancólico para quem a razão estava ali, no bairro balneário onde seu pai morava, mas seu coração encontrava-se na favela em que morou a maior parte de sua vida até então, com sua mãe e sua avó materna, e que teve de sair de lá para não fazer uma “besteira” com seu padrasto que espancava sua mãe, confirmando em seu olhar a intensidade de forças que nos potencializa a transformar tristezas e perdas em recriação da realidade, como pude perceber na alegria como dançava na festa junina, ou ainda na quadra; onde era lugar comum vê-lo, vibrante, jogando nos intervalos entre uma e outra aula. Ou Alice a menina que foi “criada como uma princesa mesmo morando na favela” e que me mostrou que a cidade não está tão partida como promulgam alguns discursos, refutando algumas concepções sociológicas através de uma foto tirada por ela onde o

As atividades consistiam em encontros livres onde as pessoas ali presentes tinham a liberdade de exporem opiniões, questionamentos e experiências sobre temas que eles mesmos escolhessem.

shopping, lugar de encontro de grande parte daqueles jovens, se constituía espaço de intersecção entre habitantes da favela e de um condomínio de classe média alta. Ou ainda Marina, a menina com jeito de garoto que se vestia de negro como a velar um eterno luto, mas que passou a me acompanhar, na maioria dos encontros, porque “gostava da maneira como eu falava em forma de poesia”.

Jovens que me forneceram as imagens que tento transportar para esse trabalho e que pode nos comover com suas histórias pessoais/impessoais, histórias que expressam dimensões existenciais que podem ser de qualquer jovem na medida em que podemos reconhecer outros tantos jovens nesses jovens, mesmo ciente de suas singularidades.

Essas e tantas outras histórias comigo compartilhadas ao longo de meu doutorado e que ora trago - algumas delas - aqui como forma de experimentarmos o não preenchimento de vazios, mas, de povoar velhos argumentos negativos de forma afirmativa, onde sempre é possível escapar, fazer de outro modo, pois sempre, de algum jeito, haverá uma via de escape, como nos aponta Lins (2004).

Se, em princípio, os encontros em grupo me bastavam, com o passar do tempo, sentia necessidade de um encontro onde o outro pudesse passar como transgressão aos códigos, linhas de fuga que descodificam e se opõem ao que está previamente determinado.

Nesse sentido busquei uma estética que procurou articular os olhares de alguns jovens sobre seus cotidianos - através das lentes de uma câmera fotográfica - às imagens de pensamento que essas produções poderiam suscitar.

Foi então que distribuí algumas máquinas fotográficas descartáveis para alguns meninos e meninas que se prontificaram a participar mais diretamente da pesquisa e pedi que eles me trouxessem imagens de coisas que chamassem a atenção deles. A questão que foi colocada se referia a uma tentativa de trazer seus olhares sobre as coisas que lhes eram significativas.

A partir da revelação das fotos, ia promovendo encontros individuais gravados onde me contavam suas experiências a partir das imagens que eles produziam.

- Bem, Miguel... Você lembra por que eu pedi para você tirar essas fotos?
(pesquisadora)

- Pra ver meu olhar sobre o mundo.

- Eu queria que você me falasse um pouquinho dessas fotos. Você já me falou alguma coisa sobre essas suas fotos de rosto que não saíram bem como você queria. Aliás, o que você queria é que saísse, ao fundo, a favela. (pesquisadora)

- É...

- Por que você queria sair à frente da foto com a favela ao fundo?
(pesquisadora)

- É porque eu queria demonstrar que a favela não é só sofrimento, essas coisas de gente mal educada como muitas pessoas pensam por aí. Eu queria mostrar que a favela é lugar onde as pessoas que vivem lá gostam de viver e muitas vezes bem melhor que muita gente que vive em apartamento de luxo, casarão e tudo mais.

Ao trazer este fragmento da entrevista com Miguel, pretendi apontar a maneira que me dispus a relacionar-me com as falas dos sujeitos: lidando com elas imediatamente, sem o recurso da interpretação que, preocupada com a objetivação, poderia me desviar da dimensão utópica da leitura do astrólogo que quando “lê” o destino da pessoa em relação à posição dos astros, vislumbra numa perspectiva de movimento, de deslocamento, entrevendo nessa leitura não o abecedário, mas a potência do futuro (BENJAMIN, 1994, p.112).

As fotografias que o jovem tirou, propiciou inicialmente, uma leitura equivocada das imagens que vi, pois se tratava de uma seqüência de cinco fotos onde seu rosto aparecia em close sob o fundo negro. Mas, ao ouvir seus comentários a respeito das fotos e da favela pude estabelecer outra relação não só com aquelas imagens, mas também com Miguel. Os significados atribuídos pelo jovem me propiciaram um deslocamento de sua (dis) posição existencial.

Foi buscando essa dimensão ao mesmo tempo mágica, mas também semiótica da linguagem, que me inspirei na linguagem do cinema documentário como estética que poderia transpor, para um trabalho escrito, as vozes daqueles com quem compartilho a autoria deste trabalho. Estética essa que me permitisse expressar essas duas dimensões já que neste percurso a dimensão semiótica me fez ver que, nem sempre, o que se diz ou o que se vê *est une pipe...*

II CAPÍTULO

Cartografias dos espaços da pesquisa

O homem que falava sozinho na estação central de munique que língua falava? Que língua falam os que se perdem assim, nos corredores das estações de comboio, à noite, quando já nenhum quiosque vende jornais e cafés? O homem de munique não me pediu nada, nem tinha o ar de quem precisasse de alguma coisa, isto é, tinha aquele ar de quem chegou ao último estado que é o de quem não precisa nem de si próprio. No entanto, falou-me: numa língua sem correspondência com linguagem alguma de entre as possíveis de exprimirem emoção ou sentimento, limitando-se a uma sequência de sons cuja lógica a noite contrariava. Perguntar-me-ia se eu compreendia acaso a sua língua? Ou queria dizer-me o seu nome e de onde vinha àquela hora em que não estava nenhum comboio nem para chegar nem para partir? Se me dissesse isto, ter-lhe-ia respondido que também eu não esperava ninguém, nem me despedia de alguém, naquele canto de uma estação alemã; mas poderia lembrar-lhe que há encontros que só dependem do acaso, e que não precisam de uma combinação prévia para se realizarem. —É então que os horóscopos adquirem sentido; e a própria vida, para além deles, dá um destino à solidão que empurra alguém para uma estação deserta, à hora em que já não se compram jornais nem se tomam cafés, restituindo um resto de alma ao corpo ausente —o suficiente para que se estabeleça um diálogo, embora ambos sejamos a sombra do outro. É que, a certas horas da noite, ninguém pode garantir a sua própria realidade, nem quando outro como eu próprio, testemunhou toda a solidão do mundo arrastada num deambular de frases sem sentido numa estação morta.

Nuno Judice (*Um Canto na Espessura do Tempo* 34)

II.1 Esta juventud de ahora

Sería curioso el establecer la fecha histórica en que tal frase comenzó a poblar las conversaciones de los mayores refiriendo se a los jóvenes, a sus propios hijos o a los que podrían serlo.

María Zambrano

- Tem dias que dá vontade de desistir...

Esta era a sensação da pesquisadora. Afinal, naquele dia em especial, nada parecia dar certo. Já não fosse o descompromisso de alguns meninos que, há semanas, prometiam trazer suas máquinas e, agora, justamente hoje, que uma menina estava com horário vago para conceder-lhe a entrevista, não havia sala disponível para realizá-la.

A coordenadora, enfim, liberou a sala de artes, mas a confusão que se instalou no corredor de acesso à sala de coordenação impediu que a pesquisadora pegasse a chave antes que a porta se fechasse com a entrada dos protagonistas do acontecimento para que as coisas fossem “esclarecidas”...

Tratava-se de uma discussão entre quatro corpos: um corpo docente, dois corpos discentes e um corpo gestor. Os corpos discentes tentavam argumentar enquanto o corpo gestor, diante da “passividade” do corpo docente, enunciava palavras de ordem:

- Não interessa! Vocês já estão errados antes mesmo de saber! Aliás, vocês estão sempre fazendo coisas erradas...

- Mas...

- *Mas nada, estou cansada do desrespeito de vocês! Menino, vocês tem que nos respeitar!*

- *Você fica! (colocando a mão no peito de um dos garotos).*

- *Mas eu sou testemunha dele...*

- *Que testemunha o quê?! Ele não precisa de testemunhas! Você fica! Eu já disse!*

Entram todos e a porta do corredor, que dá acesso às três salas (coordenação, sala da orientadora educacional e uma sala maior, onde ficam os professores), se fecha.

No corredor externo, o corpo discente, que ficou de fora, comenta com a faxineira: - *Nem minha mãe fala assim comigo! A gente tem sangue na veia!* A funcionária faz um movimento afirmativo com a cabeça concordando com o comentário do menino.

Do lado de fora, a pesquisadora fica a assistir as imagens sem som através do vidro que faz a sala parecer um aquário. Na leitura dos corpos, ela tenta decifrar o que acontece lá dentro.

O corpo discente, que aparentava não mais do que dezesseis ou dezessete anos, é sentado em uma cadeira. Colocado no seu “devido” lugar, o corpo vai se encolhendo, perdendo sua vitalidade jovem como se fosse desaparecer, escorrer pela cadeira como uma pasta disforme que se vai dissolvendo em direção ao chão na medida em que o corpo docente (agora não mais tão passivos) e gestor crescem soberanos em força e poder, como gigantes, sobre o corpo de estudante acuado. Gestos impositivos, dedos em riste e expressões inaudíveis, mas visivelmente autoritárias, saíam de suas bocas enquanto as palavras de Foucault (1977) ressoavam no ouvido da pesquisadora dizendo-lhe que “O corpo está mergulhado num campo político onde as relações de poder têm alcance imediato sobre eles; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam...” (p.28)

Mas os corpos também parecem ter seus limites de suplício e o corpo jovem potencializa-se, recria força e intensidade rebelando-se, levanta numa irrupção súbita que o retira de sua condição amorfa recuperando sua solidez expressando gestos de enfrentamento.

Imediatamente, a pequena sala se enche de outros corpos docentes que, provavelmente ao ouvirem a gritaria que, para a pesquisadora, continua surda - se unem em torno dos colegas como uma muralha de corpos em reforço à possível ameaça daquele corpo de não mais do que dezesseis ou dezessete anos e que, mais uma vez, se dissolve na cadeira. Muitas vozes mudas e a porta, enfim, se abre, o corpo estudante é conduzido ao portão de saída da escola por um corpo inspetor com sua sentença na mão: suspenso até segunda ordem só podendo retornar com a presença do corpo responsável.

¿No podemos preguntarnos acaso si 'esta juventud de ahora' no será simplemente la heredera de la impaciencia y de la exasperación producidas por una promesa de un cambio absoluto, radical en la condición humana? ¿No son los mayores los que tendrían que reflexionar acerca de la urgencia de una reforma en las promesas de felicidad (...) y aún curarse ella misma?

María Zambrano (2007: 93)

II.2 Conversações...

“Ouvindo não a mim, mas ao logos, é sábio concordar que todas as coisas são uma”

(Heráclito, 50 – Fragmentos Contextualizados)

“O Logos se fez carne e habitou entre nós”

(Jó 1:14)

Por que reunir essas duas citações como entrada para esse subcapítulo? Poderia justificar minha escolha pela inspiração em Benjamin que, ao longo de sua obra, utilizou-se de textos da cultura humana como alegorias, talvez, segundo Schneider (2005), para mostrar que “todo texto é resultado de determinações culturais ao mesmo tempo em que veículo e forma de sua transmissão e tradução”. Ou pelo simples fato de terem me tocado como relampejos para a construção do longo texto que tenho pela frente. O fato é que seus autores foram pensadores que, já nos primórdios da civilização humana, expressavam “certas conversações” que, segundo Deleuze (1992), “duram tanto tempo que não sabemos mais se ainda fazem parte da guerra ou já da paz.”

Se bem que não é a guerra ou a paz que estou buscando, mas provocar *certas conversações* que me ajudem a captar fluxos cujas forças estejam em *constantes guerrilhas*, sem vencedores, para que possamos viver convivendo com a contradição.

Assim, ao travar essas conversações, estou buscando, na linguagem, a contradição que possibilita a compreensão enquanto conhecimento não objetivado. A destruição de um caráter positivista de uma cientificidade que se caracteriza pelo esquecimento de que os próprios pressupostos epistemológicos que a sustentam se pautam em condições que só são possíveis na sedimentação das diversidades que procura normatizar.

Por isso, busco, nessas conversações, o caráter do encontro onde se dá a destruição das totalizações, um caráter a quem Benjamin chamou de destrutivo, pois *“o mundo se simplifica terrivelmente quando se testa o quanto ele merece ser destruído. Este é o grande vínculo que envolve, na mesma atmosfera, tudo o que existe. Esse reconhecimento cria espaço; abre caminho.”*

Ainda como diz Benjamin (1995, p. 25), “o desdobramento de todo movimento humano, quer se origine de impulsos espirituais ou mesmo naturais, está voltado à desmesura da resistência do mundo circundante.” Um mundo onde a liberdade do diálogo estaria se perdendo.

Se antes, entre seres humanos em diálogo, a consideração pelo parceiro era natural, ela é agora substituída pela pergunta sobre o preço de seus sapatos ou de seu guarda chuva. Fatalmente impõe-se, em toda conversação em sociedades, o tema das condições de vida, do dinheiro. No caso, trata-se não tanto das preocupações e dos sofrimentos dos indivíduos, nos quais talvez pudessem ajudar um ao outro, quando da consideração do todo. É como se se estivesse aprisionado em um teatro e se fosse obrigado a seguir a peça que está no palco, queira-se ou não, obrigado a fazer dela sempre de novo, queira-se ou não, objeto do pensamento e de fala. (BENJAMIN, 1995, p. 23)

Essas evidências me levaram a buscar, nas vozes de jovens estudantes de uma escola pública, imagens de pensamento que traduzam algumas estratégias existenciais, criadas por estes, como resistências, diante de uma experiência transitória e fugaz que faz de todos nós habitantes de um mundo de incertezas cada vez mais mercantilizado por mecanismos de globalização. Uma globalização que nos faz caminhar entre redes, cujas matrizes se dispersam e as relações se dão em um espaço/tempo de conexões e desconexões aleatórias, provocando inseguranças e nos conduzindo a constantes deslocamentos (BAUMAN, 2007).

Apoiada em Larrosa (2001), entendo *que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.”* Mas foi com Benjamin que passei a ficar atenta sobre a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Talvez por isso Larrosa evidencie que

em nossos dias, “*nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara*”.

Larrosa (2001) me remeteu a Benjamin (1994) ao comentar que, para este pensador, o periodismo seria o grande dispositivo moderno para a destruição generalizada da experiência. Ao observar o declínio da arte de narrar, o filósofo alemão comenta que esta, cada vez mais, foi sendo substituída por formas expressivas diferenciadas, como o romance e a informação jornalística moderna. “*A arte de narrar está em vias de extinção*” nos alerta Benjamin (1985). Com o conjunto de transformações promovidas pelo sistema capitalista, a arte de contar a mesma história oralmente, geração após geração, cedeu lugar às novidades ocupando o lugar da experiência (memória e tradição compartilhadas coletivamente) intensificando a vivência individual, característica da modernidade.

Seguindo os passos de Benjamin, Larrosa comenta que “o periodismo destruiria a experiência, pois este não seria outra coisa que a aliança perversa entre informação e opinião” o que oportunizaria o gradativo depauperamento da memória fazendo com que o homem perca seus elos com a tradição. Partindo desses comentários, penso que a chamada “sociedade do conhecimento”, tão propagada nos dias atuais, vem-se constituindo através da informação e da opinião em detrimento de um conhecimento que *nos aconteça como experiência*, que nos *passa* e nos constitui enquanto pessoas. Refiro-me às maneiras como nos constituímos existencialmente no mundo.

Colocando em diálogo as citações de Heráclito e Jó, entendo que estas podem produzir conversações que iluminam aspectos obscuros dos momentos que estamos vivendo e que Bauman (2007) considera como “mudanças seminais e intimamente interconectadas, as quais criam um ambiente novo e, de fato, sem precedentes para a vida individual, levantando uma série de desafios inéditos.”

Retornando às epígrafes, Heráclito é conhecido por ser um filósofo que vê o mundo em devir, por vir-a-ser, um fluir contínuo e, por isso mesmo, ao delegar ao *logos*, o lugar da razão, me sinaliza para o que Jó anunciava, levando-me a entender que a razão só tem materialidade enquanto *logos que se faz carne e habita entre nós*. Portanto, uma linguagem que com razão diz o tempo e nele se diz através

da experiência. Linguagem que circula entre nós expressando os significados que damos para os nossos sentidos e que se comparada ao *logos* grego seria a base do real sobre a qual os fenômenos se expõem. Mas que também nos aponta que não há como desencarnar razão de afecção.

A partir daí, a questão que me coloco como pré-requisito metodológico dessa pesquisa, seria tornar a escuta uma experiência de linguagem que *nos passe* dando movimento à palavra, cartografando a realidade em seu permanente devir.

Essa dialética me convida a *travar guerrilhas sem batalhas* mantendo *certas conversações* que, há tempos, vêm durando, possibilitando escutas que construam outra experiência que não a que vivenciamos no momento. Refiro-me a uma vivência em que os caminhos se bifurcam para percursos imprevisíveis, onde experimentamos a superficialidade de um “andar em círculo”, um eterno retorno a lugar algum.

Ao olhar para o mundo, vejo-o em constante transformação, em devir, em relações onde o que pode parecer caos pode ser harmonia coreografada na articulação entre opostos, onde o uno em si mesmo se faz diverso.

Entendo que, se o *logos que se fez carne e passou a habitar entre nós*, é no movimento da vida, nos fluxos da linguagem e em nossa própria corporeidade que se constitui a compreensão polissêmica de nossas experiências no mundo. Que nada de definitivo elas *têm a nos dizer*, mas *passam por cada um de nós*, mostrando que a guerrilha pode ser vista e ouvida como *modo de ser dos acontecimentos*.

É partindo dessas conversações que percebo que não podemos falar pelo outro, mas nos resta a esperança de uma boa conversa, onde as vozes, mesmo que dissonantes, sejam geradoras de experiências instituintes.

Essas considerações expressam o próprio processo de construção deste trabalho que se constituiu como *acontecimento que me tocou*, como propõe Larrosa,

Logos - no grego significava inicialmente a palavra escrita ou falada -- o Verbo. A partir de filósofos gregos como Heráclito passou ter um significado mais amplo, um conceito filosófico traduzido como razão.

deixando resíduos. Um *acontecimento* rico em *experiências* que possibilitaram traçar novos rumos para a elaboração dessa tese.

Espero ter conseguido expressar minha intenção nesse estudo: não se trata de “dar a palavra” como concessão. Talvez, agora refletindo melhor, o que pretendi nesta pesquisa foi ouvir nos ruídos, alguns silêncios que a palavra não consegue expressar. Defendendo a tese de que o pensamento filosófico de Walter Benjamin se pauta pela descoberta, ressaltando as contradições da linguagem, apontando o lugar do silêncio na conversação.

Sempre acreditei que as palavras nos contam histórias que não estão escritas, e que a atenção a seus usos, e principalmente a seus “renascimentos”, poderiam constituir *experiências* que me conduziram para uma dimensão além do nome que as palavras assumem por apropriações sintáticas e ou gramaticais.

Por isso, me propus, neste trabalho, a explorar (desbravar) as palavras expressas ao longo de minha pesquisa de campo, esperando que elas me contassem sobre as *experiências* existenciais dos sujeitos da pesquisa sob uma estética que criasse sentidos ao compartilhá-las com os leitores de minha tese, pois ainda acredito na experiência (*Verfall der Erfahrung*) a que se refere Benjamin (1985). Acredito que o declínio desta experiência, uma experiência pautada em uma tradição que era compartilhada por uma comunidade humana, “tradição retomada e transformada, em cada geração”, não extingue sua possibilidade de potência. Apesar das transformações geradas pela técnica em nossas relações, Benjamin, em *Experiência e Pobreza*, nos deixa a tarefa de “*não nos conformar ou paralisar diante desta nova condição e sim resignificar nossas relações, buscando outra estética a partir dessas novas configurações.*”

Mais do que uma herança através de seus escritos, Benjamin nos aponta uma brecha possível para a presença de “outros” *narradores* na modernidade, cabendo a nós assumir a visão do historiador materialista e indagar sobre a possibilidade da experiência (*Erfahrung*) no mundo moderno. Daí meu interesse em buscar, nas imagens de pensamento de jovens do contemporâneo, as palavras que possam “*nos despertar do torpor do presente e resignificar nosso futuro.*”

Ao propor captar algumas “imagens de pensamentos de jovens”, minha intenção é fugir das representações e seguir o percurso da *poiesis* que possa me apontar para o fato de que “*nem tudo tá dominado!*”, contrapondo-me a idéia de que o jovem, no mundo moderno, estaria vivendo numa inércia, numa suposta “*preguiça de pensamento*”.

Assim, passo agora a inventariar algumas escutas, expondo as reflexões geradas por *conversações*, frutos de produções de sentidos *experimentadas* no percurso da pesquisa, relampejos que vêm gerando as orientações teórico/metodológicas que *se seguem* no texto.

“Mais do que o indizível ficar atenta ao inescutável.”

“Conjugar o infinito do tema com a finitude do meu tema!”

“Estar atenta às contradições!”

“... Afinal... São os jovens ou sou eu que vou estar no lugar de quem vai contar a história?”

“Estar atenta à escrita do texto... Lembrar que, quando se escreve para o outro... o outro precisa compreender o que eu escrevo, pois a escrita também é espaço de pesquisa.”

Por fim... Não esquecer que: *“Eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também!”*

Desde minha entrada em campo, um sentimento que já se instalava em mim parece ter tomado mais força. Refiro-me a uma relação de temporalidade que cada vez mais determina nossas práticas sociais, gerando incertezas que nos requisitam “urgências” em mudar nossas referências para pensar sobre um *sensorium* que, por se tornar cada vez mais apressado, reconfigura os modos de pensar e agir no mundo, como me aponta o diálogo abaixo.

- *Pode falar de celular?*

- *Pode... Mas o que vocês querem falar sobre celular?*

- *Tipo assim... Por que a gente não pode ficar com o celular ligado em sala?*
- Mas você acha que dá? E se tocarem todos os celulares ao mesmo tempo?
- *Você não tá entendendo... A gente deixa no vibra...*
- Entendi... Mas se vibrarem todos ao mesmo tempo?
- *Ahhhh impossível!*
- Mesmo assim eu não entendo. Não dá para ficar com o celular um tempinho desligado?
- *Vai que minha mãe morre! Como vou saber?*
- Se sua mãe morrer alguém vem te avisar... Aliás, se sua mãe morrer já vai estar morta e você não vai poder fazer mais nada.
- *Nossa! Que isso? Puxa como você pode falar assim?*
- Ué? Mas não faz sentido?
- *Eu, hein, professora!*
- Dagmar
- *Ok, Dagmar...*
- *Tudo bem... Mas e ouvir musica?*
- Como assim? Ouvir música no celular durante a aula?
- *É no celular ou no MP3...*
- Mas dá?
- *Dá...*

- Eu tenho a impressão que não conseguiria prestar atenção na aula e ouvir música ao mesmo tempo.

- *Você não tá entendendo... (rindo da minha estranheza) não é assim quando tá na explicação... Tipo assim... A gente ouve quando está na hora dos exercícios ou quando copia no quadro.*

- Ah! Entendi! É, faz sentido...

- *Claro! É um saco copiar o tempo todo!*

Esta e outras *conversas* me levaram a considerar que tenho que abrir mão de meu “olhar de adulto” ao olhar para os jovens. É preciso mudar para uma relação de reciprocidade intergeracional já que, como alguém que se constituiu nos moldes da modernidade, minha visão pode se tornar insuficiente para “reparar” dimensões contemporâneas não perceptíveis aos “olhos modernos”.

Muitas vezes, atribuímos às mudanças políticas mundiais um impacto que repercute nas gerações mais recentes. Não podemos negar que a pulverização do estado moderno esvaziou a força do poder público com a ascensão de um modelo neoliberal que reconfigurou as relações entre público e privado, requisitando novas concepções para as noções de estado, nação e família. Cabe aqui, então, uma questão? Será que estas mutações geram maior impacto nas gerações descendentes ou nas gerações adultas que experimentaram relações espaço/temporais completamente diferentes?

Mais uma vez os jovens me ajudam a pensar...

Nestas *conversas*, minha atenção se voltou para pensar as juventudes como produções de uma época. Pensar as juventudes na perspectiva de uma temporalidade contemporânea que, na maioria das vezes, é estranha, a nós adultos, e que me roubou antigas convicções ao ouvir o comentário de meu aluno.

- *Mas quem está desconfortável com essa tal pós-modernidade é você, professora... E não eu.*

Minha empiria, cada vez mais, me fez compreender que a tecnologia é a marca do contemporâneo, ao mesmo tempo, que sinaliza que não posso me distanciar do fato de que a técnica, enquanto mito de dominação da natureza, pode nos conduzir à perda do controle e deixar que ela nos controle.

Nessa direção, continuo com Benjamin quando nos fala, em *O narrador*, que, com o fim da narração tradicional, precisamos formular outra narração, uma narração que se erga das ruínas da narrativa, uma transmissão que se dê através dos cacos de uma tradição que está em migalhas, portanto uma renovação da memória. Assim, teríamos, agora, que reter, da figura do narrador, um aspecto muito menos triunfante. Uma narrativa que pode estar nas vozes de um homem “ordinário”, este habitante das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder, de não deixar nada ser esquecido. (GANEBIN, 1981)

... Perguntei-lhes sobre seus sonhos e uma menina comentou...

- *Sonhos? Como assim?*

- Sonhos, ué? Vocês não têm sonhos?

- *Sonhar pra quê?*

- *É... Dá tempo pra sonhar?*

- Não acredito que vocês não sonham? Então, o que estão fazendo aqui? Não estão por nada? Algum motivo tem.

Perguntei a cada um *qual era o seu sonho*. Mas a resposta era sempre a mesma... - *Quero ser alguém!* E, diante da nova questão: *o que é ser alguém?* As respostas eram sempre voltadas a uma profissão... A uma inserção no mercado de trabalho...

E assim foram surgindo muitos médicos, engenheiros, psicólogos e outras profissões. Mas... Ao questionar Wagner... Ele respondeu...

- *Sei lá... Quero ser nada não...* (e, rindo, brincou com o primo ao lado) *quero me ver livre desse cara aqui... Se não bastasse em casa, ainda me persegue na escola.* Risadas...

- Wagner... Não entendo. Alguma coisa você sonha... Senão não estaria aqui.

- *Quero trabalhar na boca... Ou ser traficante de armas... Ficar rico...* (risos)

Nesse momento, não resisti e teci alguns comentários. Perguntei se ele conhecia o MV Bill, ele respondeu afirmativamente com a cabeça. Disse-lhe que, baseada em informações de um livro do Bill, ele estava enganado. Que os meninos do tráfico não estavam faturando tão bem assim. Que só aqueles que chegam aos escalões mais altos ganhavam bem. Comparei a relação de ascensão profissional com os jogadores de futebol... Poucos chegavam a ser Ronaldinho. A diferença é que jogador fica por aí ganhando uma miséria em time da terceira divisão e os meninos do tráfico morrem, na maioria das vezes, antes de completar a maioridade. Wagner não falou nada... Permaneceu em silêncio. Um silêncio que falou pelas palavras...

Insisti em querer saber sobre seus sonhos...

- E aí... Além de entrar pra boca, que mais você sonha?

- *Sonho em sair do buraco em que moro...*

- Tá vendo? Mais uma vez você se engana. Como vai sair desse buraco tendo que permanecer lá...

- *Não entendi?*

- Mas você não quer trabalhar para a boca? Desse jeito, não vai sair daquele buraco talvez nunca... Vai ter que trabalhar lá até a vida acabar e, quem sabe... Mesmo depois de morto por uma escopeta da polícia ou numa disputa pela posse da boca, você fique enterrado em outro buraco só que, mesmo assim, dentro do buraco em que você mora.

Novo silêncio...

O sinal tocou e, a meu pedido, eles reconfiguraram a sala como antes, desfazendo o círculo e refazendo as fileiras. Despedimo-nos entre esperanças manifestadas nas falas dos jovens de que outros encontros pudessem acontecer.

Wagner ficou por último, bateu no meu ombro e falou: - *Ai... Valeu, hein!*

II.3 Primeiras Impressões dos Espaços da Pesquisa

- *A vida é uma criança e nós somos um brinquedo.*
- *Pelo que entendi a vida leva vocês para onde quiser?*
- *Como assim?*
- *Não foi você mesmo quem acabou de dizer que a vida não é uma criança e vocês um brinquedo?*
- *Ih! Nem pensei no que falei... foi mal...*

Conversações com Diego

Meu olhar de “adulto”, muitas vezes, me provoca estranheza sobre os modos existenciais de jovens do contemporâneo. Mas também me faz pensar o quanto esse tempo, incerto, fugaz, produz incertezas, mas também descobertas sobre as produções jovens. Por isso, não posso esquecer que meu olhar envelheceu e o que era considerado “jovem” pelos filhos de minha geração, hoje: *tá por fora!*

Tarefa difícil, explicar quem é o jovem contemporâneo (se é que esta definição ainda é possível) diante de tantas *itinerâncias* e mutações onde o *fake* e o original se confundem e o virtual se torna real. Uma juventude cujas faces vêm, cada vez, mais assumindo *rostos que ocultam a “imagem do outro”* em um mundo de fronteiras abertas, permitindo trânsitos e intercâmbios que dificultam as definições conceituais específicas. Não há como não concordar com Canevacci (2005) quando propõe *“uma dilatação do conceito de jovem, virando do avesso as categorias que fixam faixas etárias definidas e claras passagens geracionais”*, rompendo fronteiras cronológicas, espaciais e temporais. Uma cultura *zapping* que promove constantes deslocamentos. Corpos e subjetividades em trânsito contínuo circulando em trajetórias dificilmente mapeáveis.

Perguntei se eles tinham livre acesso para sair da escola antes do horário e um dos garotos me respondeu que não, mas que era fácil sair: *–“Era só se misturar com outros alunos de turmas já dispensadas”*.

Elemento caracterizador da contemporaneidade é a extrema incerteza, a imprecisão, a instabilidade em definir a percepção de si e do outro sobre o ser jovem. (CANEVACCI, 2005, p.29)

Em um mundo cujas referências que circunscrevem identidades perdem sentido, conduzindo nosso sensorio a experimentar relações multifacetadas, fragmentadas, ao mesmo tempo em que construímos e nos constituímos por culturas hibridizadas, transculturalidades mediadas por comunicabilidades *mass-midiáticas*, minhas impressões me levam a desistir de estabelecer uma explicação conceitual do termo e buscar muito mais compreender “*os desdobramentos de todo movimento jovem que estão voltados à desmesura da resistência do mundo circundante*”, que nos singulariza, nos permite viver, sermos nós mesmos, sentir, pensar, falar o que temos vontade...

- E do que mais vocês gostam de fazer?

Risada geral entre os meninos...

- *Ué... sair, zoar, pegação... essas coisas...*

- *Começou... Agora só vem bobagem... Esses garotos só sabem falar disso.*
(Carla)

- Disso o quê?

- *Vai dizer que você não gosta? (João para Carla)*

- *Desse jeito de vocês? Eu, hein... (Carla)*

- E qual é o jeito?

- *Assim... Eles vão pra festa e ficam com um monte... é por isso que mulher tá desvalorizada.*(Carla)

- E você não fica?

- *EUUU? Tá doido? Eu me valorizo... Pra mim só se for namoro. .(Carla)*

De acordo com Guattari (2000, p.68): Identidade e singularidade são duas coisas distintas. A singularidade é um conceito existencial enquanto que a identidade é um conceito de referenciação que é circunscrito em uma dada realidade. “Essa referenciação vai desembocar tanto no que os freudianos chamam de processo de identificação quanto nos procedimentos policiais, no sentido da identificação do indivíduo. [...] *a identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável.*”

- Me explica melhor isso?

- *Sabe como é, né? Essas meninas que só ficam queimam o filme da gente... Daí porque tá difícil de ter namorado. Tá vendo a cara deles rindo? É porque tá muito fácil... Vai namorar pra quê? .(Carla)*

- *Não é bem assim... Tem muita mulhé cachorra... Sabe como é né... Não dá pra arriscar. Vai que a gente confia e leva um chifre... Como fica a reputação? (André)*

-Hummm... Acho que entendi. Vocês estão mais ligados nos outros do que nos seus próprios sentimentos?

- *Também não é assim... Vê só... Eu mesmo namorei oito meses. Gostei legal da menina e ela me deixou... Sofri muito... (André)*

- Ah... Deixe-me ver se agora eu entendi melhor... Você tem medo de se envolver de novo e se machucar. Então ficar é mais seguro porque não tem envolvimento? Não corre risco de gostar? Mas... Quem te garante que você não pode se apaixonar só de primeira?

- *É ruim, heim!? Não acontece não... Sem essa de amor da primeira vez... Isso é só em filme e novela. (André)*

- *Pô! O legal é sair e pegar de montão! (João)*

- Como assim?

- *Assim... Por exemplo... Na Micareta. Passa tanta gata e a gente só vai beijando... É muita mulher gostosa no mundo que não dá pra ficar com uma só... Aí a gente vai beijando... Não quer nem saber... O negócio é beijar... (João)*

- Mas qual a graça de beijar por beijar? A meu ver não dá nem tesão. Ainda mais sair de uma boca para outra e para outra... Não é esquisito?

-Ai... (risada geral)

- Tá por fora! Não tá entendendo? A gente liga pros amigos e fala... Pô peguei vinte na noitada! (João)

- Mas só pra isso! Pra contar pros amigos? E depois?

- Depois (?!)... Sei lá... (João)

Silêncio...

- Pô cara!... Até que ela falou uma coisa que dá pra pensar... Depois... Não bate um vazão de vez em quando? (André)

- É... Bate... Ah! Mas que é bom ficar é... (João)

- Tá vendo? Tudo sem vergonha... Não dá pra namorar! (Carla).

Risada geral.

- Mas me tira uma dúvida... Qual a diferença entre ficar e pegar?

Risos

- Diferença nenhuma... Tudo a mesma coisa... (André)

- Ah, não! Tem alguma diferença sim... Para mim... Me dá a sensação que ficar leva mais tempo e pegar é mais rápido quase que instantâneo.

- É, cara... Até que o que ela falou faz sentido... Quando a gente pega... É pegação geral... Já ficar... Pó... Ficar a gente fica mais tempo se não consegue o que a gente quer... (André)

- E o que vocês querem?

Mais risos

- Você não sabe? Levar a garota pra transar... (André)

- Mas é assim... Vai transando sem conhecer direito? Na mesma noite?

*-Claro! Menina que dá pra gente no primeiro dia a gente não pega mais...
(menino)*

Carla manifesta sua indignação: - *Tá vendo!*

- Mas como é isso? Me explica? E o sentimento como fica?

- Olha, tem menina que é cachorra... Essa a gente pega... Come e nunca mais pega. Porque, se pegar, os amigos vão falar... Sabe como é? (Sérgio)

- Eu? Sei não! Para mim isso tudo é muito estranho. Não entendo essa lógica. Porque a mulher é cachorra se transa no primeiro dia e o homem não?

- É... Concordo com ela... (Carla)

- Ah! Homem é homem né... (André)

- Entendi... Não mudou nada...

- Então, o negócio, viu meninas, é segurar a onda... Fazer jogo duro com eles...

Riso das meninas...

- Também não é assim... (Sérgio)

- Como não é assim?

*- Menina muito difícil a gente descarta... Qual é?!... Fica fazendo jogo duro...
(Sérgio)*

- Não entendo vocês... Afinal, o que querem?

*- Tem que deixar uma mãozinha aqui, outra ali... Mas não deixar tudo...
Entendeu?... (Sérgio)*

- Humm... Então, com essas vocês namoram?

- *Não é bem assim... Com essas a gente fica mais vezes até conseguir?*
(Sérgio)

- É... Mas daí vocês correm o risco de se apaixonar... Ficando mais tempo?

- *Mas, pelo menos, a gente sabe que não é vagaba...* (Sérgio)

- *As mulheres, hoje em dia, tá tudo assim...* (André)

- *Ah, não! Não me inclui nessa não* (Carla)

- E vocês. Não vão falar nada? (me dirigindo a uma menina e a um rapaz que ficaram o tempo todo calados)

A resposta foi um “sorriso amarelo”...

Contradições? Paradoxos? Prefiro “apostar” na multiplicidade de associações e de sentidos que a possibilidade de estabelecer vínculos afetivos assume para esses jovens em uma sociedade que se “alicerça” no risco. Como se equilibrar no fio dessa corda bamba sem a certeza de chegar a algum lugar? Seria ainda possível tecer um fio como Ariadne diante deste emaranhado de “nós” que se atam e desatam com tanta fluidez? Como se tecer nessa história? De que tramas ela é feita?

Talvez estes sejam enigmas que me ajudem a entender para onde vão ou por que se dispersam tanto, jovens cujas vidas parece lhes impor urgência na tarefa de saber o que são...

Meu olhar, acostumado com outro “tempo”, ainda tem dificuldades de entender seus movimentos “rápidos”. Talvez, por isso mesmo, tenha recorrido a Heráclito para ajudar a ampliar meu ponto de vista. Já que *não se pode entrar duas vezes na mesma corrente de um rio*, penso que seja melhor deixar-me levar por várias correntezas, acompanhar seus fluxos em sua pluralidade...

Se... Ouvindo *não a mim, mas ao logos, é sábio concordar que todas as coisas são uma*, talvez aí estivesse o percurso para compreender alguns dos enigmas que a juventude nos leva a interrogar.

Nesse sentido, abro mão de minha linguagem como razão, forma única de compreensão e comunicação do e no mundo para acompanhar os percursos dos *logos* (linguagem) em seus fluxos a fim de compreender as razões dos jovens, pois não é justamente nos fluxos, nas ondulações, nas dobras que podemos manter diálogo entre línguas? A linguagem babélica que seja entendida por todos?

CAPÍTULO III

Imagens de jovens anjos contemporâneos

Os Anjos

*Têm todos bocas cansadas
e almas claras, sem orla.
E passa-lhes por vezes pelos sonhos
uma saudade (como de pecado).*

*Parecem-se quase todos uns aos outros;
estão calados nos jardins de Deus,
como muitos, muitos intervalos
no seu poderio e melodia.*

*Só quando desdobram as asas
é que despertam qualquer vento:
Como se Deus, com as suas largas
mãos de estatuário, passasse
as folhas do escuro Livro do Princípio.*

Rainer Maria Rilke

Como já venho apontando nos capítulos anteriores, dizer o “outro” parece ser uma das principais preocupações de nossas pesquisas em ciências humanas e sociais. Muito se tem falado sobre infância, juventude, velhos, homens, mulheres, homossexuais, loucos, deficientes... Mas será que o muito que se tem falado não está interdito, ou ainda é da ordem do não-dito? A quem interessa que haja uns e outros?

Sabemos que essas práticas acadêmicas têm raízes históricas, raízes fincadas na edificação do conhecimento ocidental e que, muitas vezes, ainda persistem em fundamentar nossos modos de conhecer e pensar. Não podemos esquecer que essas questões já se fazem antigas.

Nessa perspectiva, o “outro se torna presa, alvo, de captura, por provocar estranheza e desestabilizar nossa “ordenação das coisas”, inquietando nossos

saberes e práticas ameaçando a estabilidade das instituições. Esta sensação que, muitas vezes, experimentamos ao nos colocar frente a frente com aquilo que não reconhecemos com o que ainda não sabemos, não é “privilégio” da modernidade técnica, mas característica de processos sociais que caminharam, e ainda vêm caminhando, em relações complexas que comportam interdependências que foram estruturadas anteriormente e que assim entendidas podem determinar nossas formas de ver e conseqüentemente de agir sobre/com o mundo. Mundo que toma para si, como medida, a própria medida de seus olhos. Assim, ao dar nomes e designar lugares reconhecidos ao outro, asseguramos práticas instituídas que justificam nossos modos de saber e agir, posto que tudo o que nos é estranho ameaça nossa segurança.

Sob a intenção de explicar o outro, vamos construindo teorias, tematizando uns e outros na convenção de palavras que inserem qualificações para as diferenças. Palavras que perdem a força do seu sentido original porque, em seus usos, estão implícitas as usuras de práticas hegemônicas que, muito menos que a suposta “generosa intenção” de conferir um pertencimento espaço/temporal ao “outro da estranheza”, nos assegura uma imagem totalizante de nossa existência.

Tanto os discursos acadêmicos, como os espaços de mídia, me deixam com a sensação de estarmos vivendo a “recém descoberta do outro”. Mas, se, de fato, chegamos à conclusão da existência do “outro” (pelo menos em nossos discursos), em nossos fazeres diários, o que podemos observar é que continuamos reproduzindo práticas nas quais não nos incluímos nesta categoria: “outro”.

Álvarez-Uria (1998) nos aponta para o fato de que tanto o fascismo como os totalitarismos experimentados ao longo do século XX puseram em marcha uma instrumentalização desumana do homem que não deixou espaço para um pensamento articulado em termos de gênero humano. Essa constatação me leva a buscar outras dimensões de análise que permitam olhar o presente em sua diversidade. Pontos de vistas que funcionem como um “remédio infalível contra o tédio que facilmente prospera sob o olhar basilisco de um regime reacionário saturado” (BENJAMIN, 1989, p.38)

A contrapelo de um percurso mapeado, cujas rotas estão demarcadas, este trabalho tentou caminhar por paisagens que remetessem à importância de “olhar o mundo como algo dotado de luz, de uma capacidade de nos responder ao olhar, não como cenas naturais, mas como um modo de ver. Ver rostos e cidades como paisagens que se constituam uma ética do olhar.” (BRISSAC, 1992)

Parece que vivemos atualmente sob uma espécie de “deserto argumentativo” cujas paisagens, à primeira vista, nos parecem tão áridas que as vidas ali presentes se tornam opacas à nossa visão. Um deserto inabitado de sentidos porque ainda há quem busque nas juventudes contemporâneas, modelos idealizados que atendiam às demandas de uma participação política engajada em movimentos que se contrapunham a um poder opressor fácil de ser localizado. Embora a fala de alguns jovens, com quem estive ao longo desta pesquisa não mais se encaixem nessas imagens, seus modos existenciais podem apontar para outras vias de micro-enfrentamentos. Se, em nossas conversas, evidenciei a ausência de verdades prontas e acabadas, a ênfase na experiência imediata e em novas formas de sociabilidade entre vínculos que vêm e vão, nas falas desses jovens, em suas próprias contradições percebi um canal aberto, não para conceber um programa comum, uma frente que os unificasse, mas vidas em devir, porque entendo como Deleuze (2006), que, por trás dos contra-sensos, sempre há política. E aí caberia questionar: para que procurar as imagens de outrora se as paisagens não são mais as mesmas? E encontro em Janine (2004) outra pergunta que, de certa forma, responde a essa questão: “Como fazer para que tanta energia juvenil gere resultados que não se apaguem com o tempo, com a passagem à idade adulta, mas que perdurem?” (p.33)

Daí minha opção pelas paisagens que não conduzem a lugares comuns, lugares já muito conhecidos, pois entendo, com base em meus interlocutores teóricos, que é nas errâncias que podemos nos perder pelos labirintos dos sentidos, onde a linguagem possa produzir outras lógicas gramaticais, onde os signos não ditam a ordem dos nossos desejos. Errâncias que nos permitam transitar por uma epistemologia que deve considerar o homem na sua história social, que fala e que só pode ser conhecido pelos seus textos.

Não seria isto também que Rilke nos dá a pensar quando fala de um súbito vento que faz esvoaçar *as folhas do Livro do Princípio*? Não estaria ele nos contando de um tempo onde “cada qual ouvia falar na sua própria língua?” (Atos 2:6). Experiência essa só possível quando conseguimos alcançar os limites da linguagem onde

A gramática, a mesma árida gramática, transforma-se em algo parecido a uma feitiçaria evocatória; as palavras ressuscitam revestidas de carne e osso, o substantivo, em sua majestade substancial, o adjetivo, roupa transparente que o veste e dá cor como um verniz, e o verbo, anjo do movimento que dá impulso à frase (BAUDELAIRE, 2003).

A linguagem, como a entende Benjamin (1985), estabelece uma relação direta entre as palavras e as coisas.

Assim, procuro falar menos sobre jovens e conversar mais com eles. Para entender suas políticas cotidianas, considero ser preciso libertar-me de uma linguagem que opera como estatuto que pretensiosamente dita as formas de dizer o mundo. Comungo com Agamben (1999) da necessidade de nos embrenharmos numa linguagem que nos permita a experiência que resulta de uma comunicabilidade afetada por tensões, ritmos, contradições que expressam nossas estéticas existenciais, posto que “quem nunca alcançou como um sonho, esta substância lenhosa da língua a que os antigos chamavam *silva* (floresta) ainda que se cale, está prisioneiro das representações.”

Contrapondo-me a uma imagem inabitada de temporalidades e da possibilidade de múltiplas histórias, imagem cristalizada que nos faz prisioneiros de representações como a que acredita que os jovens contemporâneos estariam vivendo uma suposta “preguiça do pensamento”, proponho problematizar essas “argúcias” e procurar escutar nas línguas de alguns jovens, narrativas polissêmicas, irrupções que fagulhem intensidades, recusando a conclusividade de definições moldadas segundo uma ordem já estabelecida. Eis a questão que instiga este estudo: pensar os jovens no contemporâneo não como “algo outro”, objeto a saber, mas, como aquele que não se deixa capturar por objetivações, aquele que coloca as

universalidades à prova. Por estas cartografias venho propor que através das experiências existenciais que alguns “garotos e garotas” nos contam, podemos aventar a presença de algumas imagens de pensamentos de jovens sobre o contemporâneo. Mas pensar as experiências jovens a partir de imagens que traduzam seus olhares sobre o tempo que estamos vivendo requisita debruçar-nos sobre algumas interrogações de Brissac (1992):

As imagens atuais têm tempo? Será que elas teriam história, a possibilidade de evidenciar passado? Seriam capazes de durar mais, de não passar tão rapidamente sob nossos olhos? Nada parece mais impertinente e anacrônico do que pedir a estas imagens inquietas e vertiginosas que fiquem. (p.315).

Cabe aqui perguntar de que modo perceber as imagens expressas nas narrativas de jovens? Como dar conta de uma linguagem fora do controle de uma temporalidade precisa, mas que expressa a precisão de sentidos que reivindicam escutas? Talvez essa seja uma questão de tempo...

Foi dialogando com essas interrogações que me encontrei com Jeanne Marie Gagnebin (2005), em “Sete aulas sobre linguagem, memória e história”, compilação que reúne alguns de seus textos publicados em diferentes épocas, mas de itinerários múltiplos que me endereçam a um foco mais específico de interesse. Em *Dizer o Tempo*, ensaio considerado pela autora “o mais pedagógico de todos”, Gagnebin promove uma reflexão sobre a questão da relação entre tempo e linguagem:

Porque não há linguagem que se diga sem se desdobrar nas várias dobras do tempo, nem tempo que possa se configurar e adquirir sentido, por mais fugaz que seja sem ser recolhido e articulado por linguagem. Co-pertencer recíproco que ressalta a sua comum ligação à ausência: a linguagem só remete ao real, às “coisas”, como se diz, porque presentifica sua ausência

Fundamentada na leitura benjaminiana, sobre “contar histórias” e o narrador... “O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo mítico (...). O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando às crianças, que **o mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância.**” (grifo meu) BENJAMIN, 1994, *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.*

e, portanto, como viu bem Maurice Blanchot, anuncia sempre sua morte; e o tempo não se deixa agarrar, mas só nos pertence no seu incessante escapulir, nesse movimento de promessa e de evasão que nos desapossa de qualquer posse, da dos objetos e daqueles que amamos, mas também da posse de nós mesmos. (GAGNEBIN, 2005, p.08)

A filósofa me leva a crer que para pensar o humano sob o olhar das ciências humanas e sociais há que pensá-lo a partir de suas intensidades presentes, no contexto de sua própria experiência temporal. Intensidades temporais, temporalidade humana algo que transcende a concepção ingênua de um tempo cronológico, linear ou, como sugere Benjamin ao criticar o historicismo clássico, um tempo “homogêneo e vazio” e que me conduz à mesma questão de Gagnebin (2005):

Hoje, quando não podemos mais acreditar com a mesma certeza tranqüila, que o Outro de nosso tempo seja a eternidade divina, como conseguir, porém, uma compreensão diferenciada, inventiva da temporalidade e da história humana em suas diversas intensidades? (p.77)

Ao pensar sobre esta questão, sou interpelada, por outras tantas questões da mesma ordem ético/estética e política que afetam nosso *sensorium*, deixando a sensação de estarmos vivendo uma época em que as pessoas sofrem certa letargia, uma espécie de anestesia que as destitui da dimensão lírica da vida. Como me aponta Calvino (1995) quando atravessa meu pensamento, lembrando que nosso olfato parece ter perdido uma relação com o cheiro que suscitava múltiplas possibilidades imaginárias do real e a inspiração se reduziu a uma simples etapa do ato de respirar:

Como epígrafes num alfabeto indecifrável, do qual metade das letras tenham sido apagadas pelo esmeril do vento pesado da areia, assim permaneceréis, perfumarias para o homem sem nariz. Ainda havereis de abrir-nos as portas envidraçadas e silenciosas, havereis de silenciar nossos passos nos tapetes e acolher-nos em nosso espaço de escrínio, sem arestas, entre o revestimento de madeira laqueada das paredes; e mais ainda, vendedoras e patroas coloridas e carnosas como flores artificiais

haverão de tocar-nos com os braços rechonchudos armados de regadores ou com a barra da saia esticando-se em cima de banquinhos: porém os frascos as garrafinhas as ampolas com tampa de vidro pontiagudas continuarão inutilmente a entrelaçar de uma prateleira a outra suas redes de acordes consonâncias dissonâncias contrapontos modulações progressões: nossas narinas surdas não mais captarão as notas da escala: os aromas almiscarados não serão distintos dos cítricos, do âmbar e do rededá, a bergamota e o benjoim permanecerão mudos, presos no sono calmo dos frascos. Esquecido o alfabeto do olfato, que produzia outros tantos vocábulos, com um léxico precioso, os perfumes permanecerão sem palavras, inarticulados, ilegíveis. (CALVINO, 1995, p.09)

Mas, se perdemos (?!) esta dimensão estética, que nos “encanta” a vida... Ainda estamos respirando e, como nos instiga Deleuze (1992);

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços–tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. (p.218)

Essas, entre outras leituras, me levaram a buscar, no pensamento de Benjamin e no desdobramento das asas de seus anjos fulgurantes e efêmeros, o sopro de ar que me conduz a “algum lugar, numa dobra da terra, onde a cidade desperta”. (CALVINO, idem, p.89). Ares que me dão fôlego para continuar acreditando no mundo, desde que eu mude minha ótica, instituindo modos alteritários de perceber a realidade.

Retomando o *declínio da experiência* em seu ensaio *Experiência e pobreza*, Benjamin (1994) parte de um tema recorrente em sua obra que pode nos ajudar a respeito dessas considerações e que se constituiria numa das principais características da vida moderna. O filósofo berlinense se referia a uma experiência não mais passível de ser retomada como no passado, mas que poderia ser transformada por toda uma coletividade através de relações inter-geracionais, “a palavra transmitida de pai para filho”.

Neste mesmo ensaio, para ressaltar as mudanças que as novas formas de experiências acarretam em nossa existência, Benjamin utiliza, como exemplo, as artes contemporâneas. Ainda sobre esta questão, ele nos fala de uma espécie de aura, um tipo de luminosidade própria das aparições únicas, algo que estaria sempre longe, por mais próximo que possa parecer e que singulariza as obras de artes tradicionais. Para Benjamin, com a modernidade, esta capacidade aurática estaria desaparecendo devido à reprodutividade técnica. A tarefa, agora, consistiria em não se conformar ou paralisar diante desta nova condição, mas resignificar nossas relações, buscando outra estética a partir dessas novas configurações sociais, uma estética que não mais se apóie em edificações que se refugiam na “sacralidade da experiência única” que a aura nos proporcionava. “Acenar à aura pela última vez”, “libertar-se de toda experiência” que nos submete a uma tradição que nos impede de criar “desvios” capazes de “re-encantar a vida”. Talvez seja possível, se passarmos a olhar o mundo com mais vagar, um mundo onde as imagens não estejam impressas como estampas dadas ao olhar, mas como paisagens que descortinam outras possibilidades que tanto a sacralização como a fugacidade instantânea da experiência nos destituem de uma temporalidade que deixa escapar aos olhos formas de “transver” o mundo.

Por essas vias do pensamento, talvez Benjamin possa clarear algumas das questões postas por Calvino. Ao tomar emprestado, para suas reflexões, o material utilizado na arquitetura moderna, como o vidro, elemento sem aura, transparente e frio, em que nada se fixa, o filósofo berlinense nos oferece algumas pistas para pensar a transição que substituiu a opacidade que envolvia a experiência como aparição única, embevecida de mistérios e sentidos por uma visão que passou a buscar no apagamento do sujeito, na ausência de rastros e vestígios o distanciamento que descorporifica o conhecimento da experiência certificando-lhe uma “suposta neutralidade”, cuja transparência passa a dar evidência e clareza aos fatos.

Foi assim que a privacidade dos interiores aconchegantes dos quartos burgueses do século XVIII, repletos de bibelôs e forrações, cortinas e tapetes de veludo que proporcionavam um ambiente impregnado de rastros que inscreviam as marcas de uma vida privada, foram substituídos pela transparência do vidro e a

textura escorregadia do ferro. Se o veludo deixava visíveis as marcas de nossas impressões, o vidro e o ferro agora representavam os modos da vida moderna; *não deixar rastros...*

"Apague os rastros", primeiro poema da *Cartilha dos cidadãos*, de Bertold Brecht, citado por Benjamin em *Experiência e pobreza*, critica a visão de mundo que, ao primar pela objetividade, procura apagar os rastros de um modo de existência humana que *estava sendo abolida da face da terra*:

Essa atitude é a oposta da que é determinada pelo hábito, num salão burguês. Nele, o "interior" obriga o habitante a adquirir o máximo possível de hábitos, que se ajustam melhor a esse interior que a ele próprio. Isso pode ser compreendido por qualquer pessoa que se lembre ainda da indignação grotesca que acometia o ocupante desses espaços de pelúcia quando algum objeto de sua casa se quebrava. Mesmo seu modo de encolerizar-se – e essa emoção, que começa a extinguir-se, era manipulada com grande virtuosismo – era antes de mais nada a reação de um homem cujos "vestígios sobre a terra" estavam sendo abolidos. (BENJAMIN, 1994, p. 171).

Benjamin me leva a repensar sobre as mudanças provocadas pelo empobrecimento da experiência e seus reflexos para a existência humana. Mas não sem deixar pistas para não paralisarmos diante do que nos assombra no presente buscando soluções nos fantasmas do passado. Ao contrário, ao defender as vanguardas que insurgem na época, Benjamin propõe outra forma de se contrapor a lógica imposta pela técnica e pelas forças produtivas de uma organização capitalista que já se vinha consolidando na sociedade e que "empobrecia nossa experiência". Trata-se agora de não mais "aspirar novas experiências", mas "libertar-se de toda Experiência" para que possamos "ostentar tão pura e claramente nossa pobreza externa e interna e que algo de decente possa resultar disso" (p.118).

O que você disser, não diga duas vezes. Encontrando seu pensamento em outra pessoa: negue-o. Quem não escreveu sua assinatura, quem não deixou retrato? Quem não estava presente, quem nada falou? Como poderão apanhá-lo? Apague os rastros! Cuide, quando pensar em morrer para que não haja sepultura revelando onde jaz. Com uma clara inscrição a lhe denunciar. E o ano de sua morte a lhe entregar. Mais uma vez: Apague os rastros! (Assim me foi ensinado.). (BRECHT, in: BENJAMIN, 1984, *Experiência e pobreza*, 1933)

Se a perda da aura significou uma ruptura com a tradição que inseria a obra de arte em uma essência unívoca conferindo-lhe uma autenticidade que se assemelha aos rituais secularizados, como fundamento teológico, ou seja, uma doutrina da arte pela arte,

[...] com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual (...). Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política. (BENJAMIN, 1994, p. 171).

Portanto, se já não podemos mais aspirar antigas essências, tratemos de buscar outros aromas. *“Redes de acordes consonâncias dissonâncias contrapontos modulações e progressões”* não mais como notas de uma escala ou como *“um léxico precioso de perfumes sem palavras, inarticulados, ilegíveis”*, mas como o próprio Calvino (1995) nos indica,

[...] com o nariz ao vento chegam sinais menos precisos, porém carregados de sentidos e suspeitas, sinais que talvez sejam ignorados quando se anda com o nariz no chão pois, olhamos para outro lado, como este cheiro que vem das rochas do barranco onde nós do rebanho jogamos os animais esquartejados... (p.24)

O desafio benjaminiano me convida a pensar na possibilidade de o humano compartilhar outros modos de existências no contemporâneo. Movimentos potentes, libertos de espelhos que até então reproduzem as imagens habituais da alteridade onde o outro se apaga ao se acender o “brilho das suas diferenças”. Brisas que mobilizem enfrentamentos contra os fascismos de nossa época, que recusam identificações, modos de existência em que o outro não seja a medida de nossos próprios desejos para que seja reconhecido.

Minhas experiências e escutas me conduzem a um sujeito atravessado por processos de simbolização e subjetivações sem contornos definidos e neste

percurso me deparo com algumas questões referentes à ordem das experiências que se revelam no ato de linguagem. Os lugares de onde os discursos são enunciados, as espacialidades por onde circulam, para quem são remetidos e, principalmente, como são recebidos, me levam a crer que, a partir destes movimentos, algo novo esteja se criando.

Neste ponto, considero a estética uma das problemáticas cruciais deste trabalho. Acredito que a questão do sujeito atravessado por subjetividades se impõe como princípio ético/estético de um estudo que pretende versar sobre os sentidos e significados que se constroem a partir da experiência onde o exercício da linguagem pode dar materialidade a esta experiência.

Transitando por essas vias e seus desdobramentos, tento fazer aproximações com os significados que os jovens criam e que podem provocar uma cisão com a hegemonia de um simbólico já dado como uma estetização do imaginário na experiência contemporânea.

Foi assim que o poema de Rilke me pegou de assalto relampejando fagulhas para buscar, nas alegorias de Anjos, em Benjamin, percursos que me façam compreender as políticas jovens no contemporâneo. Intensidades espaço/temporais onde os anjos desdobram suas asas ventilando brisas que desfolhem as páginas do *escuro Livro do Princípio*, fazendo-nos vislumbrar, no *Verbo*, a potência da linguagem que liberta a subjetividade do “universo carcerário que aprisiona o existir do humano, a política, a história e o próprio humano em uma única versão” (BAPTISTA, 2008).

Ao analisar nosso contexto macro-social, entendo porque as grandes transformações da modernidade - resultantes das vivências capitalistas que passaram a gerir nossa sociedade - nos impactam, conduzindo-nos à necessidade de refletir sobre as questões abordadas até aqui. Os novos modos de atuação do capitalismo no mundo contemporâneo abalaram nossos tradicionais modos de resistência exigindo novas disposições, fazendo com que muitas pessoas

O Livro do Princípio” se refere ao primeiro livro da Torah ou Pentateuco (o Livro da Lei – os cinco primeiros livros da bíblia cristã no Antigo Testamento (A Lei ou Torah, na cultura judaica). O Livro do Princípio se refere ao Gênesis, e a recorrência à denominação “Livro do Princípio” refere-se à autoridade da escritura sagrada.

sucumbissem a um pessimismo sem portas de saída para o chamado “mal-estar burguês”. Essas bruscas transformações nos conduziram à procura de novas bases sobre as quais poderíamos assentar um modelo tradicional de “militância revolucionária” que pudesse enfrentar a atual conjuntura. Nesse contexto, muitos de nós (sujeitos das gerações passadas) fomos procurar interlocutores em uma “juventude militante” que, ao longo da história, se caracterizou como uma “categoria orgânica”, frente de lutas e estratégias de combate face à nova situação que se apresenta, porém, ao tentarmos abrir essas portas, percebemos que os lugares estavam com apenas uns pouco ocupantes.

O contato com a obra de Pasolini (1990) e o seu pessimismo com relação aos jovens contemporâneos me levou a refletir sobre a necessidade de revermos nossas estratégias tradicionais de resistência e procurarmos entender os atuais modos de enfrentamentos no cotidiano, que aos “nossos olhos” ainda estão impregnados pelas imagens de uma tradição que se mantém na arrogância de seus triunfos.

Refiro-me ao olhar que só consegue ver uma cadeia de acontecimentos contínuos sem perceber que essas imagens da continuidade nos inserem em um tempo vazio e homogêneo, que nos impede de ver nas catástrofes, e nas ruínas acumuladas geração após geração, a possibilidade de fazer explodir o *continuum* da história. Atentos à linha contínua do progresso, as gerações presentes seguem em marcha na direção de salvadoras das gerações futuras, ao invés de gerar descendentes livres dos aprisionamentos de seus antepassados. (BENJAMIN, 1994)

Estas evidências encontradas à soleira de entrada, mais uma vez, me fazem bater à porta de Benjamin, não em busca de respostas inquestionáveis, mas de posicionamentos que nos retirem de nossos próprios exílios “sustentados, por narrativas, simultaneamente impossíveis e necessárias, nas quais a memória traumática, apesar de tudo, possa dizer” (GANEBIN, 2006, p.49). Benjamin nos fala, em *O narrador...*, que, com o fim da narração tradicional, precisamos formular outra narração. Pois vou buscá-las nas vozes de alguns jovens de minha pesquisa, mas sob uma expectativa muito menos triunfalista.

Pasolini (1990), no entanto, parece se render ao pessimismo perdendo a crença no poder subversivo das novas gerações, quando, em seu livro *Os Jovens*

Infelizes, nos endereça ao teatro trágico grego ao comentar a predestinação dos filhos para pagar as culpas dos pais.

Não importa se os filhos são bons, inocentes, piedosos: se os pais pecaram, eles devem ser punidos. É o coro – um coro democrático – que se declara depositário de tal verdade e a enuncia sem introdução nem ilustração, tão natural ele lhe parece. (PASOLINI, 1990, p. 27)

Assumindo sua culpa por “um cessamento de amor em relação às gerações atuais”, o cineasta e escritor inclui-se entre as gerações antecessoras que se tornaram responsáveis primeiramente pelo fascismo e depois por um regime clerical-fascista falsamente democrático e que, por último, aceitaram a nova forma de poder, “o poder do consumo, última das ruínas, ruínas das ruínas”.

A culpa dos pais que os filhos devem pagar seria, portanto, o fascismo, tanto nas suas formas arcaicas quanto nas suas formas absolutamente novas – novas sem equivalentes possíveis no passado?

É difícil para mim admitir que a “culpa” seja esta. Talvez até por razões pessoais e subjetivas. Eu particularmente, sempre fui antifascista e nunca aceitei nem mesmo o novo poder do qual, na realidade, Marx falava profeticamente no *Manifesto* acreditando estar falando do capitalismo do seu tempo. Parece-me que existe algo de conformista e de demasiadamente lógico – isto é, de não histórico – em tal identificação da culpa.

Já ouço ao meu redor o “escândalo dos pedantes” – seguido de suas ameaças – pelo que estou dizendo. Já ouço seus argumentos: é retrógrado, reacionário, inimigo do povo quem não consegue compreender os elementos, até dramáticos, de novidade existente nos filhos, quem não consegue compreender que esses elementos são, de qualquer maneira, vida. Pois bem, acho, entretanto que eu também tenho direito à vida – porque, sendo pai, nem por isso deixo de ser filho. Além disso, para mim a vida pode se manifestar egregiamente, por exemplo, na coragem de revelar aos novos filhos o que realmente sinto em relação a eles. A vida consiste acima de tudo no impertérrito exercício da razão: não, por certo, nas prevenções, e muito menos na prevenção em relação à vida, que é puro indiferencialismo.” (PASOLINI, 1990, p.29)

Também no *Livro do Princípio* vamos encontrar referências a este tipo de predestinação. Na passagem bíblica referida no segundo livro do Pentateuco, o Êxodo no capítulo 20, acerca dos Dez Mandamentos, versículo 05 podemos ler: *Não te encurvarás a elas nem as servirás; pois eu o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. (V.6) Mas faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.*

Por essa citação, fica claro que a assunção da culpa por Pasolini é retórica. Na verdade, ele se coloca radicalmente contra o fascismo do consumo preparado pelos “pais” burgueses que abençoaram o regime de Mussolini. O ódio contra os filhos, que incide principalmente contra os jovens proletários, refere-se à revolta do escritor contra a incapacidade deles de enxergarem que o consumo lhes negaria a única riqueza que manteria sua capacidade de indignar-se: a diferença.

A versão de Pasolini é convincente, posto que o advento e a consolidação do capitalismo produziu um *modus vivendi* cujo bem supremo passaria a ser regido pelas razões do mercado, situando nossos conflitos na superfície das relações sociais, entre homens/mulheres. Estas mudanças seminais estariam criando um individualismo sem precedentes para a vida colocando-nos “em dívida” por nossa suposta passividade diante das distorções sociais.

Sob esta perspectiva, e amparado numa tradição conformista, o olhar reduz o espectro de visão e nos seduz a concordar com Pasolini. Diante deste mundo onde “o fascismo está em todos nós, assombrando nossos espíritos e nossas condutas cotidianas” (FOUCAULT, 1977), alguém deve pagar a conta, e Pasolini parece saber quem.

Porém, se compartilharmos dos sentimentos de Pasolini corremos o risco de nos deter nas imagens de anjos imponentes e arcanjos mensageiros que transmitem a verdade e a vontade divina, ao invés de buscar na alegoria dos anjos de Benjamin a possibilidade das gerações futuras escaparem dos determinismos que lhes impõem as gerações passadas. Não podemos esquecer que para o filósofo alemão, a felicidade capaz de suscitar nossa inveja do futuro estaria justamente no ar que já respiramos do passado, ar que concede a cada geração uma força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. (Tese II, 1994, p.223)

Para o autor, existe uma “frágil força messiânica” em cada geração de homens e mulheres que pode tornar-se potente, a partir do entendimento de que o passado está presente de forma muito diferente do que normalmente o concebemos: “Alguém na terra está à nossa espera”. Em que sentido? Enquanto em diversas religiões se espera o Messias para a salvação da humanidade, nas interpretações limitadas do materialismo histórico se espera um ato

messiânico que venha de fora da sociedade ou do “desenvolvimento das leis da história” para emancipá-la; que em última instância não é outra coisa se não a esperança por um Messias. No sentido inverso, Benjamin buscou elementos do messianismo judaico para denunciar que o tempo linear, ininterrupto e progressivo é uma construção ideológica do capitalismo e que “... não há um Messias enviado dos céus. (...) a tarefa messiânica é inteiramente atribuída às gerações humanas. O único Messias possível é coletivo (...) a humanidade oprimida.” (MATELA, 2008, p.17).

Uma leitura mais atenta das “imagens angelicais” trazidas por Benjamin nos leva a perceber que os anjos talmúdicos anunciam muito menos um tempo apocalíptico do que um tempo que rompe com a cronologia linear da história, inaugurando cesuras temporais que possibilitam uma nova percepção da realidade. Uma percepção que retire a tão propagada indiferença, característica de nosso tempo, do campo da Moral, da falta e da culpa.

Imagens Angelicais cujas aparições nos fazem ver que as imagens têm políticas e produzem movimento; intensidades que criam fôlego na medida em que asas se desdobram, removendo continuidades, espalhando fragmentos passíveis de reconfigurações quando conseguimos nos libertar da “arrogância da tradição” cujos olhares estão fixados na aura das experiências do passado, nos impedindo de assumir *nossa pobreza externa e interna* para que, despojados dessas lembranças, possamos criar modos existenciais *mais decentes*, de conviver, comover e compartilhar com o outro. Portanto, há que se ouvir, mais uma vez, Foucault (1977):

Não exija da política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo, tais como a filosofia os definiu. O indivíduo é produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação e pelo deslocamento, pelo agenciamento de combinações diferentes. O grupo não deve ser elo orgânico que une indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”.

Bem sei o quanto é difícil abriremos mão de uma política que nos impele em direção à tradição, pois é ela que nos situa, demarcando expectativas, orientando

O que não nos impede de estabelecer uma experiência **com** o passado.

nossas escolhas morais, produzindo os “sentidos que devemos sentir” na vida, fundamentando as interdições que mantêm a ordem social, estabelecendo uma relação de continuidade entre gerações como um fio contínuo que ao romper-se provoca desamparo. Benjamin (1994), mais uma vez, aponta outra percepção desta conjuntura quando diz que “o modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente” (p.169) e, portanto, esta “história” pode ter outra versão.

III. 1 *Jovens infelizes ou anjos infames?*

“Salmo”

*Ninguém nos moldará de novo em terra e argila,
ninguém soprará pela palavra o nosso pó
Ninguém.
Louvado sejas, Ninguém.
Por amor a ti queremos
florescer.
Em direção
a ti*

*Um Nada.
eis o que fomos, somos e continuaremos a ser
a rosa do Nada,
a Rosa-de-Ninguém.
Com
o estilete claro de alma
o estame ermo de céu
a corola rubra
da púrpura palavra que cantávamos
sobre, ó sobre
o espinho*

Paul Celan,

Em seu ensaio sobre “A vida dos homens infames”, Foucault (1992) procura pensar sobre a estética da existência de homens comuns, recolhendo fragmentos de discursos e fragmentos de uma realidade da qual homens infames fazem parte. São personagens que pertencem a um tipo de existência destinada a não deixar rastro, mas que, quando arrancadas das noites e se encontram com o poder, perdem-se de suas trajetórias fugidias. “Vidas infames que encontram a luz do poder que as faz falar, cintilar, ganhando corpo e destino” (BAPTISTA, 2008)

Anjos menos gloriosos, despojados de qualquer grandeza, que, se não fosse o choque com o poder, viveriam o instante de seu hino desvanecendo na noite: “Pois os anjos-novos a cada instante em inúmeras multidões – são segundo uma lenda talmúdica, mesmo criados, para, depois de terem cantado seu hino na frente de Deus, cessar e desaparecer no nada.”(BENJAMIN apud GAGNEBIN, 2005).

Anjos que, sob a visão de Benjamin, podem nos ajudar a pensar nos jovens de nosso tempo como “de um outro tempo”, rompendo com o *continuum* histórico que perpetua as relações intergeracionais, culpabilizando essas gerações pelas continuidades do passado, colocando-os como responsáveis pelo resgate dos erros de seus pais. Condição muitas vezes insuportável para esses “jovens” que, ao abdicarem desta predestinação, acabam assumindo o papel de algozes da história por se recusarem a perpetuar os mesmos modelos de antes.

Atenta ao poema de Rilke percebo que as páginas do Livro do Princípio são revolvidas quando, em um breve desdobramento de suas asas, esses anjos *fulgurantes e efêmeros* fazem soprar uma leve brisa. O poeta me dá a pensar que dar ouvidos às tantas vozes “jovens”, emudecidas pela voz da razão dos “adultos”, pode ser o indício para entender algumas das relações de poder já estabelecidas e compreendermos algumas das estéticas existenciais desses jovens diante do mundo contemporâneo.

Dar ouvido a essas vozes, nessa tese, me deixou convicta de que o humano não se constitui por uma categoria natural, mas fundamentalmente histórica. O que me leva a defender, aqui, uma condição humana inserida em temporalidades e espacialidades diversas, por que a história “tem solavancos, acelera ou, de repente desmorona. Histórias, tempos, sujeitos, cuja pluralidade ameaça, certamente, a paciente edificação de símbolos e de práticas seculares” (GAGNEBIN, 2005, p. 46) e que me leva a desacreditar em determinismos conformistas.

É certo que vivemos um tempo em que o sentido da vida assume dimensões cada vez mais individualistas, mas não creio que seja sensato pensar que a criação de sentidos para a vida seja um ato meramente individual. Não se trata aqui de simples jogos de palavras, mas da certificação de que o sentido da vida não é dado por verdades transcendentais, mas como ato coletivo, subjetividades que se atravessam por intensidades, alegrias e tristezas, dores e prazeres, que ao se corporificarem instituem desejos que se produzem e são produzidos.

O homem, dizia Nietzsche (2002), é o criador dos valores, mas esquece sua própria criação e vê neles algo de “transcendente”, de “eterno” e “verdadeiro”, quando os valores não são mais do que algo “humano, demasiado humano”.

Anjos/humanos/jovens que desessencializam uma condição humana imutável, recusando a impressão de formas identitárias pré-definidas, rostos sem contornos precisos, que tentam escapar das imposições que definem lugares e modos de existência, culpabilizados por confrontarem-se com as armadilhas do poder, desarmados de velhos estandartes que descorporificam sentidos no contemporâneo.

Anjos/jovens demasiadamente humanos, infames, que parecem perceber que, talvez, o grande desafio humano na contemporaneidade seja aprender a lidar com a perda da aura, ou seja, conviver com as incertezas sobre o ser, o bem e a verdade, exercendo o que considero uma dimensão ética da vida e que Baptista (2008) chama de “radicalidade política da alteridade, aquilo que nos proporciona a chance de recusarmos aquilo que somos, o que fomos, ou o que deveríamos ser”.

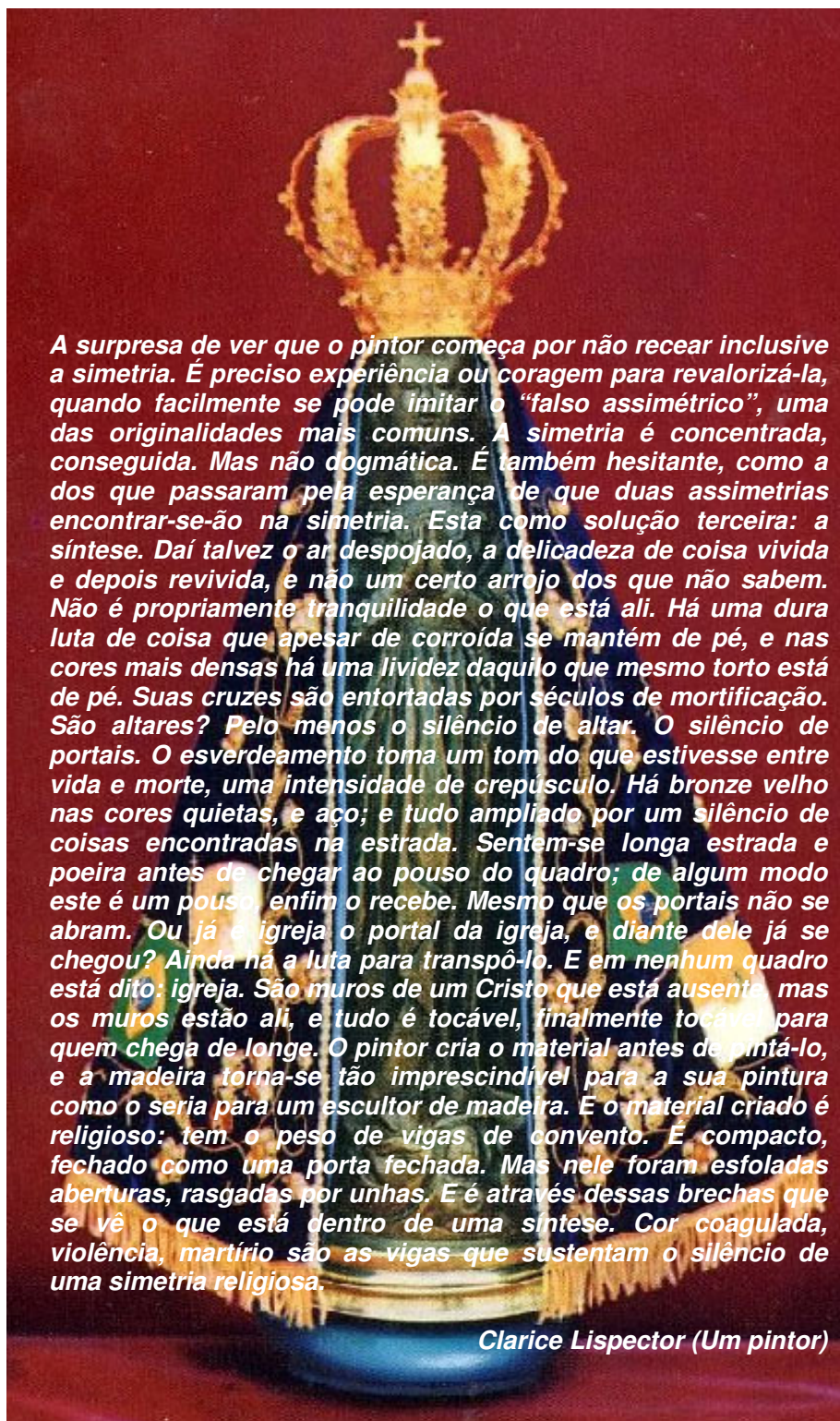
São anjos desterrados da transcendência que subvertem uma pátria definitiva, pois não possuem o brilho da diferença estampada no pertencimento a uma comunidade; não nos prometem nada no além, e não nos preenchem vazios da existência. Nada possuem que possam confundilos com mensageiros dos dogmas religiosos; ao contrário, sua presença disruptiva nega a eternidade tanto da dor quanto da alegria e dessa forma provoca transtorno. São fulgurantes, efêmeros, portadores de uma destruição necessária da qual não sabem o que advirá, porém acreditam que destruir certezas invioláveis vale a pena, pois caminhos impensados serão criados. Os anjos laicos de Walter Benjamin possuem um caráter essencialmente destrutivo: “o caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas eis precisamente por que vê caminhos por toda parte. Onde outros esbarram em muros ou montanhas, também aí ele vê um caminho. Já que o vê por toda parte, tem de desobstruí-lo também por toda parte. Nem sempre com brutalidade, às vezes com refinamento. Já que vê caminhos por toda parte, está sempre na encruzilhada. Nenhum momento é capaz de saber o que o próximo traz. O que existe ele converte em ruínas, não por causa das ruínas, mas por causa do caminho que passa através delas.” (BAPTISTA, 2008)

O tempo, para os anjos talmúdicos, estaria tanto na intensidade do júbilo do hino cantado na frente do trono de Deus, como em seu consecutivo aniquilamento. Esses dois aspectos, inseparáveis, constituem a dialética de uma realidade que tanto pode ser fulgurante, evanescente como destruidora. Os anjos convertem o

tempo em ruínas, uma destruição necessária, a destruição de um tempo *continuum* para se tornar um tempo saturado de agoras.

Fazer ressoar as tensões entre o vivido e o estranhamento, nas bocas cansadas e cabeças sem orla, cujas vozes soam de um vento qualquer quando asas se desdobram. Vozes que se fazem falar na medida em que se atravessam com o poder, expressando seu *poderio e melodia antes calados como muitos, muitos intervalos...* Essa é a intenção desse estudo, fazer despertar o que passa por vezes *pelos sonhos*, mas, *como pecados*, estão silenciados pelos mais diversos mecanismos que tentam apagar nossos rastros.

Quem sabe esta seja uma forma de “utilizar-se de forças, escapar às armadilhas” de uma *vida fascista*, recriar espaços e tempos onde *ninguém nos moldará de novo em terra e argila, ninguém soprará pela palavra o nosso pó*, “agir de tal maneira que os Anjos tenham alguma coisa que fazer”.



A surpresa de ver que o pintor começa por não rezear inclusive a simetria. É preciso experiência ou coragem para revalorizá-la, quando facilmente se pode imitar o “falso assimétrico”, uma das originalidades mais comuns. A simetria é concentrada, conseguida. Mas não dogmática. É também hesitante, como a dos que passaram pela esperança de que duas assimetrias encontrar-se-ão na simetria. Esta como solução terceira: a síntese. Daí talvez o ar despojado, a delicadeza de coisa vivida e depois revivida, e não um certo arrojo dos que não sabem. Não é propriamente tranquilidade o que está ali. Há uma dura luta de coisa que apesar de corroída se mantém de pé, e nas cores mais densas há uma lividez daquilo que mesmo torto está de pé. Suas cruzes são entortadas por séculos de mortificação. São altares? Pelo menos o silêncio de altar. O silêncio de portais. O esverdeamento toma um tom do que estivesse entre vida e morte, uma intensidade de crepúsculo. Há bronze velho nas cores quietas, e aço; e tudo ampliado por um silêncio de coisas encontradas na estrada. Sentem-se longa estrada e poeira antes de chegar ao pouso do quadro; de algum modo este é um pouso, enfim o recebe. Mesmo que os portais não se abram. Ou já a igreja o portal da igreja, e diante dele já se chegou? Ainda há a luta para transpô-lo. E em nenhum quadro está dito: igreja. São muros de um Cristo que está ausente, mas os muros estão ali, e tudo é tocável, finalmente tocável para quem chega de longe. O pintor cria o material antes de pintá-lo, e a madeira torna-se tão imprescindível para a sua pintura como o seria para um escultor de madeira. E o material criado é religioso: tem o peso de vigas de convento. É compacto, fechado como uma porta fechada. Mas nele foram esfoladas aberturas, rasgadas por unhas. E é através dessas brechas que se vê o que está dentro de uma síntese. Cor coagulada, violência, martírio são as vigas que sustentam o silêncio de uma simetria religiosa.

Clarice Lispector (Um pintor)

Era uma quinta-feira, dia 20 de julho de 2006, quando saí de casa às 16h, abrindo mão do encontro do grupo de pesquisa para ir ao encontro de uma experiência que me possibilitaria penetrar por espaços entre muros. Espaços que, mesmo transitando de forma *hesitante*, me deixaram o gosto da esperança *de que duas assimetrias podem se encontrar na simetria. Esta como solução terceira: a síntese.*

Lembrei-me das palavras lidas em Soares (2005):

O muro. Seria preciso? Seria bom falar dele sem abrir-lhe uma fenda? Seria certo identificá-lo sem atravessá-lo com uma ponte, com o sonho da ponte? Sim, o sonho da ponte, nem que fosse utopia, o sonho do território humano planetário sem fronteiras. (p.85)

O sonho que acredito ser de tantos, mas, em especial, o sonho que penso ter visto nos olhos de Miguel... E é retomando o vivido que tento aproximar nossas experiências através desse relato como forma de sentir as pulsações de seu coração que se encontra na favela...

Assim o faço aqui ao relatar minha experiência, fruto do convite de uma aluna da Faculdade de Letras da UFRJ, para conversar com um grupo de jovens estudantes de um curso vestibular comunitário na Vila do João, comunidade pertencente ao Complexo de Favelas da Maré.

Cheguei ao encontro com *um certo arrojo dos que não sabem*, muitas expectativas e, confesso, uma certa apreensão de quem sempre passou pela porta mas nunca ousou penetrar. Os ruídos presentes nos *silêncios dos portais* já se faziam ouvir desde a hora em que cheguei ao local marcado, onde estaria alguém aguardando para conduzir-me à sede do curso. Minha ansiedade era tamanha que cheguei cedo e tive que esperar por um tempo significativo. Meu olhar era o de quem chega, atenta a tudo e a todos, estranheza... *onde tudo é ampliado, transformando o silêncio do inaudito em ruídos a cada coisa encontrada na estrada.*

Do lado de fora uma via expressa e uma passarela que não era “ponte”, mas paradoxo que liga um centro de excelência em pesquisas a uma série de pontos de ônibus onde o tráfego intenso de trabalhadores cansados, aguardando a condução para itinerários os mais diversos possíveis, se imiscuem com um sem número de barraquinhas que vendem desde mercadorias baratas, provavelmente oriundas da zona franca do Paraguai, a outras tantas barracas de doces, cachorros-quentes e churrasquinhos que, ao misturarem a fumaça de suas brasas no ar, exalam um cheiro nauseante de gordura que parece impregnar nossa pele.

O “Portal”, vigiado por um carro da polícia (oficial) e cinco homens paramentados de coletes e armamento pesado, *me pareceram muros de um Cristo que está ausente, mas os muros estão ali, e tudo é tocável, finalmente tocável para quem chega de longe*, embora o policiamento nos dê a impressão de que estão ali para sinalizar que aquele é um lugar onde *há luta para transpô-lo*.

J, o coordenador do curso, enfim chegou e parece não ter tido dificuldades em me identificar. Lembrei das palavras expressas por K., minha aluna, quando, em aula, comentara que eu me distinguiria no meio do povo da favela. Atravessamos o “Portal” e, ao contrário do que imaginava, o “rosto do outro” não me parecia mais tão estranho assim, agora ele era *tocável*. E o que vi foi vida, festa, resistências e estratégias de quem *ri mesmo quando a vida diz não*.

A vida na favela mostrava no seu fluxo resistências e contradições. Biroscas se acumulavam quase que coladas umas as outras, jogos de sinuca, porrinha, pessoas chegando carregadas de bolsas, crianças brincando nas ruas, comércio e música, muita música... difícil distinguir uma predominância de ritmo, uma multiplicidade de preferencias; forró, funk, pagode, hip-hop... tudo tocando ao mesmo tempo.

Depois de alguma caminhada, atravessamos uma feira de roupas e bugigangas, caminhamos um pouco mais e paramos em frente a uma casa de alvenaria e portões de ferro branco. J. pediu que eu esperasse, pois iria pegar as chaves na vizinha do outro lado da rua.

¹ GONZAGUINHA. O que é o que é? LP Caminhos do coração. [S.1]: EMI-Odeon-Brasil, 1982.

Um carro passa lentamente, procuro evitar o olhar, mas inevitável não me sentir olhada... No carro, havia cinco homens, os canos de suas armas apontavam para cima como extensão de braços para fora das janelas. O carro segue seu percurso e me deixa a sensação de que *não é propriamente tranquilidade o que está ali. Há uma dura luta de coisa que apesar de corroída se mantém de pé, e nas cores mais densas há uma lividez daquilo que mesmo torto está de pé.*

J. retornou com a chave e entramos para aguardar a chegada de K. e do grupo de alunos. Enquanto esperávamos, o rapaz foi me contando a história daquela instituição.

Inicialmente, aquela era uma casa de freiras missionárias que trabalhavam em prol da comunidade. Ao fim da missão, as freiras deixaram de herança a casa e a possibilidade de continuação do trabalho com a comunidade. Apesar de, em nenhum quadro, estar dito igreja, uma espécie de aura nos fazia sentir que, um dia, a igreja esteve e de certa forma continuava ali. *“O material criado é religioso: tem o peso de vigas de convento. É compacto, fechado como uma porta fechada. Mas nele foram esfoladas aberturas, rasgadas por unhas. E é através dessas brechas que se vê o que está dentro de uma síntese”.*

Tudo era muito simples e austero como em um templo do interior, paredes caiadas destacavam um quadro com a oração de São Francisco e a presença de um crucifixo pendurado ao centro da parede central não deixava esquecer as origens daquele lugar. Na medida em que os jovens foram chegando, eu era apresentada a cada um deles. Aproveitei estes momentos para saber um pouco de seus sonhos e desejos... Pude perceber que, naquele espaço/tempo, todos compartilhavam de um mesmo objetivo: entrar numa universidade pública. Sonhos, desafios e dúvidas, muitas dúvidas parecem ser algumas das palavras para transporem o portal... Quanto ao muro? Mesmo que alguns o ultrapassem, ele continua lá!

K. na universidade, minha aluna, e aqui a professora, enfim chegou esbaforida se desculpando pelo atraso. Pudemos assistir, então, ao final do filme iraniano *A maçã*, de Samira Makhmalbaf, principal razão de minha presença ali, pois o mesmo havia sido tema de discussões em minhas aulas onde abordei o papel da linguagem no processo de desenvolvimento humano sob a perspectiva de Vygotsky. Na época,

K. se mostrou muito interessada com aquelas discussões e me pediu para tirar uma cópia do filme. Agora me convidava para comentá-lo com seus alunos do pré-vestibular "Maré Cheia".

Seduziu-me tanto a idéia de transpor "o muro" que não hesitei em aceitar. Mas, naquele momento, diante daqueles garotos e garotas, me dei conta de que não sabia o que lhes dizer. Como contextualizar meus argumentos teórico-acadêmicos com aquela realidade? Como aproximar nossas linguagens?... Percebi que, mesmo com *o ar despojado, a delicadeza de coisa vivida e depois revivida...* o muro ainda estava lá...

Para minha sorte, K. havia distribuído um texto em que o autor Eugênio Bucci se posicionava criticamente diante do poder maniqueísta da mídia que, segundo ele, estigmatiza como totalitária e opressora as vestimentas das mulheres mulçumanas, ao mesmo tempo que explora o fetiche da nudez feminina ocidental.

No mesmo artigo, o autor tece algumas críticas ao direcionar seu olhar sobre um funk; *"empobrecido com letras primitivas – primaríssimas – e machistas, dizendo que mulher gosta de apanhar e cujas coreografias simulam o ato sexual, com garotas seminuas e rapazes de boné, camiseta e calças largas..."*

E foi por aí que começamos nossas conversações... Quando me lembrei que, coincidentemente, assisti a um colóquio em que Bucci e Leandro Konder compartilharam uma mesa redonda. Em sua fala, Bucci, autor do texto que acabáramos de ler comentou, referindo-se à mídia e a seus modos de subjetivação dos sujeitos consumidores, que *vivemos numa sociedade em que os meios midiáticos determinam os fins.*

Leandro Konder, como sempre bem humorado, pareceu responder a esta afirmativa contando-nos sua versão de uma história de Bertold Brecht. Tratava-se da história de um anão que, subjugado por um gigante, era obrigado a dar-lhe quanta comida tivesse disponível em sua casa. E assim fez o anão. Sem outra alternativa a não ser a de dizer "SIM" às imposições de seu desigual antagonista, pôs-se a lhe entupir das melhores iguarias. Tanto comeu o gigante que teve uma embolia e morreu. Foi aí que o anão enrolou o gigante em seu tapete da sala e rolou seu corpo

até uma ribanceira abaixo... E, lá de cima, o anão, enfim, pôde gritar um bélissimo NÃO!

Contei para aqueles meninos/as sobre a pergunta que fiz a Bucci. Perguntei-lhe onde estava o “não” do anão para um modelo de sociedade cujos “meios midiáticos determinam os fins”? E ele, honestamente, respondeu-me que gostaria de ter uma resposta para essa questão. Foi quando olhei para eles e disse que via ali, naqueles rostos, alguns “NÃOS” para esses determinismos. Nãos que significam sins para os sonhos, sins que fabricam seus próprios acontecimentos, desejos que povoam suas vidas de sentidos gerando movimento.

Se disse tudo isso, mesmo correndo o risco de ser leviana, disse porque acredito, disse porque tenho convicção de que, nos modos existenciais desses jovens, podemos encontrar linhas de fuga para os problemas que vêm se constituindo desafios para estudos e pesquisas que buscam reverter uma espécie de conjugação entre processos que, ao mesmo tempo em que se opõem, se complementam, alimentando um esfacelamento nas relações interpessoais. Saí de lá com mais perguntas do que respostas, mas com a esperança de encontrar algumas saídas no percurso deste trabalho.

Antes de sair, foi servida uma canjica e uma menina perguntou-me: Vai arriscar?... Parti com essa pergunta ressoando nos meus ouvidos... O eco dessas palavras, na época, me deixou uma única certeza: a de que o muro continuava lá, mas ao entrevistar Miguel uma esperança se acendeu em mim, desestabilizando minhas certezas...

- Miguel, você lembra por que eu pedi para você tirar essas fotos?

- Pra ver meu olhar sobre o mundo.

- Eu queria que você me falasse um pouquinho dessas fotos. Você já me falou alguma coisa sobre essas suas fotos de rosto que, na verdade, não saíram bem como você queria. Aliás, o que você queria é que saísse ao fundo a favela.

- É...

- Por que você queria que saísse na frente você e ao fundo a favela?

- Não... É porque eu queria demonstrar que a favela não é só sofrimento essas coisas de gente mal educada como muitas pessoas pensam por aí. Eu queria mostrar que a favela é lugar onde as pessoas que vivem lá gostam de viver e muitas vezes bem melhor que muita gente que vive em apartamento de luxo, casarão e tudo mais.

- Mas como você queria mostrar isso na foto? Porque o que eu vejo é você fazendo sinal de positivo... É por aí?

- É pra indicar que é um lugar legal, não é só sofrimento. Essas coisas assim que as pessoas pensam.

- Sei... E essa aqui

- Essa aí foi só... Assim pra ver a vista... Como é e tudo mais...

- Você acha bonita essa vista?

- Eu acho porque essa aqui não dá pra ver direito, mas mostra o mato a natureza... Tudo bem diferente dessa aqui... Eu queria mostrar também a diferença entre uma e outra.

- Que diferença é essa que você queria mostrar?

- Que isso aqui é um lugar que dizem que é paz... Que há paz... tem muita floresta. Ali não... É um lugar agitado tem muitas casas muitas coisas juntas. Aqui uma casa esta muito perto uma da outra. Já aqui não tem nada perto é tudo separado, quintal com quintal. Na favela não, na favela é tudo junto, unido, um olhando para a cara do outro. Tanto que as pessoas se conhecem, bem melhor do que morar bem longe assim.

- Ah! Você está falando de dois espaços?

- É, dois espaços completamente diferentes...

- Essa é a favela em que mora a sua mãe?

- Não... Minha avó

- É porque eu fui pro Rio, fui pro Rio esse final de semana agora.

- *Foi lá que aconteceu o que você estava me contando. Mas, me fala melhor como foi isso?*

- A gente tava na festa curtindo, aí chegou uma Blaiser e começou a atirar em cima de uns garotos lá... quase que acerta na gente também. Eu fiquei dentro do bar escondido... A parada cheia de criança na festa... Mas foi rápido, tudo muito rápido. Morreu dois garotos lá. Um caiu no chão na frente da gente, tinha um monte de criança na rua. Foi isso...

- *E como você se sente diante disso?*

- Ah! Me sinto fragilizado né?! Que covardia que os caras fazem... Chega já atirando... Um monte de criança na rua...

- *É polícia?*

- É polícia... Chega já atirando...

- *Fala então um pouquinho dessa relação de estar entre dois lugares. Você já havia expressado que se sente dividido. Você mora, atualmente, aqui, já morou na favela e sente saudades de lá...*

- Minha mente está aqui, mas meu coração está na favela. Minha mente está aqui pra botar as coisas no lugar, pra tentar ver se eu consigo me adaptar, mas meu coração tá todo lá na favela.

- *Você queria estar na favela?*

- Ano que vem eu vou voltar pra morar lá.

- *Por quê?*

- Eu não me sinto bem aqui. É tudo parado, não tem nada pra mim fazer. Lá não, tem meus amigos, a família da minha mãe e tudo...

- *Apesar dos tiros... Apesar dos riscos...*

- Apesar de tudo. Porque a gente é feliz e isso é o que basta, a felicidade... Pra mim não importa bem material. Aqui eu tenho bem mais luxo, mas não sei por que eu prefiro mais no Rio, não sei por quê...

- *Entendo... Você falou que faltou uma foto da lua?*

- É eu tirei uma foto da lua porque eu sou devoto a São Jorge e a lua representa São Jorge pra gente. Pena que não saiu a foto da lua?! Mas eu botei a foto da Santa que tem lá na minha vó porque eu fui batizado lá naquela Igreja de nossa Senhora Aparecida. Eu queria mostrar... Porque a nossa família prega esse negócio de religião essas coisas lá.

- Aqui não, aqui eu mostrei os caras botando fogo. Mesmo sabendo que o mundo tá assim, eles tacam fogo de qualquer maneira. Pior que eles nem esperam a palha secar, eles tacam com a palha molhada e aí faz muita fumaça... Na hora tava uma fumaceira danada, é que aqui não dá pra pegar direito entendeu?

- Aqui é o quintal do meu pai, a gente molhando as plantas. Porque a gente pensa em cuidar das coisas, melhorar pro neto dele que vai ser meu filho. Aí a gente sempre pensa no melhor pra todo mundo.

- Apesar de tudo, do sofrimento e tudo, mas a gente tá fazendo a nossa parte...

- Aqui é a foto que eu tô mostrando a natureza... Os pássaros... Os pássaros vivem pra voar... Eu pensei nos presos, as pessoas que ficam presas não têm essa liberdade que as aves têm...

- A gente que tá na Terra. Eu, por exemplo, tô num espaço quadrado dividido entre um e outro e não tenho pra onde voar... Livre

- *Você se sente preso?*

- Eu me sinto preso... Sei lá... Às vezes eu me sinto preso. É por isso que eu falo pro meu pai e pra minha mãe que eu preciso ter uma casa só minha... Eu preciso ter as minhas coisas, não quero mais ter as coisas junto com as deles.

- *E aqui nessa foto?*

- É as amizades na escola... Os amigos... Eu acredito que a gente nunca vai ficar sozinho no mundo. A gente sempre vai precisar de amigos do nosso lado pra dá uma força, sabe? Pra nos dar apoio...

- *E aqui?*

- No caso a devastação que eu te falei...

- *E essa?*

- É a foto do mar que não apareceu.

- *Então... Fala mais um pouquinho. Você me traz uma questão que me parece muito importante para você e que está muito presentes nas fotos. Essa divisão entre aqui e a favela...*

- É que eu tô aqui, mas meu corpo e minha mente sempre está no Rio. Nunca para aqui. Aqui só é bom quando eu faço companhia para o meu pai ai ele brinca comigo, mas mesmo assim eu sinto falta do Rio. Quando eu vou pro Rio não dá vontade de voltar.

- *Mas o que o Rio toca você?*

- Toca em tudo... A minha mãe... Meus amigos, o convívio, nossas brincadeiras... O meio entre as pessoas, o movimento das ruas... Aqui é tudo parado, não tem quase nada, lá é tudo movimentado, as amizades são tudo maneiras... Tudo gente boa...

- *Você falou que, às vezes, as amizades...*

- Não, isso aí é a vida, né?!

- Eu preferia que fosse de outro jeito. Meu pai, às vezes, fala que minha mãe me criou errado, eu acho que não. Ela me criou de um jeito que tem que ver o mundo de frente, porque a realidade táí e a gente que mora na favela vê a realidade de frente e quem mora num lugar desse aqui, não sabe como é que é viver num lugar onde você corre perigo 24 horas por dia.

- *E como que é viver nesse lugar?*

- Ué?! Você tem que saber com quem anda, tem que saber fazer suas amizades, tem que saber onde você tá, com quem você conversa as coisas, tem que saber ouvir e ficar com a boca quieta, não falar nada... Eu aprendi só ouvir... Minha mãe me ensinou sempre isso. Só escuta e não fala nada.

- *Me conta uma coisa... Você me falou que estava em um lugar e o tiro poderia ter pego em você... E você sabe ouvir, sabe onde pode ficar...*

- Não, eu estou dizendo por que confio em você... A não ser que você fale o meu nome...

- *Não, não... Eu não estou falando disso. Quanto a isso pode ter certeza. O que estou querendo colocar tem uma outra dimensão. Veja bem... Você me contou que estava na favela e poderia não estar aqui hoje me dando essa entrevista. O que eu estou tentando, querendo dizer, é que, mesmo você sabendo de tantas coisas, isso não impediu que seu colega tombasse diante de você. O risco estava ali presente... E aí?*

- Mas é claro, é o que eu digo também. Se as mães, por exemplo, tem mãe que determina para seus filhos estarem 10h dentro de casa. Se caso todas as mães fizessem isso, seus filhos não iam correr perigo, mas a gente que é jovem quer aproveitar a vida enquanto tá jovem. De fato, porque várias vezes a gente não tem chance e foge dos conselhos da mãe, aí colhe os reflexos disso, depois, quando acontece algo, você vê a realidade como que é, e começa a pensar a respeito das coisas que ela fala. Eu já tô acostumado porque, desde pequeno... Mas, onde minha mãe mora não é favela... é edifício... Mas, sempre teve bandido em baixo, tem ponto de rally na rua, é tudo convívio, tudo junto.

- *E como você sente isso tudo?*

- Ó, pra falar a verdade, eu me sinto bem... Com um pouco de medo, mas, ao mesmo tempo, eu me sinto bastante parabenizado porque você pode... Eu pude ter visto a realidade de frente, não encarar o mundo como uma brincadeira, como

muitos velhos, mais de dezoito anos fazem isso. Eu procuro encarar a vida em momentos... Momento pra brincar, momento pra zoar, pra falar sério e pra ver a realidade do jeito que ela é...

- *Você acha que conviver com essa realidade te dá uma dimensão da vida...*

- Bem melhor! Porque eu já passei por coisas na vida que muita gente jovem nunca passou na vida. Eu já passei por muitos reveses, muitas coisas, mas sempre... nunca se metendo com as coisa, nunca se envolvendo. O tráfico, que é poder de arma, chama pra ele... É muito dinheiro, roupa e tudo, mas você tendo a cabeça no lugar você nunca vai entrar pra esse meio.

- *O que você pensa pra você? Você pensa no futuro?*

- Eu penso em ser fuzileiro.

- *Fuzileiro?*

- Fuzileiro Naval. Mas eu não sei... Nosso futuro... É como minha mãe diz, que ultimamente nosso futuro só a Deus pertence, mas claro que nós temos que dar um empurrãozinho nele, mas sem estar fazendo certas coisas.

- *E você acha que está fazendo por onde para ser fuzileiro?*

- Eu me esforço mais pra fazer, mas... O meu pai queria um filho perfeito, eu falei pra ele, eu não sou perfeito.

- *Como você acha que é ser perfeito pro seu pai?*

- Ele queria que eu fosse um filho que só tirasse dez, um filho que não enfrentasse ele... Eu, sinceramente, só fico quieto quando tô errado. Quando tô certo, não abaixo a cabeça pra ninguém. Porque acho que nós devemos defender, por exemplo, nossos direitos e temos que defender também... Por exemplo, eu tô numa rua, entro no banco, só porque eu tô de chinelo, blusa normal e boné, eu sou ladrão. Aí entra um cara de terno e gravata, entra e não é nada. O cara de terno e gravata entra assalta e sai; daqui há pouco, eu saio, quem é agredido sou eu, e ele passa batido só porque tá com uma roupa diferente. Meu pai queria que eu fosse assim, criado do jeito dele. Eu falei pra ele, então você faz um filho e cria do seu jeito por que eu não vou ser assim nunca.

- *Você acha que do jeito do seu pai significa aceitar as coisas como elas são?*

- É... Meu pai tem que aceitar do jeito que eu sou porque esse é o meu jeito e não vai mudar, não adianta que não muda mais, esse é o nosso jeito, é o jeito de ser feliz e isso não vai mudar

- *Como é que é esse jeito?*

- Eu gosto de brincar com todo mundo, eu gosto de zoar, ficar dançando, às vezes....

- *E o seu pai não gosta que você brinque?*

- Ah, ele não gosta das músicas que eu escuto... funk. Eu só escuto funk e pagode. Não gosto de rock, mas eu respeito quem escuta.

- *Porque você gosta de funk?*

- Porque eu acho que é uma cultura... Quem vive lá na favela vive essa cultura que é o funk. Funk não é só putaria, essas coisas que se escuta por aí. Funk também é diversão, é engraçado, é um ritmo que chama... Pô, você pode ver... Uma velhinha pára na sua frente assim, começa a tocar um funk... Ela não vai aguentar ficar parada. O ritmo vai começar a balançar o corpo dela e não tem como ficar parada.

- *E as letras do funk? Você presta atenção às letras?*

- Prestar atenção a gente presta. Mas fica mais no ritmo. Porque dá pra fazer uns passos no ritmo.

- *Ah, você gosta de dançar?*

- Gosto, é maneiro. É maneiro

- *Entendi... E essa Santa, me fala mais um pouco da sua religiosidade...*

- É que minha mãe sempre foi de me ensinar essas coisas da vida. Porque ela contou que, quando eu era pequeno, chegou uma mulher pra ela lá no hospital e disse que eu ia ser abençoado. Olha só! Esse negócio de Macumba, essas coisas não pega comigo. Eu sempre acredito porque sempre tem uma pessoa que me dá um toque legal na cabeça. Antes de acontecer o que aconteceu nesse dia... Chegou um cara e disse assim pra mim: você só vai crer quando você vê... Eu falei assim: Ué? Você tá falando que eu só vou crer quando ver, mas o quê? Eu achei que o cara tava mentindo...

- *Como assim? Nessa semana que aconteceu o tiroteio?*

- Não, foi um pouquinho antes, mas foi na mesma época... Parece que foi... Perto desse dia...

- Teve um colega meu que falou uma parada de tiro e aconteceu isso... Meu pai falou que eu tinha virado bandido, aconteceu isso...

- *Você virou bandido?*

- Nãããooo! Meu pai sonhou que eu virei bandido!

- Aí aconteceu isso! Eu vou no baile e acontece o que nunca tinha acontecido...

- *Isso aumenta sua fé na santa?*

- Não, na santa eu sigo todos os passos, mas o que eu sou mais devoto é São Jorge.

- *Por quê?*

- Porque é guerreiro e a força dele é insuperável... Não tem mais pra ninguém... Só Deus mesmo para superar ele.

- *Como você construiu essa fé em São Jorge?*

- Sozinho mesmo, lendo a história dele, escutando a história dele toda...

- *É uma pena que não tenha saído a favela [na foto]...*

- Pô! Porque tava bem de manhã, tava vindo pra escola, saindo da casa da minha vó...

- *E aqui você não lembra o que foi isso?*

- Não lembro?!

- *Parece que é um vidro?*

- É... Mas não lembro o que foi isso não...

- *E a escola? Me conta um pouco do que a escola significa para você?*

- A escola, eu penso que é um lugar pra tu aprender as coisas da vida, né? Não é só de aprendizado moral. A escola é um local que você aprende a conviver com outras pessoas...

- *A Escola não é só o lugar da moral...*

- Não, é só a questão da aprendizagem, é saber conviver com as outras pessoas que nem a favela, a mesma coisa. Você aprende a viver... A escola é boa. Agora mesmo vai ter uma festa pra animar a gente e poder curtir um pouquinho...

- *Mas com relação à favela? Você quer voltar porque quer ficar junto da sua mãe ou por causa da favela?*

- Não sei, não sei explicar, acho que é por causa de tudo. Não sei dizer... Não é questão só da favela. A questão é que, ficando perto dos meus parentes, eu me sinto bem. Aqui no meu pai, eu fico em casa sozinho. Eu não saio pra lugar nenhum, fico em casa trancado, sempre discuto com ele ou com a mulher dele.

- *E porque você veio pra cá?*

- Porque eu queria fazer uma besteira... Eu queria dá um fim no meu padrasto. Eu estava pensando besteira já. Aí eu achei melhor... Acho que Deus que

botou isso na minha cabeça... Foi o destino que me mandou pra cá, porque, quando eu vim pra cá, amadureci um pouquinho...

- *Então, você acha que as coisas não te acontecem por acaso? Tem uma força superior que comanda sua vida?*

- É... Tem um... Depois do acontecido nesse domingo... Ontem... quarta-feira, um amigo meu, Anderson, eu falei pra ele... Ele é evangélico... Ele falou assim: - Pô, você sabe por que Cristo não foi tido como louco?

- *Por quê?*

- Porque eu vou te falar uma coisa... Deus só fez isso pra você ver que não é seu lugar... O lugar que eu tava... Que aquele não era meu lugar. No local em que eu tava. Quando ele falou isso, gelou tudo meu... Fiquei parado assim... Bobo cara, só ouvindo ele falar assim.

- *Você acha que não é o seu lugar?*

- Não, perto da minha mãe é meu lugar. Ele falou que não era meu lugar onde que eu tava. No momento do acontecido... Não era pra mim estar ali...

- *E que lugar era esse?*

- Num pagode... Numa festa da comunidade... Os caras já chegaram tudo nervoso, atirando em todo mundo. E eu tava sentindo tudo muito estranho, muito movimento... Sei lá... E já tava com dor de cabeça querendo ir pra casa... Aí os caras falaram: fica mais um pouco... De repente, o tiro comendo e eu corri pro bar... Atividade mesmo... Não é brincadeira não...

- *O que você sonha além de ser fuzileiro naval?*

- Eu sonho ajudar minha família, meus pais, ter filhos... as pessoas que precisam... Mesmo as pessoas que não conheço

- Eu não trabalho... Não faço nada, só ganho dinheiro do meu pai e da minha mãe.

- Pô, o cara lá no Rio... Ele comprou um pó e em vez de dá pro cara ele cheirou, tava devendo trinta reais pro cara. Eu falei: tá tranquilo, dei o dinheiro pra ele só pra ajudar... Pra ele ficar livre... Porque eu não gosto desse negócio de violência e o cara queria matar ele. Por mim, eu ajudava todo mundo... Mudava esse mundo de cabeça pra baixo.

- *Você já experimentou droga?*

- Não, nunca e nem quero... Droga não leva a nada. É claro que as pessoas sofrem muito na vida e usam a droga como saída, mas é uma entrada sem volta...

- Tu entra e pra tu voltar é uma tristeza. Conheço muito quem cheira e tudo, mas... Que nem traficante... Tem muito bandido que entra pra boca, mas não é

questão de gostar, é porque precisa... Porque não tá tendo oportunidade, que nesse país não dá oportunidade direito pra nada, e o tráfico eles usam como uma saída porque dá dinheiro, dá poder e dá respeito dentro da comunidade.

- *E a comunidade? O que você acha da comunidade...*

- A comunidade não deve dar respeito porque no mundo a gente não sabe quem são as pessoas. Eu não conheço todo mundo... Ninguém sabe o lado do caráter da pessoa, o que cada pessoa é, o que tá pensando na hora...

- *Você acha que a comunidade pode representar o mundo?*

- O mundo se resume na união de todos. O mundo... Uma pessoa só lutando pelo direito das outras nunca dá certo, sempre tem que ter a união de todos. Por exemplo, uma aliança feita... Se um quebrar essa aliança, já vai ser uma queda danada da união...

- *Você acha possível essa união?*

- Eu acho que é possível, nada é impossível. Se Deus ressuscitou, a gente pode também lutar pelas nossas coisas pra mudar esse mundo.

- *Você sempre morou em comunidade?*

- Desde os quatro anos, primeiro morei com minha tia, junto da minha mãe, depois fui morar naquele lugar com minha mãe...

- *E veio seu padrasto?*

- Veio meu padrasto. Eu fico com raiva porque ele agride muito minha mãe e minha mãe tem medo de denunciar ele, mas agora ele já tá mais tranquilo. Eu acho que eu cresci e já tô impondo mais respeito. E eu acho que pra dar respeito a gente tem que ter respeito.

- *Mas você chegou a assistir ele agredindo sua mãe?*

- Não, nunca assisti se assistisse eu porrava ele até a morte. Matava ele.

- *Então como você sabe que ele a agride?*

- Porque sempre tem alguém que conta. Sempre tem um vizinho que fala. E, às vezes, ele chegava bêbado e começava a fazer gracinha. Chegava cheradão, cheio de droga na mente e fazia um monte de merda lá.

- *Você acha que o fato de você conviver com seu padrasto lhe ajudou a não se aproximar das drogas?*

- Não, só soube disso há pouco tempo... Que ele cheirava...

- *Foi por isso que seu pai te afastou de lá?*

- Não, eu saí por conta própria porque minha cabeça tava muito confusa e meu destino não era ali mesmo... Naquele determinado tempo. E eu acho que, no ano que vem, meu lugar é voltar pra lá do lado da minha mãe porque pra mim mãe é mãe e eu amo minha mãe mais que tudo.

- *E como você vai lidar com a questão do seu padrasto?*

- Eu acho que ele tá mais tranquilo. Ele tá conversando comigo mais na moral, me dando até uns toque legal.

- *Miguel, vamos voltar àquele acontecimento... Você me contou que havia enfrentado uma situação difícil, que um menino foi baleado na sua frente e que você quase foi atingido no baile. Como é viver na favela diante de um acontecimento desses?*

- É porque lá não é só violência, essas coisas que as pessoas falam por aí nos jornais, tem gente honesta, tem morador que também gosta de ser feliz e que não gosta desse negócio de violência. É claro que os garotos estão lá praaaa... É o trabalho deles, um jeito de se sustentar... Muita gente acha errado, mas, na minha opinião, eu acho também que é a deles... O que tá errado é os policiais chegar já atirando em todo mundo, cheio de perseguição.

- *De que garotos você está falando?*

- Dos traficantes! Eles estão lá por que... A maioria deles não tá lá porque quer, eles tão lá porque precisam. Aí eles vão pra lá porque é a última saída... Muita gente fala que essa não é a última saída?! Mas, muitas vezes, essa é a última saída mesmo, porque já desistiu da vida e vai pra lá porque sabe que a última coisa é a morte mesmo, aí ele não tem mais o que fazer...

- *Você acha também que é a última saída para você?*

- Não, não é a última saída...

- *Então me explica porque muitos garotos como você procuram outras saídas e para alguns meninos essa é a última saída?*

- Porque nós temos família... Nós temos quem nos apóia... Essas coisas... A maioria deles não tem mais família ou já fizeram alguma covardia com a família deles ou eles estão numa situação horrível. Pode ver... Nessa segunda, vai passar um filme na Tela Quente que mostra um casal que perde tudo, o que eles fazem? Parte da vida honesta pra do crime... Começa a roubar... essas coisas... A última saída desses garotos é essa mesma... Desistiu da vida, não tem oportunidade, não tem nada... Aí faz isso...

- *Mas sua história de família também é muito complicada. E aí? Você acha que é esta a justificativa?*

- Pode não ser bem essa, mas também tem a coisa do poder, do dinheiro, de poder ter coisas, roupa maneira que, se não fosse assim, não poderia ter.

- *Eu ainda te pergunto, justifica?*

- Não. Só que tem uma coisa... Muito play boy, filhinho de papai, também vai na favela pra comprar e não tá nem aí se muito garoto novo morre como bucha. Tem muito policial safado que ganha suborno pra ficar na dele, mas, quando o comando manda entrar, aí não adianta pagar. É aí que, quando morre gente, eles botam a culpa toda no traficante. A violência é muito sinistra pra explicar. Cada um segue um rumo diferente, sempre tem diferença no pensamento. A senhora mesmo quer escutar outras pessoas... Por quê? Porque não dá pra falar sobre jovem escutando um só. Eu sou só um, mas, escutar outros sempre é bom. Tem muita gente boa com coisas para falar...



Isso aqui é um lugar que dizem que há paz... Aqui não tem nada perto é tudo separado quintal com quintal.



- Na favela não, na favela é tudo junto, unido, um olhando para a cara do outro.

- O mundo se resume na união de todos. O mundo... Uma pessoa só lutando pelo direito das outras nunca dá certo, sempre tem que ter a união de todos. Por exemplo, uma aliança feita... Se um quebrar essa aliança, já vai ser uma queda danada da união...



- Não, é só a questão da aprendizagem, é saber conviver com as outras pessoas que nem a favela... Você aprende a viver...



A gente que tá na Terra. Eu, por exemplo, tô num espaço quadrado dividido entre um e outro e ai não tenho pra onde voar...



- (...) na santa eu sigo todos os passos, mas o que eu sou mais devoto é São Jorge. (...) Porque é guerreiro e a força dele é insuperável... Não tem mais pra ninguém... Só Deus mesmo para superar ele.

- Como você construiu essa fé em São Jorge? (pesq)

- Sozinho mesmo, lendo a história dele, escutando a história dele toda... ²

² A imagens da favela e de São Jorge não foram da autoria de Miguel. Coloquei-as por achar significativas de sua fala. Até porque ele tentou retratá-las, mas infelizmente o filme queimou.

"Poema para a Negra"

*Deixa que os outros cantem o teu corpo
que dizem feiticeiro e sedutor,
e, na voluptua vã do pitoresco,
entoem madrigais à tua dor.*

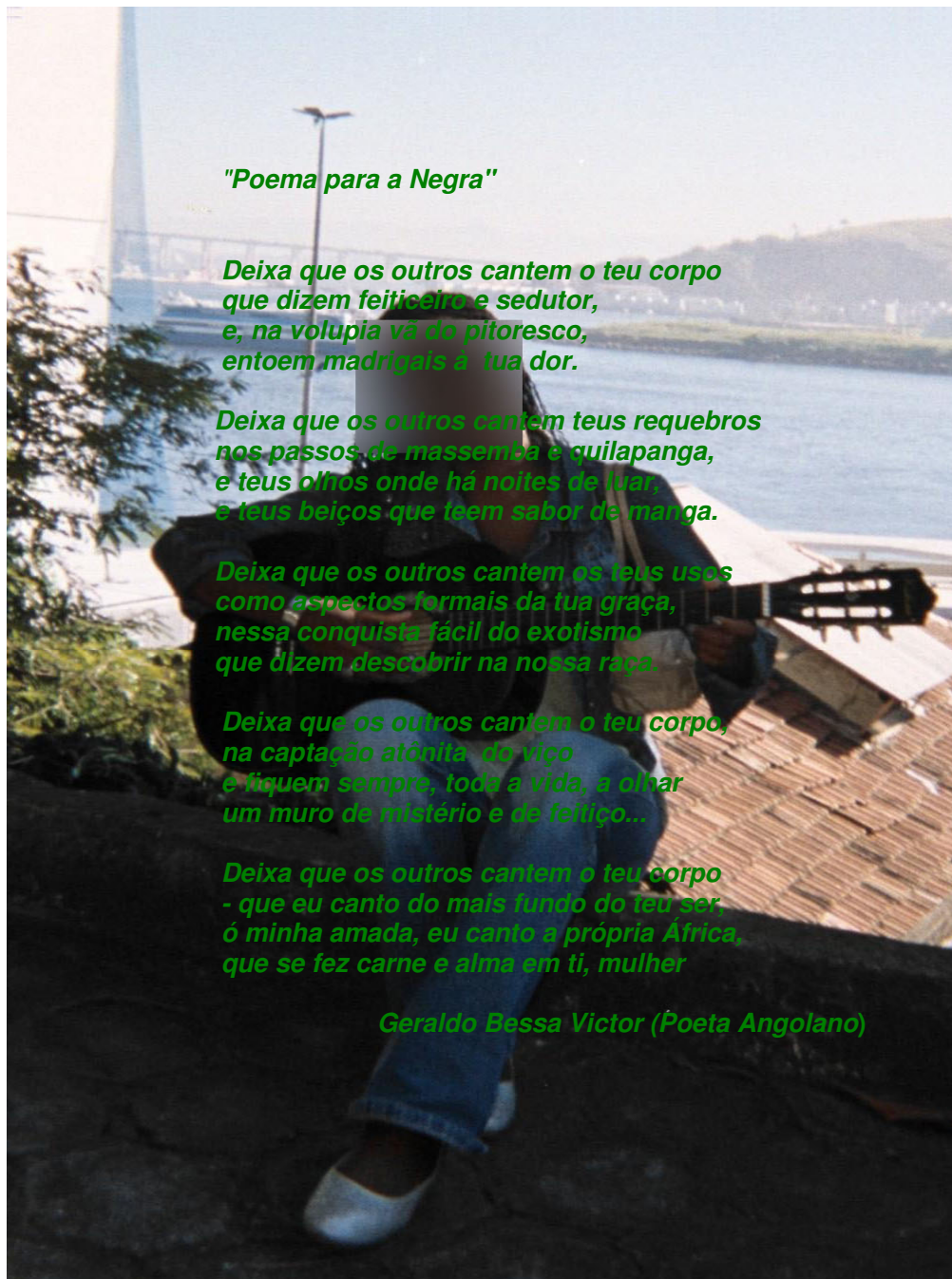
*Deixa que os outros cantem teus requebros
nos passos de massemba e quilapanga,
e teus olhos onde há noites de luar,
e teus beijos que têm sabor de manga.*

*Deixa que os outros cantem os teus usos
como aspectos formais da tua graça,
nessa conquista fácil do exotismo
que dizem descobrir na nobre raça.*

*Deixa que os outros cantem o teu corpo,
na captação atônita do viço
e fiquem sempre, toda a vida, a olhar
um muro de mistério e de feitiço...*

*Deixa que os outros cantem o teu corpo
- que eu canto do mais fundo do teu ser,
ó minha amada, eu canto a própria África,
que se fez carne e alma em ti, mulher*

Geraldo Bessa Victor (Poeta Angolano)



Nos países do continente Africano, ainda é comum a prática de contadores de histórias. São pessoas que guardam histórias de seus ancestrais na memória e depois recontam para as gerações seguintes. Essas pessoas aprendem essa arte e vão passando à frente, aumentando e enriquecendo a história de seus antepassados. Por isso, para alguns desses povos, a palavra tem uma dimensão sagrada, pois acreditam que é através da linguagem que o passado continua a existir no presente.

Diélis, em Bambara, é o nome dado a esses contadores de histórias. Os diélis são poetas e músicos que conhecem as muitas línguas da região e viajam pelas aldeias, escutando relatos e recontando a história das famílias como um conhecimento vivo. Diéli quer dizer sangue, e a circulação do sangue é a própria vida. A força vital.

Certa vez, um Diéli encontrou-se com um doma, que é considerado o mais nobre dos transmissores de histórias, e este lhe disse: - quem falta à própria palavra mata sua pessoa civil, religiosa e oculta, afasta-se de si mesmo e da sociedade. A verdade é uma força vital interior cuja harmonia é perturbada pela mentira. A palavra é divinamente exata e deve-se ser exato com ela. A língua que falseia a palavra vicia o sangue daquele que mente. Quem estraga sua palavra estraga a si mesmo.

Assim, o doma nos ensina que a palavra é força e também é responsável pelo conhecimento e sua transmissão. A palavra expressa tem o poder de engendrar coisas. Falar do poder da palavra nos remete também ao poder que exercemos sobre ela. Afinal, se pensarmos nas produções em que fomos constituindo nossa caminhada civilizatória, constataremos que a língua se faz através dos homens, de nossas práticas falantes e, sobretudo, nas relações que forjam nossa existência...

Em nosso primeiro encontro, em nada dava para transparecer o quanto Ana trazia em si as marcas do estigma de ser negra em uma sociedade que *falseia a*

Texto adaptado a partir do artigo de: JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil.
http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira_cV.pdf - capturado em 22/10/2008.

palavra matando sua pessoa civil. Por trás de sua aparente imponência, a bela garota negra acabou por deixar mostrar um aspecto de sua existência difícil de se imaginar diante da imagem que ela nos passa. A baixa auto-estima por ela assumida em nossa conversa pessoal me leva a pensar que esta possa ter sido produzida pelos mecanismos interpessoais de uma sociedade que dissimula seu preconceito na usura de discursos politicamente corretos, mas que se denunciam em seus dizeres cotidianos, em jogos de linguagem perversos e comentários jocosos de mal gosto evidenciando o quanto a linguagem tantas vezes está carregada de “*falcetes*”.

Durante a conversa com Ana, me lembrei de um encontro com nosso grupo de pesquisa no qual as discussões giraram em torno desse tema e de como fomos “descobrimos” palavras – denegrir, por exemplo - que utilizamos de forma corriqueira, mas que, em seu conteúdo semântico, transportam enunciados que podem produzir subjetividades manufaturadas que fabricam nossos modos de ver e sentir o mundo. Palavras onde, para Mia Couto (2003),

ainda estão presentes os fantasmas de um tempo que trabalhou a nossa “alma colectiva” por via de três materiais: o passado, o presente e o futuro e que nenhum desses materiais parece estar feito para uso imediato. O passado foi mal embalado e chega-nos deformado, carregado de mitos e preconceitos. O presente vem vestido de roupa emprestada. E o futuro foi encomendado por interesses que nos são alheios...

O que nos leva a supor que dispor da palavra tanto pode ser ato de criação ou maldição. Através dela, tanto se pode povoar a vida de novos sentidos, como reproduzir o exílio do homem em relação ao seu próprio mundo.

Ao supor o outro em sua intenção enunciativa, podemos deduzir que a linguagem é via de constituição de subjetividades, e seu caráter polifônico nos aponta que esta pode ser a *embalagem perfeita* para as idéias que vão sendo levadas para as vidas de jovens como Ana e podem, ou não, se constituir numa forma de “separar atividades semióticas (atividades de orientação no mundo social e cósmico) em esferas às quais as pessoas são remetidas”. (GUATARRI, 2000, p. 15)

Mas como entendo que a vida não se circunscreve em representações que nos são dadas, e, como a própria Ana me disse, *“a felicidade passa por desafios e só sai vitorioso quem se torna autor da sua própria história”*, acredito, também, que a palavra pode ser agenciadora de modos de se falar na língua que nos é própria, ou seja, para nos tornarmos autores de nossa própria língua, precisamos pensar a respeito de uma linguagem que não se fecha em conceitos, abrindo-se em sentidos, uma linguagem emancipatória, que não se submete à “versão dos fatos” produzidos por uma racionalidade que determina ações e subjetividades. Refiro-me a uma linguagem que tanto conceba a produção do conhecimento, como o alargamento desse conhecimento através do próprio exercício desta linguagem. Uma linguagem que assume suas contradições tomando por base trajetórias que transcorram por caminhos que penetram por vias filosófica, social e estética, instituintes de novas políticas. Uma linguagem que subverte sentidos e resignifica a palavra podendo se constituir na via de transgressão para as tantas argúcias discursivas que propõem, mas se eximem de ações, pois, [...] *têm coisas na vida que não se resolvem apertando o gatilho [...] você tem de deixar de ser dominado. A vida é um jogo marcado e a gente só está no primeiro ato. O sistema dá as armas para a nossa destruição. Não faça o jogo deles [...]*.

Retomando o tema, se o presente está impregnado de uma língua *que falseia a palavra e vicia o sangue estragando as palavras,*

“é importante fazermos nova luz sobre o passado porque o que se passa hoje nos nossos países não é mais do que a actualização de convívios antigos entre a mão de dentro e a mão de fora. Estamos revivendo um passado que nos chega tão distorcido que não somos capazes de o reconhecer.” (COUTO, 2003)

- *Eu vou começar te perguntando se você lembra porque que eu te convidei para participar de meu trabalho? Por que a gente está aqui, o que eu pedi para você fotografar?*

- *Ahhh!!!... Os nossos cotidianos... Assim... Sobre uma coisa que eu queria comentar, uma coisa interessante ou importante do meu dia-dia...*

- *Isso! O seu olhar sobre as coisas do seu mundo... Da sua realidade... Bom... E aí você me trouxe essas fotos e você lamentou que algumas não saíram, não é mesmo?*

- *Exato...*

- *Você quer começar falando sobre as fotos que não saíram ou sobre as fotos que estão aqui...*

- *As que não saíram.*

- *Então vamos lá... Quais foram as fotos que você gostaria que estivessem aqui e que não saíram? Por quê?*

- *Fotos assim... De lugares... Lugares precários assim... De favelas e tal... As condições familiares e tal... E fotos de locais já como... Locais melhores... Vamos supor...*

- *Você queria mostrar o contraste social?*

- *Isso! Eu queria as fotos que contrastassem os ambientes assim, os locais familiares...*

- *Por que você queria isto?*

- *Ah! Porque eu acho interessante... É... Dizer que... enquanto muitas pessoas estão... se dando bem na vida, assim e tal, estão lá no alto, em boa situação financeira, familiar e tal, outras pessoas estão precariamente, estão vivendo precariamente...*

- *Isto te incomoda?*

- *Ah! Com certeza incomoda.*

- *E você tem vontade de fazer alguma coisa com relação a isso?*

- *Não, eu acho que o povo que deveria... se conscientizar disso.*

- *Mas você não faz parte do povo?*

- Exato, exato. E devemos se conscientizar disso, saber que... Enquanto muitas pessoas estão fingindo que não percebem isso, cada vez fica muito mais difícil e os ricos cada vez ficam mais ricos e os pobres ficam cada vez mais pobres. E no jornal sai coisas... só sai coisas assim, sobre... pessoas de alta renda, assim... Eu acho que o povo deveria... Aí! Como é que eu posso dizer?

- *O que você acha que o povo teria que fazer?*

- Em relação, assim... aos estudos. Procurar saber mais sobre... No caso da sua classe financeira, o porquê que está acontecendo esse contraste todo de classe.

- *Você procura fazer isso?*

- Procuro. Eu acho que sim.

- *Você acha que isto leva a uma ação que vai modificar as coisas?*

- Eu acho que sim, por que... O povo sabendo disso tudo, sabendo o que ocorre, ele não vai ficar mais... Ao invés de absorver só o que o povo da alta falar, às vezes até não vai mais aceitar. Não vai mais só concordar...

- *Você acha que existe um conformismo das pessoas?*

- Isso! Não concorda, mas aceita aquilo. Estudando sobre, eles vão ter como combater e impor suas opiniões diante das coisas.

- *Entendi...*

- *Bom... Então com essas fotos da favela e de locais onde residem pessoas das classes privilegiadas, você queria mostrar...*

- Esse contraste!

- *Esse contraste...*

- *Que outras fotos você disse que gostaria que estivessem aqui e que não estão?*

- Há... Eu queria o cotidiano dos jovens. Do mesmo jeito que eu contrastei as classes mais favorecidas e as classes baixas, eu queria contrastar o cotidiano dos jovens. Assim, como alguns jovens estão aproveitando as oportunidades de estar estudando, tendo um bom estudo, faculdades e tal, outros jovens estão na favela sem ter nada o que fazer. Mas eu acho que talvez não seja falta de oportunidade, seja falta de aproveitamento desses jovens. Eu acho que teria que surgir mais interesse da parte dos jovens de correr atrás dos seus interesses.

- *Você acha que a questão está na falta de interesse dos jovens, não existem outras coisas que podem estar também influenciando?*

- Ah! Existe a falta de preparo, né? Porque geralmente, num mercado de trabalho, eles falam que você tem que ter experiência sobre aquilo, mas se você não trabalhou, como que vai ter experiência? Então eles têm que ter... Vamos supor... Um preparo para os jovens. Pré-emprego talvez...

- *Eles quem?*

- Ah! Não sei o mercado de trabalho... Eu acho assim... Ah! Tem as outras fotos também que eu tirei. Aqui foi a união de famílias.

- *Você acha que a família é importante?*

- Acho! Que a família tem que estar em primeiro lugar e devemos estar sempre unidos lutando pelo nosso objetivo, pela paz contra os racismos, contra tudo.

- *Você se sente discriminada?*

- Eu nunca sofri com esse problema não, graças a Deus, mas também agora está bem aberto esse assunto, mas eu creio que muitas pessoas ainda estão sofrendo, eu já sofri mais. Quando era menor, eu sofri alguns preconceitos, sobre minha cor e entrei até em depressão uma vez por causa disso, mas agora...

- *Mas...*

- Temos que lutar por isso...

- *Hoje você se acha uma mulher bonita?*

- Exatamente. Graças a Deus eu superei tudo isto. Esses preconceitos... Eles mexem mesmo com o teu... Ah! Você sempre fica assim... Chateada, com depressão, foi o que aconteceu comigo.

- *Em algum momento, você pensou que gostaria de ser diferente do que é?*

- Pensei! Pensei! Porque isso foi muito grande, as coisas que falavam para mim me atingiram bastante. Aí eu... Eu penso... Eu pensei em ser... Tipo... Não queria ser negra, poderia ser assim ou assado...

- *E agora?*

- Ah! Agora talvez esteja saindo disso, estou começando a me ver melhor, me sentir melhor, tipo assim... Independente da minha cor, da minha classe.

- *Independente da tua cor? Pensa no que você falou. Será que você está mesmo se aceitando?*

- Não! Não totalmente, não totalmente. Porque na minha família ainda tem racismo.

- *A sua família é composta de pessoas brancas e negras?*

- *É, também, também, mas eu tenho colegas que tem racismo contra a sua própria cor, e eu já tive isso. Eu agora é que estou superando, entendeu? O problema com o racismo...*

- *Quando você se olha no espelho, o que você vê?*

- *Ah!... Agora eu me vejo... Sei lá. Uma menina privilegiada... Eu me acho bonita. Vejo em mim coisas boas que eu não via antes. É que antes eu me achava feia por conta das depressões... Entendeu?*

- *Você olha e vê uma negra bonita?*

- *Agora sim, agora eu vejo e estou aprendendo não só a me cuidar para estar melhor, mas ajudar as pessoas que passam pelo mesmo problema que eu.*

- *Eu percebo que você é vaidosa e procura se embelezar assumindo suas características étnicas. Você não procura seguir os padrões da mulher branca como muitas meninas que ficam alisando o cabelo e tentam pintar de louro. Sua aparência física é de uma mulher negra, bonita.*

- *É isso aí!*

- *Não sei se é isso que acontece, mas me parece que você já está conseguindo se olhar como negra e bonita, o negro é bonito!*

- *Exatamente, exatamente.*

- *Fala um pouquinho dessa foto.*

- *Essa foto ai eu tirei na Universidade da UFF e era um passeio que eu fui fazer por lá, uma excursão que eu ia sair para Minas para gravar...*

- *Você toca?*

- *Toco.*

- *Humm, você gosta de música?*

- *Gosto.*

- *E dança também...*

- *E dança também, adoro...*

- *Você dança o quê?*

- *Eu faço... Tenho uma Companhia de dança contemporânea.*

- *Onde?*

- No Centro Cultural da Região Oceânica.

- *É você quem coordena?*

- Não. Não, eu participo.

- *O Wudson é o professor?*

- Não, não. Ele também é aluno. Ele já foi professor, agora é aluno.

- Essa foto eu tirei assim porque, como a senhora está vendo... Sei lá! Eu estou feliz comigo mesma. Eu acho importante a gente estar com a nossa auto-estima no alto, assim e tal e, estar feliz com si próprio, aí está mostrando mais ou menos isso, alegre, tocando violão, estava dentro de uma faculdade, sei lá.

- *Você tem sonho de entrar para UFF?*

- Eu tenho.

- *Você quer fazer o quê?*

- Quero fazer faculdade de educação física, eu adoro esportes, assim, academia... Eu adoro. Aí esta mostrando que devemos estar em paz com a gente mesmo, entendeu?

- *Destaca essa foto aí para eu ver. Antes de começarmos, você estava falando dessas fotos aqui, não era? Disse que queria falar do meio ambiente, não era?*

- Também. Essas fotos aqui eu tirei porque eu queria mostrar que devemos estar cuidando do meio ambiente, amando o meio ambiente.

- *E essas crianças que estão na foto?*

- É, está vendo, tá como se estivesse abraçando a árvore. Eu achei interessante, assim, abraçando a árvore. O amor pelo ambiente.

- *Você pediu para elas abraçarem a árvore ou elas estavam brincando?*

- É... Elas estavam brincando e eu achei que eu poderia bater assim... Como se tivesse... Temos que amar a natureza, cuidar e preservá-la, entendeu? As coisas que ultimamente não está acontecendo.

- *Te incomoda essa coisa da natureza não estar sendo cuidada?*

- Ah! Sim, o desmatamento, a poluição.

- *Te preocupa isso?*

- Com certeza, mexe com o ecossistema... Devemos fazer, sei lá... Temos que medir os nossos atos hoje, para chegar amanhã melhor para os nossos filhos.

- *E essa foto aqui?*

- Essa foto também é sobre... Mostrando a montanha, que devemos preservar tipo... Essa montanha aqui já teve queimadas, mas conseguiram reestruturá-la...

- *E essa?*

- Também, tá em sintonia com o meio ambiente e devemos ajudar uns aos outros, amar ao próximo.

- *Esse daqui quem é?*

- Esse daqui é o meu irmão Allan.

- *E ele estava fazendo o quê?*

- Estava ensinando música. A menina é a minha irmã e esse aqui é um amiguinho, ele estava ensinando.

- *O que te chamou a atenção nessa cena do seu irmão ensinando música para duas crianças?*

- Eu acho que esta faltando bastante amor ao próximo, a gente está pensando muito em nós mesmos, assim pensando o bem pra gente e esquecendo até de ajudar a outras pessoas.

- *E você ajuda?*

- Procuro fazer o melhor.

- *E essa foto?*

- Aqui têm pessoas negras, pessoas brancas, pardas... Tipo assim... Eu queria mostrar a junção de pessoas negras, claras, pardas, lisos, crespos assim... Entendeu? Em comunhão...

- *A questão do racismo está bem presente em você, não é, Ana?*

- Isso, isso! Porque eu já tive problema com isso, então eu quero deixar bem claro até pra mim mesma que é para poder ajudar as outras pessoas sobre esse assunto.

- Essa foto... Era para contrastar... Não! Pára junto com essa daqui... Aqui eu já botei que devemos aproveitar a tecnologia que hoje está super-avançada, aproveitar a tecnologia, mas sem prejudicar o meio ambiente.

- *Deixa ver se entendi... Você queria relacionar a tecnologia com a natureza? Até que ponto podem caminhar juntos?*

- É mais ou menos isso. Isso!

- *Os dois podem estar juntos?*

- Podem estar juntos. Eu queria até colocar mais coisas assim, mas infelizmente a foto que não foi tirada, que falava bastante sobre muita tecnologia, sem prejudicar o meio ambiente, entendeu?

- Essa daqui, o ambiente diz tudo, no caso o meio ambiente diz tudo.

- Nessa eu quis mostrar que devemos estar sempre estudando, não só para a escola que tem dever para fazer, mas estudar sobre outras coisas interessantes.

- *Você acha que o estudo não se pode resumir ao conteúdo da escola?*

- Não pode se resumir à questão da escola temos que ampliar as nossas...

- *Fala o que a escola representa para você.*

- Eu acho que, nos dias de hoje, está representando, vamos supor... tudo, porque, sem estudo, não tem emprego, sem o emprego, como que a gente vive?

- *Você acha que a escola dá conta disso?*

- Olha, eu acho que ajuda muito. Temos que procurar outros recursos, assim como cursos e tal, né?

- *Você gosta daqui da escola?*

- Gosto, gosto.

- *O que você encontra aqui na escola, além do estudo?*

- Os amigos, gosto de estar em comunhão com os amigos.

- *E essa foto?*

- Essa foto aí são de pessoas lá em casa. Somos evangélicos. Então, são de pessoas que foram lá orar e estava em comunhão com a minha família. Aí está mostrando todo mundo de mãos dadas e também faz parte da união. União do povo, a união faz a força.

- *Você se preocupa muito com essa coisa do amor ao próximo, da união, da paz, da cooperação entre as pessoas. Você vive dificuldades na sua casa. Por que está tão preocupada com essas questões.*

- Ai... Acho que já vivi mais, agora esta entrando nos conformes, já vivi mais até da minha parte mesmo, como eu era, com esse meu negócio de preconceito, da depressão, eu sei que eu preferia ficar mais longe da minha família, agora vamos supor que esteja me reintegrando à família.

- *Tua família é negra, tua mãe é negra, teu pai é negro?*

- É.

- *Então o seu afastamento era por quê? Era devido ao fato deles serem negros?*

- Não, não, nããããooooo!!!.

- *Você culpava eles por você ser negra.*

- Não, não, nunca culpei a eles por ser negra não, até porque é genética, e é lógico não tem como sair dali, mas não era por isso não, sei lá?! Era mais porque eu me achava feia, eu me achava uma coisa e não queria estar no meio dos outros, entendeu

- *Era uma coisa...*

- Era preconceito contra mim mesma, preconceito comigo mesma. Eu não queria estar no meio das pessoas, não sabia conversar, não me sentia bem assim.

- *E o que te ajudou a sair dessa, já que você me fala que hoje em dia você se gosta, faz dança, toca. Você canta também?*

- Canto.

- *Você acha que foi a arte que te ajudou de alguma forma a sair dessa?*

- Eu acho que sim. Algumas pessoas sempre me diziam: Ana para você sair disso você tem que querer, tem que se esforçar para sair. Aí você fala: eu estou assim, estou assado, ai chora, mas não vê... Não quer... Parece que não quer ver a possibilidade de sair dali. Minha mãe falava que eu vivia num casulo, não queria ver a possibilidade da pessoa sair dali. E eu, depois que escutei várias vezes as pessoas me dizendo: Ana você tem que querer e acima de querer você tem que ter vontade para sair disso.

- *Ana, eu vou te falar uma coisa que chamou minha atenção em você... Quando nós estávamos ali fora, você mostrou sua foto para seu amigo e ele comentou como você era bonita, que poderia ser até modelo! Mas, você falou que já nem acreditava mais no que os outros falavam. Por que você não acredita que é bonita, você tenta se convencer, mas não acredita?*

- Eu estou tentando, eu estou me convencendo disso, ainda. Estou me convencendo, estou naquele processo de sair do que eu era... Da depressão, ainda estou naquele processo. Eu estou me convencendo disso.

- *Mas você faz dança contemporânea, que é uma dança que exige muita expressão espontânea, como é isso?*

- Exato.

- *Tem espelho na sala?*

- Tem.

- *Quando você se olha no espelho fazendo os movimentos, como é que você se vê?*

- Sei lá. Eu me vejo assim no futuro uma grande dançarina.

- *Quando se olha dançando se acha bonita?*

- Ah! Eu acho, eu acho. Apesar de eu achar que... Isso é um bom assunto. A dança... Eu acho que... Na verdade, eu acho que eu não levo jeito. Mas, por eu gostar muito, eu acho lindo, eu estou correndo atrás, entendeu? Estou indo, faço dança, estou procurando dar o melhor de mim assim, para um dia eu chegar lá, apesar de eu achar que não levo muito jeito pra isso, mas estou correndo atrás porque um dia eu quero me ver em grandes palcos, entendeu?

- *Você tem o sonho de um dia, estar...*

- Com certeza.

- *Ter visibilidade, ser vista pelas pessoas?*

- É, é uma boa também. É realmente.

- *Você acha importante essa coisa de ter esse sucesso, ter visibilidade?*

- Eu não, acho que não. Talvez seja importante para mim, para minha auto-estima, entendeu? Para mim é importante, não é nem assim de ser visível, ser uma atriz assim e tal, a importância mesmo é só para mim, eu estar em alta com a minha auto-estima, entendeu?

- *Você acha que precisa desse reconhecimento das pessoas para que você se sintá...*

- Eu acho que é preciso. Você ainda precisa do outro para se gostar.

- *Você, por si só, ainda não consegue se olhar e se gostar?*

- Não, eu ainda preciso muito das pessoas, por isso que eu falo muito sobre a união, eu acho que eu preciso bastante e quero superar tudo isso para poder ajudar as pessoas que tem o mesmo problema que eu, como eu tenho amigos também em depressão, que parece que a gente se junta né? Aí, vamos supor que

eu esteja me curando e queira ajudar a eles também. Então eu acho muito importante.

- A sua depressão era por causa da questão racial?

- Eu acho... Era um conjunto. Então o problema racial, quanto eu me achar feia, eu tinha aquela negatividade mesmo, que eu não ia conseguir fazer as coisas, que eu não era bonita, que não sei o que, tinha aquela negatividade e aquele preconceito comigo mesma.

- Você acha muito importante ser bonita?

- Eu acho muito importante você estar bem consigo mesma, se você se acha bonita, isso é importante. Agora, o que as pessoas falam, o que é bom você atribui a você e o que é ruim você não deve dar valor.

- Mas você ainda não consegue fazer isso, não é, porque você ainda se importa com o que as pessoas falam, pensam...

- Me importo, na verdade o que eu falo é o que pretendo ser, estou lutando para ser, entendeu? Mas, eu me importo bastante com o que as pessoas falam, sou bem influenciável.

- Você tem consciência que isso é uma coisa que você tem que vencer?

- Exatamente, exatamente.

- Aquilo que você falou no início, que as pessoas têm que estudar, tem que pensar refletir sobre a vida para não se deixar seduzir pelo que os outros determinam...

- Exatamente, é isso que estou querendo passar, eu falo aonde que eu pretendo chegar, eu falo tudo o que eu pretendo ser e que eu estou lutando para ter. Você falou no caso de não deixar que as pessoas e tal, não se levar pelas pessoas, e eu ainda me deixo levar, e eu falo que não devemos porque eu pretendo chegar lá também.

- Você tem namorado?

- Não.

- Nunca namorou?

- Já, já namorei, agora eu não tenho por opinião própria, assim, não querer mesmo.

- Não apareceu ninguém que te interessasse?

- É, pode ser...

- *Você não sente falta?*

- Não, pior que não. Acho que eu sentia mais falta naquela época de depressão. Eu sentia falta de alguém pra dizer: Pô! Você está bonita hoje! Entendeu? Agora não, eu passei a ocupar meu tempo com minhas atividades, dança, eu canto e mais não sei o que, aí eu passei a ocupar meu tempo com isso e não sinto falta.

- *E a religião para você, Ana, como é essa questão da religião?*

- Eu gosto, mas já fui meio que contra, porque eu cresci numa religião protestante, evangélica. Sendo que a primeira igreja que eu passei, a doutrina era muito fechada, e eu acho que as pessoas não têm que, sei lá, parece que... Acho que... ampliar a visão...

- *Por que, você acha que na igreja evangélica, algumas pessoas não têm uma visão ampliada, é isso?*

- Exato, exato, não todas. Tem igrejas renovadas e tem aquelas igrejas tradicionais. Eu era de uma igreja muito tradicional, então, por um tempo, eu achei que eu estava dentro da igreja porque mamãe me forçava, agora não, agora eu gosto, não estou mais na igreja da minha mãe, estou em outra, sozinha, mas, encontrei o meu povo ali, entendeu?

- *Sim...*

- Com uma visão completamente ampla sobre o mundo e diferente da outra que prega que devemos estar em comunhão com a gente mesmo, crer em Deus no caso, crer em Deus e que ele olha o nosso coração, não nossas vestes. Ele olha o nosso coração, a nossa pessoa, ele olha a gente pelo interior não pelo exterior, coisa que, na igreja anterior, onde eu nasci, não via dessa forma. Lá se julga as pessoas que são de outra forma. Então, eu acho bastante importante para a pessoa, não é ser dessa religião evangélica ou outra qualquer, é a crença em Deus.

- *Acho que entendi... Mais do que a religião, você acha importante a fé em alguma coisa...*

- A fé, a fé, exatamente, a fé em Deus, exatamente, eu acho importante a fé, não é nem exatamente a igreja, Eu estava conversando com a mamãe, tem igreja para todos os gostos e estilos, então é importante você estar em comunhão com o povo da sua mesma fé, vamos supor, que creia no mesmo que você.

- *Entendo. Teve mais alguma foto que faltou e que era importante aqui.*

- Não, não, acho que não.

- *E outra coisa que eu queria te perguntar. Você falou que você queria fotografar a favela e do lado da favela um bairro de classe alta. O que você chama de classe alta, eu chamo de classes privilegiadas. Você mora em que espaço, na favela ou nas classes privilegiadas?*

- Eu acho que nem um e nem outro. Tenho que dar graças a Deus pela vida que eu tenho, eu moro entre, vamos supor, não sou bem de vida, mas também vejo pessoas piores que eu. Então eu acho que estou bem. Tendo que classificar, eu me classifico em classe baixa, sendo que eu tenho mais recursos que as pessoas dessa favela lá da minha casa, tenho mais oportunidades. Então eu não me considero nem junto dali.

- *Você convive com os problemas que as favelas enfrentam atualmente?*

- Já foi muito, já foi caos, agora está começando a melhorar.

- *E o que você pensa disso.*

- Não sei. Eu fico pensando assim, eu passo para ir para a minha casa, atravesso, eu passo por uma... Eu fico pensando assim... Vejo vários jovens ali, passando drogas e tal, cheirando e eu fico pensando... O que eles acham, que futuro eles acham que vão ter naquilo, Não sei, não sei, somente os pais, eu acho que os jovens teriam que ter, vamos supor, uma base. Os pais deveriam incentivar mais.

- *Essa seria a importância da família.*

- É, porque a família faz falta. Muitos ali não têm um bom relacionamento com a família, ou os pais já estão dentro do...

- *Mas você falou que também teve uma época que você não tinha um bom relacionamento com a família...*

- Não tinha, mas eu tinha, graças a Deus, sempre tive juízo, não tinha um bom relacionamento, principalmente com a minha mãe. Eu não tinha um bom relacionamento por conta das minhas próprias dificuldades, a minha mãe sempre se impôs para me ajudar, me dando conselhos, mas eu também nunca saí fora dos conselhos dela, não sei se eu era aquela filha rebelde, mas tudo que ela falava eu deixava guardadinho e diz ela que eu só queria contestar o que ela estava falando. Vamos dizer assim... Eu era do contra, mas, na verdade, eu escutava ela. Então, eu acho que não é por isso que eu falava besteiras para minha mãe, mas nunca cheguei a pensar, no caso de ir para o mundo do tráfico, das drogas, da prostituição, nunca pensei. Acho que isso não é um refúgio, muitas vezes você briga com a sua mãe, alguma coisa assim, vem aquelas pessoas como se fossem te ajudar, pessoas de dentro como se fossem te ajudar, não vai ajudar, entendeu? Muitas vezes te dão carinho te dão não sei o que, para você entrar, sendo que na verdade não é aquilo.

- *Me fala mais da arte, eu acho a arte muito presente na tua vida e eu, pessoalmente, considero a arte um meio potente de proporcionar coisas boas para a gente. Você acha que a arte teve uma função importante na tua vida assim, como é essa coisa?*

- Eu acho que teve, no meu caso, eu também acho.

- *Você acha que a arte poderia ser um caminho para as pessoas?*

- É, eu acho. A dança foi um momento que eu encontrei para não ficar vago, eu poderia estar em casa, conversando com os amigos, é, conversando com pessoas que não vão te levar a nada, eu ocupei o meu tempo, entendeu? Com dança, com canto, com teatro, eu ocupei o meu tempo. Eu acho que é muito da ação da arte mesmo. No início foi só para ocupar o meu tempo, apesar de eu gostar, só que dentro dela eu criei um interesse, um super-interesse e gostei e pretendo manter, dança, canto, teatro e cinema eu pretendo manter, eu acho que ela me deu uma nova visão, ampliou a minha visão.

- *Me fala sobre os jovens... Quem são os jovens de hoje?*

- Quem é o jovem? Como assim?

- *A minha pesquisa trabalha tentando entender um pouco mais, os jovens. E como você é uma jovem... Eu te pergunto: quem são os jovens?*

- Eu acho que o jovem é uma pessoa confusa, eu acho que, bastante confusa, até porque tem uma questão... O jovem é o processo do infantil para ser adulto. Eu acho que é confuso sobre o que quer o que não quer... É bastante influenciável. A mídia influencia bastante nos jovens, tem que ser assim, tem que ser assado, tem que comprar isso, tem que ser assim, se não andar assim, você não é nada.

- *Você se percebe como esse jovem?*

- Eu acho, eu estou dentro, eu estou dentro entendeu, mas acho que temos que lutar com isso, acho que o jovem mesmo é uma pessoa confusa e influenciável, então depende muito do ambiente, assim, assado e tal para pode crescer pro bem ou pro mal.

- *E o que é o bem e o que é o mal?*

- O bem seriam coisas agradáveis, coisas que você, que vai te levar ao futuro um futuro melhor. O mal é você entrar para a prostituição e drogas assim que, sei lá, eu acho que isso para mim é o mal.

- *Essa pesquisa é sobre juventude as pessoas vão ler as falas desses jovens, para entender um pouco mais sobre eles. Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o seu olhar sobre o mundo, o que te inquieta no mundo atual?*

- Não sei, porque eu, eu me considero meio que cafona para a minha idade, eu vivo mais no passado, no passado assim, no sentido de músicas mais velhas e tal, meu estilo é assim: gosto de conversar com pessoas mais velhas. Eu acho que o mundo atual está bem conturbado.

- *Você não gosta de funk, por exemplo?*

- Não, esses funk's de agora, não eu acho que eu não posso te dizer muito, porque não tem letra, não tem, não posso te dizer muito.

- *Mas você gostava dos funk's anteriores?*

- Dos funk's anteriores eu já gostava.

- *Hap, você gosta?*

- Gosto, gosto.

- *De que estilo você gosta?*

- Eu gosto de MPB, eu canto MPB.

- *O que você canta de MPB?*

- Eu canto Ana Carolina, Djavan. Eu gosto muito de escutar também, para minha idade é bem velho, Aretha Franklin, Bee Gees... Sei lá, eu gosto de coisas assim... Fico bastante em casa, sou bem caseira.

- *Cinema, você gosta?*

- Cinema? Pouquíssimas vezes, quase nunca.

- *DVD você pega para ver?*

- Pego.

- *O que você gosta de ver em DVD?*

- Eu gosto de ver, mas... Assim... Um policial, não gosto daqueles filmes de desertos, gosto de coisas contemporâneas.

- *Por exemplo?*

- Achei bastante interessante... "Energia pura".

- *Fala de quê? Eu não vi esse filme.*

- Tipo... Não é uma coisa assim, completamente atual, fala de uma pessoa, que, na verdade, eu acho que é um anjo. A energia pura, no caso, seria um rapaz bastante... O tempo todo ele é visto como feio e ficava isolado. Ele é uma pessoa, diferente, passa por muitos preconceitos, na escola e tal... Ele tinha o mundo dele dentro, da casa dele, não comunicava com outras pessoas, mas ele era uma pessoa super inteligente, que vivia, dentro de uma biblioteca. Ele tinha livros sobre tudo, muito inteligente, mas só que ele ficava isolado, não tinha contato com as pessoas. Os avós achavam que era melhor proteger ele dessa forma, já que ele não lutava com o preconceito, acharam melhor proteger ele isolando e um dia os avós morrem e resolvem levar ele para um colégio, levar ele para entrar em contato com as pessoas, e a missão dele aí era unir as pessoas, no caso, quebrar os preconceitos. Assim, e ele termina como se fosse um anjo que tivesse na terra entre as pessoas para ajudar.

- *Você poderia dizer que se sente como esse anjo?*

- Eu acho que sim, eu acho que sim.

- *Tá bom. Obrigada querida, eu adorei...*

- Ah! Tem uma frase que eu falei naquele dia que você foi na sala conversar com a gente. Uma frase muito importante e que você gostou... Eu até anotei no celular para guardar pra entrevista...

- *Ok pode falar...*

- Fala de felicidade... "A felicidade passa por desafios e só sai vitorioso quem se torna autor da sua própria história".

- *Que lindo Ana! Obrigada...*



- Fotos de lugares precários assim... Eu queria as fotos que... Dizer que... enquanto muitas pessoas estão se dando bem na vida, assim e tal, estão lá no alto, em boa situação financeira, familiar e tal, outras pessoas estão vivendo precariamente...



- É, está vendo, tá como se estivesse abraçando a árvore. Eu achei interessante, assim, abraçando a árvore. O amor pelo ambiente.



- Nessa eu quis mostrar que devemos estar sempre estudando, não só para a escola que tem dever para fazer, mas estudar sobre outras coisas interessantes. ... Não pode se resumir à questão da escola... Temos que ampliar as nossas...



- Essa foto aí são de pessoas lá em casa. Somos evangélicos. Então, são de pessoas que foram lá orar e estava em comunhão com a minha família. Aí está mostrando todo mundo de mãos dadas e também faz parte da união. União do povo, a união faz a força.

Olha

*Será que ela é moça
Será que ela é triste
Será que é o contrário
Será que é pintura
O rosto da atriz
Se ela dança no sétimo céu
Se ela acredita que é outro país
E se ela só decora o seu papel
E se eu pudesse entrar na sua vida*

Olha

*Será que é de louça
Será que é de éter
Será que é loucura
Será que é cenário
A casa da atriz
Se ela mora num arranha-céu
E se as paredes são feitas de giz
E se ela mora num quarto de hotel
E se eu pudesse entrar na sua vida*

*Sim, me leva para sempre, Beatriz
Me ensina a não andar com os pés no chão
Para sempre é sempre por um triz
Ai, diz quantos desastres tem na minha mão
Diz se é perigoso a gente ser feliz*

Olha

*Será que é uma estrela
Será que é mentira
Será que é comédia
Será que é divina
A vida da atriz
Se ela um dia despencar do céu
E se os pagantes exigirem bis
E se um anjo passar o chapéu
E se eu pudesse entrar na sua vida*

Chico Buarque de Hollanda e Edu Lobo

Ao longo de minha conversa com Beatriz, por várias vezes me remeti às imagens da obra de Walter Benjamin. Lixo e ruína como símbolos utópicos de redenção e que, na maioria das vezes, são descartados como algo insignificante para nossas vidas. Lembrava da importância que o filósofo alemão dava às coisas banais do cotidiano e que tantas vezes passam despercebidas, mas que podem nos apontar para uma *recherche* que está justamente na multiplicidade, na imprecisão de um sentido único, na destruição de falsas profundidades, no esfacelamento do idêntico e no encontro entre semelhanças.

Por várias vezes, Beatriz me levou ao pensamento do filósofo alemão lembrando-me que, nas brechas, nos intervalos, pode-se dar o encontro com um passado que, ao ressurgir no presente, por mais semelhante que possa parecer, é sempre diferente. Este é o sentido da semelhança para Benjamin, pois aponta para a criação, para a possibilidade de redenção daquilo que, à primeira vista, pode parecer reprodução.

Neste movimento de trazer à tona as imagens benjaminianas, uma surgiu como relampejo para o texto que se segue...

Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio; mas o adulto, que se vê acossado por uma realidade ameaçadora, sem perspectiva de solução, [brincando] liberta-se dos horrores do mundo. (BENJAMIN, 2002, p.104)

Pensei se não seria isso o que acontece com alguns jovens. Ao serem inseridos precocemente no mundo dos adultos pelas adversidades da vida, indigentes da Infância, vão sendo desapropriados de seus “*pequenos mundos próprios*” e, ao se verem “*acossados por uma realidade ameaçadora, sem perspectiva de solução*”, se perdem de suas capacidades narrativas, poéticas, presentes no brincar, diante de uma realidade que lhes parece aterradora já que não lhes permite mais transformar lixo e sucata em conteúdo simbólico significativo, o que lhes possibilitaria um rearranjo para as supostas verdades prontas, “*libertando-os dos horrores do mundo*”.

Para Benjamin, as barbáries do mundo moderno, o choque diante de circunstâncias traumáticas, rouba-nos memórias, empobrecendo nossas experiências transmissíveis, fazendo com que *“nossos olhos percam o poder de olhar.”* Cabe a nós procurar caminhos que promovam o entrelaçamento do pensamento e das coisas. Mas, para que isto ocorra, é preciso que sejamos capazes de perceber, na superfície da forma, o conteúdo das coisas, as invisibilidades presentes no que está visível, e recuperar o “poder de olhar.” Já que, segundo Novaes (2000, p. 25), *“a visibilidade não está, pois, nem no objeto nem no sujeito, mas no reconhecimento de que cada visível guarda também uma obra invisível que é preciso desvendar a cada instante e a cada movimento.”* Afinal...

Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações (...). Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo, assim como acontece nos jogos infantis, pode ser remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis (CALVINO, 1990, p.138).

- *Beatriz você lembra por que eu lhe pedi para participar desta pesquisa?*

Silêncio...

- Não...

- *Então, por que você fez essas fotos?*

- Ah!!!... É... Você queria que eu registrasse o negócio que mais chamava minha atenção no mundo...

- *Sim...*

- Então... Aí eu tirei a foto desse cara que tava na rua e ele me contou um pouco da história dele. Era um cara que tinha tudo... Dinheiro... Tinha tudo e por causa do filho dele que fez alguma coisa lá ele largou tudo e ficou na rua.

- *Ele está pedindo alguma coisa?*

- Não. Ele tava lendo... Tava lendo um negócio.

Silêncio...

- *Ele foi morar na rua?*

- É

- E isso te tocou?

- Humm, humm...

- *Aí você parou pra falar com ele?*

- É... ele sempre está lá, ele mora lá, perto da minha casa. Aí ele que me parou, ele queria tirar uma foto.

- *Depois a gente tenta melhorar a foto e dar pra ele, ok?*

- Hum, hum...

- *E aqui?*

- Aqui são os meninos da minha rua, eles estavam fumando maconha e não tem vergonha nenhuma, daí eu tirei as fotos.

Interrupção pela entrada de duas meninas na sala...

- *Vamos retomar daqui, dos meninos que estavam fumando maconha, você disse que eles não têm vergonha de fazer isso na rua? Por quê? Você acha que deveriam ter vergonha de ficar fumando maconha na rua?*

- Eu acho! Sei lá...

- *Você acha que deve fumar maconha escondido é isso?*

- Neste momento trocamos um olhar de cumplicidade, pois, há algum tempo, atrás Beatriz havia me confidenciado que estaria fazendo uso de maconha por pressão do namorado.

- Não. Acho que deve não fazer porque é errado.

Beatriz torna a voltar evitar o encontro de olhares, posicionamento este que prevaleceu a maior parte do tempo da entrevista.

- *Chama sua atenção essa coisa da droga?*

- Humm, humm...

- *O que você pensa sobre drogas?*

- Há... É uma grande besteira, estraga a vida das pessoas.

- *Por que você acha que as pessoas procuram a droga?*

- Eu acho que é pra esquecer os problemas que têm. Sei lá.

- *E resolve?*

Ela olha para mim mais uma vez, ficamos em silêncio por um breve tempo e responde...

- Não.

- *Não?*

Nova pausa...

- Acho que não.

- *Acha que não?*

(pausa)

- *Tá legal...*

Risos

- *E aqui?*
- Aqui eram umas criancinhas que estavam brincando no lixo, estavam tentando aparecer na foto.
- *E por que você tirou essa menina no primeiro plano?*
- Não, ela saiu sem querer.
- *O que você pensa dessas crianças brincando no lixo?*
- Pô!... Eu acho que pode pegar doença e as mães não tavam nem aí, não tavam nem ligando.
- *Te toca essa coisa da mãe não se importar muito com os filhos?*
- Muita coisa...
- *Por quê?*
- Sei lá? Não sei... Acho que... Não sei...?!
- *Isso te toca muito, relação mãe e filho?*
- Humm, humm.
- *Você pensou que aqui é justamente ao contrário? O filho que não se importou com o pai?*
- Isso também é muito triste... Isso é muito triste.
- *São situações invertidas... Uma é a figura do pai rejeitado pelo filho e outra a figura da mãe que parece não ligar para os filhos...*
- Humm, humm...
- Novo silêncio...
- *Aqui, mais uma vez, o lixo, o lixo é uma coisa que te chama muito atenção?*
- É... Porque o pessoal nem se importa com quem vai limpar entendeu? E aí chega uma galerinha e vai jogando lixo. O cara tava varrendo e eles ficaram jogando assim mesmo... Nem se importando.
- *E você se importa com os outros?*
- Me importo...
- *Muito?*

(pausa)

- É... Talvez... Quem merece...

- *Por quê? Diga-me então, quem não merece?*

- Ai!!!

(pausa)

- *Para você quem não merece que você se importe?*

(pausa)

- Depende... Tem pessoas que me tratam mal. Acho que essas não merecem minha atenção.

Silêncio mais prolongado...

- *Bom... Vamos falar mais das fotos, depois retomaremos essa questão. Essa foto aqui, o que é isso?*

- É, isso aqui é um esgoto. Eles (os meninos que estavam na foto fumando maconha) moram do lado e não tem cheiro bom, eles sempre reclamam disso, mas eles mesmos jogam lixo, jogam coisas ali dentro.

- *Então eles fumam maconha para resolver os problemas e moram do lado do esgoto, mas não fazem nada?*

- É... Eles sempre reclamam, mas não se importam. Começa por eles mesmo que jogam muito mais.

- *De alguma forma, a droga não leva eles a modificar nada na vida?*

- É...

Longo silêncio...

- *Parece que eles repetem a mesma coisa. Pelo menos este é o meu olhar para o que você me traz. Você parece me falar de meninos que ficam fumando maconha para resolver os problemas deles, reclamam da situação de vida em que se encontram, mas ao mesmo tempo não fazem nada para mudar. Continuam reforçando o modo de vida como está. É isso?*

- Humm, humm.

- *Será que a droga leva a algum lugar? Será que levou?*

Mais um breve silêncio...

- Isso aqui é um lugar onde bota a garrafa pra reciclar e tal... Aí, isso me chamou a atenção porque os caras trabalham aí o dia inteiro e ganham pouco, porque isso não é muito... Não sei... É... Como é que se fala? O pessoal não leva muita garrafa, eles ficam catando na rua.

- *Você acha que o trabalho deles merecia uma melhor valorização? Até porque eles transformam o lixo em alguma coisa não é mesmo?*

- É...

(pausa)

- *O lixo te incomoda muito?*

- Incomoda.

(pausa)

- *Porque que o lixo te incomoda tanto assim?*

(pausa)

- Não sei...

- *Você acha que se pode fazer algo em relação a isso? Veja bem... Você me traz uma foto de reciclagem e de certa forma me diz que valoriza as pessoas que fazem isso. Você acha que pode fazer alguma coisa do lixo?*

- Há, eu acho que seria uma boa... Cada lata para uma coisa. Seria mais fácil de... De separar, assim...

- *É, mas, veja bem, eu estou lhe perguntando do lixo um outro tipo de lixo, não estou falando do lixo, lixo concreto. Falo de outra forma de sujeira. Eu estou falando da vida que muitas vezes tem seu lado lixo, concorda comigo?*

(risos)

- Concordo.

Silêncio...

- *O que você pensa desse lixo da vida?*

Silêncio...

- *O que a gente faz diante disso?*

Silêncio...

- *Você tem vontade de fazer alguma coisa?*

- Não...

- *Não?*

- Não.

- *Você sonha Bia?*

- Não sei...

- *O que você sonha da vida?*

Silêncio...

- Hummmm... Eu sonho reencontrar minha avó.

- *Sua avó?*

- *Por quê? Você se perdeu de sua avó?*

(Beatriz havia sido criada pela avó que morrera recentemente)

- Humm, humm...

- *Perdeu em definitivo? Ela faleceu?*

- Humm, humm...

- *E sua mãe? Você tem mãe?*

- Eu não me dou muito bem com ela.

- *Por quê?*

- Eu não tenho muita paciência com ela...

- *Paciência? Ela requer muita paciência?*

- Muita paciência...

- *Me dá um exemplo de uma situação que requer muita paciência...*

- Ah! Ela tem problema...

- *Que tipo de problema?*

- Ah! Problema mental... Assim... Ela não entende bem as coisas... E depois que eu brigo com ela eu fico com raiva de mim mesma, entende?

- *Você se sente culpada por não aceitar sua mãe como ela é?*

- É isso...

- *É difícil ter uma mãe com problemas, não é?*

- Muito difícil...

- *Tem a ver com essa história toda que viemos conversando. Tem algo a ver com a relação entre você e sua mãe?*

- Talvez...

- *Talvez aqui, quando você me aponta o pessoal que transforma o lixo em outra coisa. Não teria uma possibilidade de transformar essa relação?*

- Acho que pode...

- *Quem sabe esta seja uma realidade mais possível do que o sonho de reencontrar sua avó, que me pareceu muito mais um encontro com a morte do que com a vida. E, apesar de você me apontar este encontro como seu sonho, tenho minhas dúvidas. Afinal, durante nossa conversa, você, diversas vezes, me dá sinais de desejo pela vida.*

Ela me olha e sorri, mas continua em silêncio...

- *Se te digo isso é porque entendo que a morte é um acontecimento que não tem retorno, um encontro que só é possível em nossa memória afetiva... Como quando você lembra os bons momentos que você e sua avó passaram juntas, não é mesmo?*

- É...

- *Sabe por que eu falei tudo isso? Porque, quando fiz menção sobre a possibilidade de estabelecermos relação entre o que havíamos conversado e a sua história com a mãe, não sei se você se deu conta, mas, você olhou imediatamente para a foto do pessoal que trabalha reciclando lixo... Você acha que eu posso ter razão?*

- Eu acho que sim...

- *O que exatamente sua mãe tem?*

- Não sei bem...

- *Ela sabe ler e escrever?*

- Humm, humm...

- *Ela raciocina de acordo com a idade dela?*

- Não...

- *Então ela tem um pensamento que não condiz com a idade dela?*

- Humm, humm...

- *Isso te incomoda na sua relação direta com ela ou tem ligação com os outros à sua volta?*

- As duas coisas...

- *Te importa muito a opinião dos outros?*

- Às vezes... Tem umas pessoas que falam que a mãe parece meio maluca... que não sei que...

(a entrevista foi interrompida, pois Beatriz começou a chorar. Achei por bem não dar continuidade à conversa por gravador por considerar que estava ultrapassando os limites da pesquisa. Por questões que considero éticas, preferi preservar nossa conversa durante a pausa estabelecida. Abro aqui uma única exceção para que o leitor possa ter clareza da minha opção. A mãe dessa menina é deficiente mental e ela é fruto de uma violência sexual)

- Retorno da pausa...

- *Depois dessa pausa eu gostaria de saber o que você pensa dos jovens de hoje?*

Silêncio...

- *Você não quer mais falar?*

- *Ok, obrigada, Bia. Você já me ajudou bastante.*

- Risos...

- *É sério...*



- Aqui são os meninos da minha rua, eles estavam fumando maconha e não tem vergonha nenhuma, daí eu tirei as fotos.



- É... isso aqui é um esgoto. Eles moram do lado e não tem cheiro bom, eles sempre reclamam disso, mas eles mesmos jogam lixo, jogam coisas ali dentro.



- Aí eu tirei a foto desse cara que tava na rua e ele me contou um pouco da história dele. Era um cara que tinha tudo... Dinheiro... Tinha tudo e por causa do filho dele que fez alguma coisa lá ele largou tudo e ficou na rua.



- Você sonha Bia? (pesq.)
- Não sei...



- O lixo te incomoda muito? (pesq.)
 - Incomoda.
 - O que você pensa do lixo da vida? (pesq.)
- Silêncio...



- Isso aqui é um lugar onde bota a garrafa pra reciclar e tal... Aí, isso me chamou a atenção porque os caras trabalham aí o dia inteiro e ganham pouco...
- Talvez aqui, quando você me aponta o pessoal que transforma o lixo em outra coisa. Não teria uma possibilidade de transformar essa relação com a vida?(pesq)
- Acho que pode...



Alice começava a enfadar-se de estar sentada no barranco junto à irmã e não ter nada que fazer: uma ou duas vezes espiava furtivamente o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, “e de que serve um livro” – pensou Alice – “sem figuras nem diálogos? Então ela pensava consigo mesma (tão bem quanto era possível naquele dia quente que a deixava sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer um colar de margaridas era mais forte do que ter que levantar para colher as margaridas, quando subitamente um coelho com olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela.

Não havia nada de especial nisso, também Alice não achou muito fora do normal ouvir o coelho dizer para si mesmo “Oh puxa! Eu devo estar muito atrasado!” (quando ela pensou nisso depois lhe ocorreu que deveria ter achado muito estranho, mas na hora tudo parecia natural); mas, quando o coelho tirou um relógio do bolso do colete, e olhou para ele, apressando-se a seguir, Alice pôs-se em pé e lhe passou a idéia pela mente como um relâmpago, que ela nunca vira antes um coelho com um bolso no colete e menos ainda com um relógio para tirar dele. Ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca. No mesmo instante, Alice entrou atrás dele, sem pensar como faria para sair dali.

A toca do coelho dava diretamente em um túnel, e aprofundava-se repentinamente. Tão repentinamente que Alice não teve um momento sequer para pensar antes de já se encontrar caindo no que parecia ser bastante fundo... (CARROL, 1977, p.41)

Penso que, se Alice abandona seu livro sem “diálogos e figuras” e se deixa encantar pela passagem de um coelho atrasado, *correndo campo afora, chegando justamente a tempo de vê-lo enfiar-se numa grande toca sob a cerca...* É porque sai em busca de uma forma de alteridade que deveria, mas provavelmente não estava presente no enunciado de seu livro, o que justificaria seu tédio na relação com a leitura. Assim, a ausência de sentidos experimentada por Alice a leva à incursão por um percurso que “deveria ter achado muito estranho”, mas que, ao contrário, “parece-lhe natural”. Talvez por este percurso lhe proporcionar mais sentidos e, quem sabe, a possibilidade de encontrar algumas das respostas que afligem grande parte de “meninos e meninas que vivem a pressa de saber quem são”.

Sabemos que a juventude, nos dias atuais, está cada vez menos relacionada a uma etapa biológica da vida, a adolescência, circunstância “natural do desenvolvimento humano”, implicada com mudanças corporais que justificavam crises sociais e afetivas em que se incluem as dificuldades de compreender o mundo e entender seus próprios sentimentos em relação a este.

Se, antes, estas crises tinham um “diagnóstico preciso”, atualmente elas rompem com essa segmentaridade social que as identificava como próprias de um determinado grupo, determinada faixa etária, determinado tempo da vida e “*coisa e tal*”, uma fase da vida marcada pela transição entre a infância e a fase adulta. Hoje, essas demarcações estão cada vez mais difíceis de serem definidas, provocando muita confusão naqueles que experimentam esta “localização”, já que se vêem diante do impasse entre atender às demandas sociais e os desejos de uma temporalidade que anseia por “*já ser*”, mas que vive uma moratória que os atravanca em um “*por vir.*”

O Gato apenas sorriu ao avistar Alice. A menina achou que ele parecia afável. Mas como tinha garras muito compridas /.../ sentiu que devia tratá-lo com respeito.

- Gatinho de Chenshire – começou a dizer timidamente, sem ter certeza se ele gostaria de ser tratado assim: mas ele apenas abriu um pouco mais o sorriso. “Ótimo, parece que gostou”, pensou ela, e

Refiro-me à chamada de divulgação do documentário sobre juventude de João Jardim, “Pro dia nascer feliz”.

prosseguiu: - Podia me dizer, por favor, qual é o caminho pra sair daqui?
- Isso depende muito do lugar para onde você quer ir – disse o gato...
(CARROL, 1977 p. 82).

Parece-me, então, que Alice não entra por acaso na toca atrás do coelho “*sem pensar sequer como sairia dali outra vez*”. Quando o faz, a menina está se embrenhando numa relação com a vida que pressupõe múltiplos sentidos. Sentidos que convocam olhares outros para pensarmos a constituição dos sujeitos.

Sentidos que, se, a princípio, parecem se encontrar nas “profundezas do poço” podem estar expostos na superfície das coisas. Ao contrário do que comumente poderíamos observar, na descida de Alice às profundidades do poço (um sentido único de descida), evidenciamos movimentos laterais de expansão, experimentando superfícies nas quais as identidades pessoais dão lugar às multiplicidades, aos devires, às estéticas existenciais. Promovendo uma outra temporalidade que não estabeleça tempo “*para sabermos quem somos*”.

Ou o poço era muito profundo ou ela caía muito devagar, pois a menina tinha tempo para olhar ao seu redor e para desejar saber o que iria acontecer a seguir. Primeiro ela tentou olhar para baixo e compreender para onde estava indo, mas estava escuro demais para ver alguma coisa; então, ela olhou para os lados do poço e percebeu que ele era cheio de prateleiras: aqui e ali ela viu mapas e quadros pendurados em cabides. Alice apanhou um pote de uma das prateleiras ao passar: estava etiquetado: “GELÉIA DE LARANJA”, mas para seu grande desapontamento estava vazio: ela não jogou o pote fora por medo de machucar alguém que estivesse embaixo e por isso precisou fazer algumas manobras para recolocá-lo em uma das prateleiras. (CARROL, 1997, p.42)

Em minha conversa com Alice, aprendi a entender a linguagem naquilo que ela expressa em sua superfície, que se deixa soltar das amarras, deixando-se percorrer para além dos limites que aparentam sentidos únicos nos enunciados, permitindo à palavra expor seus paradoxos, sem se ater à profundidade, mas naquilo que transborda à tona, derramando signos para além das sintaxes, signos que respinguem novos e infinitos sentidos. Como no diálogo entre as personagens Alice, a Lebre, o Chapeleiro Louco e o Leirão, quando este último narra a história de três meninas que viviam no fundo do poço de melado e Alice observa para si que um

comentário, mesmo sob uma sintaxe perfeita, poderia não fazer sentido para ela. O que nos leva a refletir sobre as relações entre o que uma coisa é e como ela é chamada. Desta forma, a diversidade dos códigos lingüísticos coloca em questão a semântica da palavra naquilo que ela pretende significar.

- Não pode ser não se pode extrair melado de um poço – observou Alice com gentileza...
- Você pode extrair água de um poço de água, não pode? Disse o Chapeleiro...
- Elas aprendiam a extrair – prosseguiu o Leirão, bocejando [...] – e extraíam toda espécie de coisas... Tudo que começava com M.
- Por que com M? – perguntou Alice.
- E porque não? – disse a Lebre de Março.
- [...] - ... tudo que começa com M, coisas como os maus – olhados, a meia-lua, a memória, a magnitude... sabe? Como quando se diz “um evento de tal magnitude”... já imaginaram uma coisa como a extração da magnitude? (CARROL, 1997, p. 85)

Entendo assim, que não há mais como conceber linguagem como mero veículo de comunicação, mas como expressão da nossa existência. A linguagem, principalmente verbal, caminha de boca em boca, acumula experiências, nos constituindo e sendo constituída de forma polifônica e dialógica, demarcando tempos e cronologias que nos inserem em compromissos cronometrados...

- Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu conheço – disse o Chapeleiro – não falaria em gastá-lo como se ele fosse uma coisa. Ele é alguém.
- Não sei o que você quer dizer – respondeu Alice.
- Claro que não sabe! – disse o Chapeleiro, inclinando a cabeça para trás com desdém. – Diria mesmo que você jamais falou com o Tempo!
- Talvez não – replicou Alice cautelosamente – mas sei que tenho que marcar o tempo quando estudo música.
- Ah! Olhe aí o motivo – disse o Chapeleiro. – O Tempo não suporta ser marcado como se fosse gado. Mas, se você vivesse com ele em boas pazes, ele faria qualquer coisa que você quisesse com o relógio. Por exemplo: vamos dizer que fossem nove horas da manhã, que é hora de estudar. Você teria apenas que insinuar alguma coisa no ouvido do Tempo, e o ponteiro correria num piscar de olhos: uma hora e meia, hora de almoço. (CARROL, 1977, p.88)

Ao fazer-se e refazer-se em múltiplos sentidos e significados, a linguagem carrega consigo a expressão de múltiplas estéticas que podem nos permitir “olhar com outros olhos”, ou melhor, “olhar o mundo também pelos olhos do outro”, ou talvez, pelo tempo de cada um. Deixar a linguagem nos contar um pouco dessa história e, quem sabe (?), assim refazermos o percurso da história, talvez percebamos o mundo sob outras óticas, óticas que revelem que as coisas nem sempre são como acreditamos ser.

- Aceita um pouco de vinho? – perguntou a Lebre de Março em tom amável.
- Alice olhou em volta da mesa: não havia nada lá exceto chá.
- Não vejo vinho nenhum – ela observou.
- E não há nenhum mesmo – disse a Lebre de Março.
- Também não foi educado de sua parte sentar-se sem ser convidada – replicou a Lebre de Março.
- Não sabia que a mesa era sua – disse Alice – Está posta para muito mais que três pessoas.
- Você precisa cortar o cabelo – disse o Chapeleiro. /.../
- E você precisa aprender a não fazer comentários pessoais – disse Alice /.../
- O Chapeleiro esbugalhou os olhos ao ouvir isso, mas tudo que disse foi: - Por que um corvo se parece com uma escrivainha?
- “Ótimo temos divertimento pela frente!” – pensou Alice. /.../ - Creio que posso acertar essa /.../.
- Quer dizer que você pensa que pode encontrar a resposta para isso? – perguntou a Lebre...
- /.../
- Então deve dizer o que pensa – continuou a Lebre...
- Eu digo o que penso – apressou-se Alice a dizer. – Ou pelo menos... Pelo menos penso o que digo... é a mesma coisa, não é?
- Não é a mesma coisa nem um pouco! – protestou o Chapeleiro. – Seria o mesmo que dizer que “Vejo o que como”, é o mesmo que “Como o que vejo”. /.../(CARROL, 1977, p. 85-86)

Acreditando, como Bartolomeu Campos de Queirós (1997), que “as palavras sabem muito mais longe”, interessa-me a palavra que, baseada em Calvino e suas seis propostas para o “novo” milênio, *“dá consistência ao verbo (ação), na leveza, na rapidez, na exatidão e na multiplicidade de uma estética que não se reduz à forma, mas, procura comunicar pelos sentidos”*.

/.../ - Era o que eu pensava – disse o Gato, e esvaneceu-se outra vez.

Alice esperou mais um pouco na expectativa de vê-lo ainda, mas ele não apareceu... Enquanto murmurava, levantou a vista e lá estava o gato outra vez, sentado num galho de árvore. /.../
/.../ Gostaria que você não aparecesse ou sumisse tão de repente. Deixa qualquer um tonto.
- Está bem – concordou o Gato. – E dessa vez desapareceu bem devagarinho, começando com a ponta da cauda e terminando com o sorriso, que ainda ficou suspenso no ar /.../ (CARROL, 1977, p.84)

- *Alice, me diz uma coisa, você lembra por que eu lhe pedi para você fazer essas fotos?*

- Você pediu pra eu fotografar minha visão sobre o mundo, aquilo que eu vejo... É... As coisas que me chamam a atenção.

(Ela interrompe e me lembra que eu prometi deixá-la usar outro nome na entrevista. Pede para escolher seu pseudônimo)

- *Você gosta de usar pseudônimos?*

- Há! Pra várias coisas sei lá... Tem coisa que eu faço... É que não gosto de me identificar e aí não assino com o meu nome. Quando escrevo, por exemplo...

- *E qual nome que você gostaria de usar para esta pesquisa?*

- Coloca Brad...

- *Brad? Do Brad Pitty?*

- É igual ao dele... Igualzinho.

(risos)

- *Então vamos conversar um pouco sobre as fotos?*

- Hamm, Hamm...

- *Deixa primeiro eu entender essa coisa de pseudônimo melhor... Você disse que usa outros nomes em várias situações. Por quê? Você escreve muito?*

- Às vezes, sim.

- *É nos seus escritos que você bota o pseudônimo?.. Na internet?... Como é que você usa?*

- Também... Na internet quando eu escrevo algumas coisas no meu Blog.

- *Ah! Você tem Blog?*

- Tenho, só que, atualmente, eu nem tô mexendo muito porque eu tô sem entrar na internet.

- *Por quê?*

- Ah! Porque meu namorado também ficou sem internet, aí, quando eu ia pra casa dele, não entrava mais... Também minha mãe ficou desempregada e não

tinha dinheiro mais pra me dar. Aí eu não podia ir na Lan House. Agora que as coisas estão melhorando eu vou voltar a usar.

- *O que te fascina na internet?*

- Ah! Eu gosto de entrar nos sites que têm aquelas piadinhas, vídeos engraçados, fotos engraçadas.

- *Você conhece muita gente pela internet?*

- Não.

- *Não? Nunca conheceu ninguém pela internet?*

- Só uma pessoa, só um amigo do meu namorado. E também por que ele era muito próximo. Meu namorado me pediu para adicionar ele, aí nós passamos a conversar.

- *E no seu orkut? Tem muita gente que você não conhece?*

- Tem... Muita.

- *E você gostaria de conhecer essas pessoas?*

- Se elas quiserem me conhecer...

- *Bom... Vamos voltar às fotos... Escolhe uma foto para falar um pouco dela...*

- Essa aqui...

- *Quem é esse?*

- Meu cachorro...

- *Por que ele está tão bravo?*

- Porque eu tirei a comida dele.

- *E por que você fez isso?*

- Para tirar a foto dele. Mas ele é muito estressado. Fica brigando muito... Eu gosto muuuuito dele. Ele é que não gosta de mim. Uma vez ele quase morreu e tal. Eu fiquei triste pra caramba.

- *Aqui é ele de novo?*

- Não, aí é o gato...

- *Ele também é bravo?*

- Não, aí eu pedi pra minha mãe puxar a boca dele para forçar um sorriso pra mostrar que, às vezes, as pessoas obrigam a gente a sorrir falsamente.

- *Ah! E quem te obriga a sorrir falsamente?*

- Ah! Várias pessoas! Pessoas que você não tá a fim de aturar e porque é amiga de sua amiga e, pra não criar um clima chato, você fica lá tentando ser simpática.

- *E no caso do cachorro... Por que você o provocou?*

- Porque eu queria mostrar que, quando as pessoas pegam as suas coisas, entre aspas, a gente fica chateada. Fica com raiva...

- *E essa foto aqui? Por que você fotografou um monte de cocô?*

- Ah! Porque eu acho o mundo uma merda!

- *Por que você acha o mundo uma merda?*

- Ah... Porque ninguém faz nada pra preservar... Sei lá... As pessoas ficam usando o mundo pra ganhar só dinheiro. Não pensam no dia de amanhã. Não pensam que o que você tem hoje não vai ter mais amanhã.

- *O que você acha que as pessoas podem fazer?*

- Ahhh!!!! Parar de poluir um pouco.

- *E você? O que você acha que você pode fazer?*

- O que eu posso fazer? Sei lá... Evitar jogar lixo no chão... Deixa eu ver... Éééé... Quando eu tiver meu carro... Evitar usar muito.

- *Você sonha em ter um carro?*

- Sonho...

- *O que mais você sonha...*

- Sonho em fazer faculdade, me formar em publicidade ou moda.

- *Aqui tem uma sombra... Que sombra é essa?*

- Acho que sou eu... Não sei... Pode ter sido alguém que passou... Eu mesma não sei...

(risos)

- *Então, vai falando a sequência das fotos, afinal, foi você quem tirou...*

- Essa aqui eu tirei quando fui no mercado. É que o cachorro tava querendo entrar no mercado, só que toda vez que o cachorro entrava o segurança botava ele pra fora. Sei lá... Eu me vi nisso aqui... Às vezes, a gente quer fazer uma coisa e as pessoas não deixam... Acham que você é menor, é insignificante...

- *Você se sente insignificante?*

- Quando as pessoas me fazem sentir assim, eu me sinto...

- *Você acha que as pessoas têm esse poder de fazer a gente se sentir insignificante?*

- Não... Mas elas fazem. Elas falam coisas que eu não gosto. De que eu não sou capaz.

- *E você, o que pensa a respeito disso?*

- Ah! Que eu sou capaz...

- *Mas isso te toca?*

- De alguma forma sim.

- *Quem é que fala que você não é capaz?*

- Quer dizer... Tipo assim... Não fala assim na cara... Tipo você não é capaz. Mas fica querendo driblar sabe? Eu faço parte de uma ONG, lá me botaram para dar aulas de inglês porque o ex-professor foi fazer faculdade e, como eu era uma boa aluna e já tinha contato com Inglês desde pequena, ele me colocou no lugar dele. Bom... Eu tava dando aula muito bem e tal e a diretora pegou o filho dela, que tem cursinho de Inglês, tem cursinho daquilo, daquilo outro, e botou ele no meu lugar, do nada. Tipo era para ele ficar com uma turma e eu ficar com outra, mas não, ela botou ele nas duas turmas.

- *Pelo que eu estou entendendo, o fato de você ter sido preterida te incomodou profundamente e aí você é obrigada a dar sorrisos que não quer dar, como o seu gato, fica brava como o seu cachorro, porque tiraram o que era seu, se sente como o cachorro do mercado que quer entrar e não permitem sua entrada e no final o mundo é uma merda por causa dessas pessoas que visam interesses próprios sem se preocupar com o que causa ao outro.*

- Perfeito... É isso mesmo...

- *E essa ONG é voltada para o quê?*

- É uma ONG que oferece vários cursos para comunidades carentes. Tem violão, tem inglês, tem francês, tem informática, culinária... Pra tirar as crianças da rua. Eu fazia parte como aluna e passei a fazer parte como atuante... Aí eu saí...

- *Por causa desse episódio? Você achou que eles não foram éticos com você?*

- Não sei se eles acharam assim, mas, a meu ver, ficou aquela coisa assim... filhinho de rico tem que conseguir tudo, tem curso de tudo, sabe tudo, filho de pobre não sabe nada, não tem curso de nada e as coisas que aprende sozinho não servem pra nada. Eu me senti muito mal.

- *Porque você fotografou o lixo?*

- Ah, por quê? Porque lixo é inútil, lixo é ruim pra caramba. O pessoal não tem consciência fica jogando lixo na rua. Tipo... É que nem aquela história porque um faz, aí todo mundo começa a fazer. Mas aí, jogam o lixo e ninguém para pra pensar: não vou jogar lixo aqui não, vou jogar lixo no lixo pra não sujar, mas aí joga lixo ali mesmo e vem outro e joga lixo ali, e mais outro... Quando passa semanas, meses, tem um amontoado de lixo que ninguém cuida, os cachorros pegam espalham pela rua...

- *E qual seria a solução para o lixo?*

- Sei lá... O governo poderia mandar fiscalizar essas áreas melhor, tipo assim... Quando tiver lixo, assim, tinha que dar um jeito de tratar, tirar de lá ou então colocar lixeiras para ter cada coisa separada e tal... Plástico, vidro... Tipo reciclar... Não sei se ia dar certo, mas, se colocasse essas coisas lá onde eu moro, as pessoas iam se conscientizar.

- *Onde você mora tem muito lixo?*

- Tem... O pessoal lá é muito porco.

(risos)

- *Produz muito lixo?*

- Bom... Produzir lixo faz parte do humano. Mas as pessoas lá são preguiçosas, ficam com preguiça de descer e jogam o lixo ali mesmo.

- *Você não gosta do lugar onde você mora? Onde você mora?*

- Moro lá em Piratininga no Morro do Inferninho, mas as pessoas lá não vão com a minha cara porque me acham metida.

- *Porque elas te acham metida?*

- Eu não sei... Desde criança, minha mãe me criou muito separada, nunca saía pra brincar na rua e tal... Nunca tive muito contato, então os amigos que eu tinha lá eram poucos e foram embora. Aí eu fiquei lá sozinha. Tipo que eles pensam que eu sou rica. Mas, eu não sou, só procuro me vestir melhor. É que eu acho que as pessoas não gostam de ficar perto de pessoas mal vestidas. Eu não gosto. Já pensou uma pessoa suja, fedorenta... Por mais que eu goste da pessoa incomoda.

Eu procuro ficar sempre arrumadinha, sempre limpinha, não importa pra onde eu vou nem que seja apenas pro mercado. Aí eles ficam me achando, que eu sou riquinha, que não sei o quê...

- *Alice, tudo isso que você disse me fez pensar sobre a situação que você viveu na ONG. Não teria proximidade?*

- Como assim?

- *Veja bem, você se sentiu preterida diante das condições de vida daquele menino. Não seria esse sentimento que você produz nas pessoas onde mora, já que se distingue deles na sua maneira de vestir e, de certa forma, evitando proximidade?*

- É... Pode ser... Mas eles também não fazem muita coisa pra ajudar. Porque da minha parte, eu tenho bastante educação. Tipo assim... Eu tenho hábito de dar bom dia, boa tarde pros vizinhos, pergunto se está tudo bom... Mas eles, às vezes, viram a cara, ficam cochichando, falando bobagem... Ficam inventando merda pra minha mãe...

- *Que tipo de merda?*

- Ah! Ficam falando que me viram fumando, que eu tô transando com Deus e o mundo, que eu tô traindo meu *namorado*...

- *E você transa?*

- Só com meu namorado... Eu fui a primeira dele e ele foi o meu primeiro. Aí também... uma dessas meninas fofoqueiras passou lá em casa e me disse que o meu namorado chamou ela de piranha no meio da rua. Eu chamei meu namorado e, na frente dela, perguntei se era verdade, e ela logo desconversou, disse que se enganou. Pra você ver como elas são...

- *Seu namorado mora perto de você?*

- Não ele mora lá no Cafubá... Eu não namoro garoto lá de perto. O pessoal lá já gosta de falar da minha vida, imagina se eu namoro alguém de lá?!

- *E fumar você fuma?*

- Não, nem nunca usei droga.

- *O que você pensa sobre drogas?*

- Sei lá... Tem gente que acha que é bom tem gente que acha que é ruim.

- *Você conhece muita gente que usa drogas?*

- Humm, humm...

- *Você se dá com elas?*

- Dou... Só não me deixo influenciar. Mas também não fico me metendo muito que fica chato. Já briguei com amigo por causa disso. Ele fumava e eu fui falar para ele parar e ele parou é de falar comigo. Por isso eu resolvi não me meter mais.

- *Fala de outra foto...*

- Isso é um controle de video-game. É pra mostrar que até pessoas diferentes merecem momentos de diversão, mas com controle.

- *Quem são as pessoas diferentes?*

- Ahhhh! Têm tantas pessoas, artistas como Zeca Pagodinho... Acho que a vida de artista não é divertida. Ele fica trabalhando durante horas, aí, sai na rua, todo mundo fotografa a vida dele, todo mundo se mete na vida dele, ele não tem um momento de paz para se divertir, para descansar...

- *Mas quando você comenta inicialmente sobre a foto, me pareceu que você não estava pensando no artista, mas em outro tipo de pessoa...*

- É que tem tanta gente diferente... Tem mãe que é muito ridícula; acha que, porque o filho não é muito certo, acha que ele é um inútil...

- *Você conhece alguma mãe assim?*

- Não... Mas lá perto de casa tem um menino com a síndrome de Down. Sabe o que é? Pois é... A mãe dele acha que ele não presta pra nada. Se eu fosse mãe dele, eu investia na educação dele e tal... Mas ela não, deixa ele largado na rua só aprendendo sacanagem, xingando, fazendo gestos obscenos que as pessoas mandam e o menino não sabe nada.

- *Te toca a situação desse menino?*

- É, quem sabe ele não pode ser uma pessoa grande na vida e a mãe dele não ajuda.

- *E você como se diverte?*

- Quando eu tô com tempo?!

- *Quando você não tem tempo?*

- Quando eu tenho que estudar para a prova, aí eu venho para a escola, vou pra ONG, chego em casa e estudo.

- *Quais as atividades que você faz na ONG?*

- Violão, inglês, francês, culinária e teatro... só...

- *Só? Você acha pouco?*

(risos)

- *E essa foto aqui?*

- Ah! Essa foto deu muito trabalho de tirar. Eu tive que encontrar uma posição que aparecesse o condomínio, o shopping e a favela para mostrar a diferença...

- *Como assim?*

- Eu queria mostrar que, apesar da diferença do condomínio e da favela, tá todo mundo em comum fazendo compras no shopping. Tanto as pessoas da favela como as do condomínio. Tá todo mundo indo lá, entendeu? Aí, fora do shopping, ficam de gracinha... Sei lá... Se for parar para pensar, é todo mundo igual, tanto nesse ponto egoísta.

- *Aqui são quatro controles! Por que tanto controle?*

- É porque, às vezes, você não tem tanto controle da sua vida. Às vezes, dá vontade de largar tudo e tem vez que acordo e não tô a fim de ir pra escola. Tem hora que dá vontade de passar o tempo em casa ou ficar andando por aí, só que eu tenho que estudar.

- *O que você acha dos estudos? Qual o sentido de estudar para você?*

- Ah! Tem que ter sentido... Porque vai ser bom para mim daqui a algum tempo, mas tem horas que cansa.

- *Mas e atualmente?*

- Tem sentido porque eu vou adquirindo conhecimento. Tipo... Como falar????... Vou aprender coisas novas...

- *Então, por que a vontade de largar tudo?*

- Por causa da rotina. Todo dia fazer a mesma coisa... Tem hora que dá vontade de fazer coisas diferentes.

- *Você queria que a vida fosse diferente?*

- É... Seria legal não ter que acordar cedo para ir para a escola, no outro dia ir para outro país, ir para a praia, sei lá... Cada dia fazer uma coisa diferente. Às vezes eu me sinto muito controlada...

- *E essa foto da banana?*

- Ah! Às vezes tem gente que nos dá uma banana.

- *Como a diretora da ONG?*

- Ela mesmo. Tem coisas que eu falo para ela e ela finge que não escuta. Sabe, eu não sei se por causa do estresse do trabalho... É que lá tudo é muito corrido, mas mesmo quando a gente fala, ela não escuta. Ela podia dar mais um pouco de atenção para a gente. Às vezes, a gente quer de um jeito, mas tem que ser do jeito que ela acha.

- *Isso aqui nessa foto que saiu bem clarinho o que é?*

- É o meu caderno. É tipo um coração sangrando...

- *E o seu coração, ele sangra?*

- Figuramente sim... A gente sofre com as coisas. Eu sofro porque meus pais não se falam. Desde pequena sempre foi assim. É um saco, eles se importaram tanto em não se falar que não deram atenção a mim. Eles não atendiam o que eu queria e só se preocupavam em me dar presentes. Encher de mimo... acabou que eu cresci uma mimada.

- *E o que você queria que eles não deram?*

- Eu queria que eles me levassem para sair, passear, brincar comigo... Eles nunca na minha vida fizeram isso comigo. Eu nunca viajei na minha vida.

- *Essa questão da viagem é muito importante para você?*

- É. Todo mundo viaja quando chega as férias. Eles contam que foram para a casa da tia, foram para não sei onde e eu fico em casa tipo... Ela não deixa nem eu viajar com meus amigos. Uma vez, minha amiga, que tem uma avó em Petrópolis, me chamou, e nem assim minha mãe deixou.

- *Essas coisas sangram seu coração?*

- É...

- *Isso é o quê?*

- Um cubo mágico, uma espécie de quebra-cabeça. É que, às vezes, fica difícil resolver as coisas

- *Que coisas?*

- É, eu me sinto muito controlada. Não posso isso, não posso aquilo... Meu pai, por exemplo, só deixa eu namorar rapaz maior de idade. Pra ele, menor não presta, não deixam eu ir a show, me impede de tudo até de tirar a carteira de identidade. Minha mãe diz sempre pra deixar pra depois.

- *E aqui?*

- Era para sair a cabeça do adolescente...

- *E o que tem a cabeça do adolescente?*

- Tem festa, tem beijo, tem manifestação, tem também alpinismo, viagem...

- *Alpinismo? Mas não é arriscado? Você gosta de correr risco?*

- Risco de coisas novas, não risco de risco.

- *É sobre as manifestações? Como assim?*

- Todo mundo tem mania de dizer que nós somos muito rebeldes. Eu não acho que os adultos pensam duas vezes antes de agir e os jovens já falam logo. Tem mais facilidade de botar pra fora o que sente. Eu conheço muito adulto que fala: eu queria fazer isso, eu queria que fulano me tratasse assim, eu queria isso... Tipo... Eles não fazem porque têm medo de fazer e acontecer alguma coisa, o adolescente já não tem essa noção, ele chega e fala logo, sei que tem uns tímidos, mas a maioria fala mesmo. Tem muito adolescente que quer as mesmas coisas e eles têm que lutar por isso.

- *Você acha que os jovens estão lutando pelas coisas em comum?*

- Não. Eu mesma, eu tenho muitos amigos que têm a mesma opinião que eu. A gente podia montar um grupo grande chegar para a prefeitura e gritar que a gente quer isso, a gente quer aquilo. Mas não fazemos.

- *E por que não fazem?*

- Falta de coragem...

(pausa)

- Essa foto aqui é sobre ciúme e traição. É que o ciúme pode levar à traição.

- *Seu namorado é muito ciumento?*

- É... Mas ainda não traí ele não.

(risos)

- *Você sabe que esta é uma pesquisa que tenta ouvir alguns jovens? Pois então, eu gostaria que você me falasse o que pensa dos jovens em relação ao mundo hoje?*

- É que o mundo é muito moralista e as pessoas gostam de se meter na vida dos outros. Gostam muito de apontar: fulano bebe, fulano fuma, é prostituta, fulano é viadinho, fulano é isso, fulano é aquilo e não olha pra si. Tem muita gente que é assim, mas não vê que pode ser assim também. A gente tá em pleno século XXI e ainda não aceita gay, menina que não é virgem e tal. Eu acho que tem que parar com isso cara! Até hoje, isso não levou a nada!

- Todo jovem, de certa forma, é irresponsável, mas tem uns que são muito irresponsáveis. Tem aqueles que acham que nada vai acontecer com ele e fica usando tudo que é droga, fica fazendo sexo sem camisinha e tal. Às vezes, compartilhando seringa, porque ainda tem jovem que usa heroína. Esses não param para pensar: Pô! Eu posso ficar com AIDS, posso pegar uma doença, posso morrer... Eles não tão nem aí. Tem gente que fala assim: loucos vivem pouco, mas vivem como querem. Eles não estão preocupados em viver muito ou pouco. Acho que eles usam essas coisas como meio de chamar atenção.

- *Você conhece muito jovem assim?*

- Conheço.

- *Você fala como se tivesse ouvido esses argumentos de algum jovem? Será impressão minha?*

- Sim... A maioria dos meus amigos que falam para mim tipo... Jovem gosta mesmo de chamar atenção! E eu já reparei que meus amigos que têm pais como meu pai e minha mãe, que não se falam e não têm atenção, fazem coisas para chamar atenção. Coisas como fumar só para ouvir a mãe falar: meu filhinho não fuma. Mas eu não acho isso legal porque tá chamando atenção de uma forma que prejudica ele mesmo. E pior, às vezes nem adianta, que tem mãe e pai que não tão nem aí.

- *Você falou muito de irresponsabilidade, o que é responsabilidade para você?*

- Assumir um compromisso. Tipo assim... Você não gosta da escola, mas tem que ir mesmo que sua vontade seja ficar dormindo ou jogando videogame em casa que é muito melhor que vir para a escola.

- *Então, você não gosta da escola?*

Ah! Não gosto muito não. Sei lá! Algumas vezes acho um saco. Tem algumas aulas de alguns professores que eu gosto. As aulas de artes, por exemplo, gosto também de geografia e de educação física.

- *E qual tipo de professor que você gosta?*

- De professor mais light. Sabe, tem professor que acha que tudo tem que ser como na época dele. Não faz nem uma brincadeirinha. Você fala um "A" e ele solta os bichos em cima de você. Eu acho que tem que ter diálogo. É importante para você saber o que o aluno tá querendo. Se o aluno não fala com você e você só grita com ele já criou uma barreira. Então começa a implicância, tipo eu não gosto desse aluno ou eu não gosto desse professor e, às vezes, eles podiam tá conversando, se dando bem. Às vezes, o aluno se prejudica por causa disso quando podia mudar isso.

- *De que forma a escola seria mais interessante?*

- As pessoas poderiam trazer coisas legais. Teve uma professora, que saiu aqui da escola, que falou uma coisa que eu gostei muito. Ela disse que o maior erro da escola pública, e de qualquer outra escola, é que eles não ensinam as coisas que precisariam ser ensinadas, ela ensina coisas para o aluno passar no vestibular. Do tipo que... Por exemplo: ensinar área... Sabe você calcula a área e fica se perguntando pra que calcular área quando seria melhor o professor falar: amanhã cada um vai trazer dez centímetros de madeira, vocês vão cortar tantos centímetros dessa madeira, ela vai ter esse diâmetro em tal lugar, vai ter a tampa desse tamanho e aí vocês vão ter calcular a área dessa caixa de madeira. Aí você vai entender: Ah! A área dá pra fazer uma caixa e se eu posso fazer uma caixa posso fazer também uma casa, e assim vai. Eu preciso saber pra que aquilo serve.

- Equação do segundo grau, por exemplo, eu não consigo entender pra que serve a equação pra minha vida, eu acho que não serve pra nada. Só pra passar no vestibular. Se a gente entendesse a aula ia ficar mais dinâmica e as pessoas iam gostar mais.

- Sabe que eu concordo com você?! Ok, Alice, muito obrigada pela sua colaboração.



- Todo jovem, de certa forma, é irresponsável, mas tem uns que são muito irresponsáveis. Tem aqueles que acham que nada vai acontecer com ele e fica usando tudo que é droga, fica fazendo sexo sem camisinha e tal. Às vezes, compartilhando seringa, porque ainda tem jovem que usa heroína. Esses não param para pensar: Pô! Eu posso ficar com AIDS, posso pegar uma doença, posso morrer... Eles não tão nem aí. Tem gente que fala assim: loucos vivem pouco, mas vivem como querem. Eles não estão preocupados em viver muito ou pouco. Acho que eles usam essas coisas como meio de chamar atenção.

- Todo mundo tem mania de dizer que nós somos muito rebeldes. Eu não acho que os adultos pensam duas vezes antes de agir e os jovens já falam logo. Tem mais facilidade de botar pra fora o que sente. Eu conheço muito adulto que fala: eu queria fazer isso, eu queria que fulano me tratasse assim, eu queria isso... Tipo... Eles não fazem porque têm medo de fazer e acontecer alguma coisa, o adolescente já não tem essa noção, ele chega e fala logo, sei que tem uns tímidos, mas a maioria fala mesmo. Tem muito adolescente que quer as mesmas coisas e eles têm que lutar por isso.



- Essa foto aqui é sobre ciúme e traição. É que o ciúme pode levar à traição.



- Ah! Essa foto deu muito trabalho de tirar. Eu tive que encontrar uma posição que aparecesse o condomínio, o shopping e a favela para mostrar a diferença... Eu queria mostrar que, apesar da diferença do condomínio e da favela, tá todo mundo em comum fazendo compras no shopping. Tanto as pessoas da favela como as do condomínio. Tá todo mundo indo lá, entendeu? Aí, fora do shopping, ficam de gracinha... Sei lá... Se for parar para pensar, é todo mundo igual, tanto nesse ponto egoísta.



- Meu cachorro...
- Por que ele está tão bravo?(pesq.)
- Porque eu tirei a comida dele.
- E por que você fez isso? (pesq.)
- Para tirar a foto dele. Mas ele é muito estressado. Fica brigando muito... eu queria mostrar que, quando as pessoas pegam as suas coisas, entre aspas, a gente fica chateada. Fica com raiva...



- É porque, às vezes, você não tem tanto controle da sua vida. Às vezes, dá vontade de largar tudo e tem vez que acordo e não tô a fim de ir pra escola. Tem hora que dá vontade de passar o tempo em casa ou ficar andando por aí, só que eu tenho que estudar.



- Um cubo mágico, uma espécie de quebra-cabeça. É que, às vezes, fica difícil resolver as coisas



- Ah! Porque eu acho o mundo uma merda!... Porque ninguém faz nada pra preservar... Sei lá... As pessoas ficam usando o mundo pra ganhar só dinheiro. Não pensam no dia de amanhã. Não pensam que o que você tem hoje não vai ter mais amanhã.

- Aqui tem uma sombra... Que sombra é essa?(pesq.)

- Acho que sou eu... Não sei... Eu mesma não sei... (risos)



- Então, você não gosta da escola? (pesq)

- Ah! Não gosto muito não. Sei lá! Algumas vezes acho um saco....

- Equação do segundo grau, por exemplo, eu não consigo entender pra que serve a equação pra minha vida, eu acho que não serve pra nada. Só pra passar no vestibular. Se a gente entendesse a aula ia ficar mais dinâmica e as pessoas iam gostar mais.



*Pela floresta ou pela estrada?
Que horror sinto-me crescer.
Estou a crescer
Somos outros.
E sim. Somos outros.
Mas de repente os crescidos começam a tratar-nos
de outra maneira, não é? Eu compreendo isso
muito bem.
Como se fôssemos outros
Claro
Claro
Mas, eu sinto uma coisa esquisita.
Sinto uma coisa esquisita
estarei a crescer?
Se calhar é agora. Doem-me os ossos das pernas...
(BARRIE, 2006)*

All children, except one, grow up... Desta forma, J. M. Barrie dá início a uma narrativa que conta a história de um menino para quem a vida é uma eterna diversão, sem deveres ou responsabilidades. Um menino aparentemente confiante, forte e ousado, mas que mesmo tentando aparentar não temer nada nem ninguém, esconde seus medos e inseguranças, um menino à procura de sua própria sombra... Um menino chamado Peter Pan.

Compartilhar a narrativa de Peter Pan, talvez, possa nos ajudar a entender um pouco a impressão que Pedro me deixou. Uma narrativa que pode ser encontrada numa viagem à *Terra do Nunca*...

Talvez estejamos diante de uma viagem sem partidas e sem chegadas, pois a passagem da infância para a juventude até o mundo adulto pode se tornar um vóo nebuloso, com fronteiras difíceis de visualizar, o que pode tornar a procura da Terra do Nunca uma eterna busca sem sabermos que já chegamos lá, porque a Terra do Nunca é, ela própria, tanto o espaço de relações que desmoronaram lugares e cronologias, como instituinte de outras formas criativas de existir.

Peter Pan, como sabemos, se recusa a crescer. Tudo o que deseja na vida é ser exatamente o que “já é”. Uma de suas principais características consiste no esquecimento. Um jovem cujas experiências são intensamente vividas e, no minuto seguinte, já não se lembra delas. É tão desmemoriado que chega a esquecer aqueles por quem constitui afetos, como a própria Wendy (espécie de namorada) ou Sininho, uma fada mortal, cuja sobrevivência está em nossas mãos, ou melhor, em nossa capacidade de acreditar nos sonhos já que sua existência está condicionada à nossa crença. Aliás, para o menino que se recusa a crescer, realidade e fantasia fazem parte de uma síntese que faz com que em seu mundo tudo se torne possível, como num jogo de *Second Life*.

A diferença entre ele (Pan) e os outros meninos naquele tempo era que eles sabiam que era faz-de-conta, enquanto que para ele faz-de-conta e

Referência a um jogo de computador que se tem tornado uma mania mundial. O jogo consiste em assumirmos uma identidade corporificada em um avatar que passa a ser o que quisermos ser. Uma outra vida literalmente, uma segunda vida, a vida que desejamos e que nos leva a esquecer da que temos.

verdade eram exatamente a mesma coisa. Isso algumas vezes lhes causava dificuldades, como quando tinham que fingir que haviam realmente jantado o jantar de faz-de-conta. Se eles não conseguissem manter o faz-de-conta, ele dava-lhes cascudos. (BARRIE,2006)

A falta de memória parece ajudar Peter Pan a permanecer jovem. Se ele não se lembra do que já viveu, fica com a impressão de que mesmo as coisas repetidas estão acontecendo pela primeira vez. Para Peter Pan, o tempo Chronos retoma sua origem devoradora, assumindo a imagem de um crocodilo que engoliu um despertador que nos coloca a todos em alerta às constantes mutações que tornam obsoleto aquilo que era a última novidade há instantes atrás. Podemos entender com melhor clareza o diálogo de alguns personagens dessa história:

Mãe: Mais espaço ou menos espaço?
Nana: Espaço ou passo?
Mãe: Qual dos dois lados do espaço leva menos passos?
Nana: Espaços? Ou passos?
Peter Pan: Tu podes dar muitos passos em pouco espaço.
Nana: O que interessa nos passos é que a qualquer parte onde vá sou sempre eu. (BARRIE, 2006)

A questão que aqui se coloca nos leva a mais um desafio. Como criar condições de espaço/tempo em que as construções simbólicas de jovens como Pedro escapem de uma condição a-histórica que pode deixá-los à deriva? Como criar possibilidades para que possam escrever biografias em que se reconheçam?

Pode ser que este seja um desafio de afetos. Afetos que compartilham as narrativas de prazer, mas também as de dor. Não só as dores dos ossos das pernas que doem quando crescemos, mas também as dores que nos apartam, dividem, separam devires, roubando-nos nossas temporalidades diante de um mundo que tememos. Afetos que compartilhem as dúvidas e anseios que vão surgindo na

Receoso de ser espoliado do supremo poder por um filho seu *Chronos* os ia devorando logo após o seu nascimento. A alegoria do personagem mitológico de *Chronos* torna-se transparente, devido à significação de seu nome, que quer dizer o tempo; assim esse Deus devorador de seus filhos representa o tempo que, na sua marcha incessante, destrói todas as coisas por ele produzidas.

medida em que crescemos e nos deparamos com um mundo confuso, individualista e injusto...

Um mundo que, mesmo quando optamos por não crescer, como Peter Pan, não impede de nos depararmos com as novas barbáries e injustiças produzidas nos novos tempos.

Como acontece com Peter Pan numa de suas lutas contra o Capitão Gancho. A certa altura ele vê que pode vencer seu algoz facilmente, mas, ao perceber que o inimigo está num plano mais baixo, estende-lhe a mão para ajudá-lo a subir. Em troca Gancho lhe dá uma mordida.

Peter Pan se assusta, o horror que lhe causa aquela atitude o imobiliza. Não pela dor, mas pela deslealdade, pela injustiça.

Toda criança reage dessa forma na primeira vez em que recebe um tratamento injusto, escreve o narrador. Tudo o que ela se acha no direito de encontrar quando se aproxima de alguém é justiça. Poderá amar de novo uma pessoa que foi injusta com ela, porém nunca mais será a mesma criança. Ninguém se recupera da primeira injustiça - ninguém exceto Peter. Ele muitas vezes a encontrou, mas sempre a esqueceu. Acho que isso era o que verdadeiramente o diferenciava do resto do mundo (BARRIE, 2006)

Peter Pan pode ser esperto, combater piratas, ou dominar *joy-stickers* com uma agilidade que nos impressiona, mas, no fundo, pode não assimilar as adversidades de um mundo confuso, atemporal e fragmentado. Talvez esta seja a principal razão por optar em permanecer na Terra do Nunca. Afinal, para ele, as coisas têm a intensidade de uma primeira vez. Ele é “jovem” e, como “jovem”, está sempre descobrindo que o mundo é uma novidade, novidades, às vezes, tão adversas que prefere enfrentar piratas.

Mas, se não crescermos, nunca saberemos o que é que cresce em nós... Que fazer diante deste dilema? Permanecer diante das telas sem nem ao menos espreitar pelas janelas?

Não crescer, permanecer na Terra do Nunca, não me parece um dilema só de Barrie, pode ser que seja de Peter Pan, do Gancho, da Wendy, do Smee, do casal Darling e de seus filhos, de Sininho, a fada cuja imortalidade depende do sonho, e da fantasia dos meninos perdidos, dos índios e até mesmo das Sereias mitológicas ou da cadela Naná, mas acredito que este também seja o grande dilema de nossos jovens. Talvez a angústia da ausência de suas sombras não seja maior do que as dificuldades em vesti-las...

*A Mãe passa a ferro
como o sol a esticar e a projetar
as sombras de manhã ou à tardinha...
Peter Pan: - E a minha sombra, já está?
Mãe: - Já. Toma.
Peter Pan: - Não consigo vestir isto!
Mãe: - Não é assim. Anda cá. (BARRIE, 2006)*

- *Pedro, você lembra o que eu te pedi?*

- *Prá eu tirar fotos da minha visão. Do mundo.*

- *Vai selecionando as fotos e vai me falando um pouquinho delas.*

- *Essa é uma sapatilha de ponta, por que... Ela representa o irreal, assim... A dança. Eu faço balé contemporâneo, mas eu gosto de ponta, de clássicos. Então, ao todo, seria a dança, elas estão representando a dança.*

- *Fala um pouquinho dessa tua relação com a dança.*

- *Ah! Quando eu estou na dança, parece que eu esqueço do mundo, pra mim a dança é tudo, eu não consigo mais viver sem ela. Sabe, dança pra mim é tudo. É muito bom, eu me desligo quando eu estou nela, eu me entrego de corpo e alma! É a melhor coisa que tem.*

- *Pelo que você está me falando, a dança parece ser a melhor parte da sua vida?*

- *Por enquanto, porque eu pretendo não projetar a dança como carreira.*

- *Não?*

- *Eu pretendo cursar uma faculdade e tal...*

- *Faculdade de quê?*

- *Eu estou em dúvida entre matemática ou economia, mas a dança eu não quero largar, eu vou fazer as minhas coisas, mas quero ter um tempo para a dança, não quero largar a dança por nada desse mundo. Eu entrei esse ano, mas parece que já é desde pequeno que eu queria ser bailarino.*

- *Você já tinha esse desejo desde pequeno?*

- *Eu nunca tive desejo, assim, de dançar contemporâneo, porque eu não sabia como é que era. Eu sempre gostei de dançar, mas, quando eu entrei na dança contemporânea, foi que eu senti o que era colocar a alma em alguma coisa.*

- *Você se encontrou na dança?*

- *É, me encontrei...*

- *Aqui é uma foto da creche. Eu acho que poderia o governo... o estado, sei lá, podia valorizar mais o ensino. Desde a criança até o adulto, porque, se não fosse a educação, o que seria do futuro? Não seria nada. Eu acho que deviam dar mais valor à educação, entendeu? Ao lazer, às creches... pra poder ter um crescimento mais vivo... sei lá...*

- *Você acha que falta coisas na escola?*

Na rede pública sim, no ensino básico da rede pública falta muito. Porque como uma pessoa vai fazer um bom pré-vestibular, um bom vestibular, com o ensino fraco que tem na rede estadual e municipal.

- *Você acha que o ensino que você recebe é um ensino fraco?*

- Não é forte, ele não é forte, tinha que ter um ensino mais forte, pra gente ter uma estrutura para entrar numa boa faculdade.

- *Você acha que você está em desvantagem numa situação de vestibular?*

- É. Porque, se você está no ensino básico na rede particular, é mais valorizado. Mas quando você vai para a faculdade, se você tiver um diploma de uma particular e de uma pública, vão escolher só a pública. Mas no ensino público, o de base, é fraco e, no particular, não. É muita desigualdade.

- *Você se sente em desvantagem em relação aos meninos que estudam numa escola privada na hora de concorrer no vestibular para uma universidade pública?*

- Tem que ter um ensino mais forte, uma base maior para poder entrar num concurso público e eu acho isso super errado. Tem que valorizar mais o ensino.

- Aqui, é que eu tirei de noite, mas era um navio que tem aqui, bem grande. Ele estava... Eu acho que era um petrolífero, não sei. Eu tinha, tenho muita vontade de fazer faculdade de oceanografia, eu adoro mar, adoro! Tanto que quando não posso ir eu sonho com a praia.

- *Então, por que você diz que vai fazer economia ou matemática?*

- Porque eu me identifico com matemática e números. Eu era para fazer oceanografia ou então biologia marinha, porque eu gosto dessa área, mas eu não gosto de biologia.

- *O que você acha mais importante: o sonho ou o que você se identifica?*

- O que eu me identifico.

- *Por quê?*

- De que adianta fazer uma coisa se a gente não gosta?

- *Não entendi? Você não gosta dos seus sonhos?*

- Não, eu adoro, mas... Daí aceitar biologia...

- *Tá! Entendi...*

- Não bate com o que eu gosto. Eu gosto de matemática, mas o mar também me atrai muito, entende? Eu adoro.

- Entendi...

- Isso aqui é sobre as atitudes. É que eu acho errado, também, a política. Eu acho, assim, uma coisa horrível. Quando não está em época de eleição você não vê as caras de ninguém, nenhum desses os políticos. É só chegar a eleição começa a aparecer gente balançando bandeirinha, jogando papel, sujando a cidade inteira. E eu acho isso um absurdo e além de atrapalhar o trânsito com aquelas bandeiras na frente, incomoda, é carro de som no ouvido da gente e coisa e tal.

- *Você não acredita nesta política, então?*

- Eu acho errado porque de que adianta o ano inteiro, quatro anos, e você não vê a cara de ninguém fazendo nada, aí, chega nas eleições, você vê milhaaaares de políticos fazendo propaganda dele mesmo que pô, só suja a cidade, atrapalha tudo.

- *E o que a gente poderia fazer para mudar isto, Pedro?*

- Ah! Não sei cara... Porque tendo uma política assim... mais... verdadeira... Porque o que a gente vê da política hoje, é o quê? Corrupção, parece que todos querem entrar na política pra ter seu dinheiro garantido e eu acho isto errado porque os que fazem, fazem pouco, não fazem o que deviam...

- *E você, o que você faz? Você está se colocando contra esta questão. Você pensa em fazer alguma coisa em relação a isto?*

- Ah! Assim... Eu fazer alguma coisa eu não sei, mas se todo o mundo fizesse, sei lá, se tivesse assim uma... união. Tanto da sociedade como dos políticos ia ser melhor, mas não, eles se omitem e em épocas que são de eleição começam a querer aparecer...

- *Você esta falando de uma situação que você demonstra ter clareza. E você faz parte dessa sociedade... Aí você fala que as pessoas deveriam se juntar. Como as pessoas poderiam se juntar? Por que você não se junta?*

- Aí... Eu não sei...

(risos)

- *Você acabou de ver o filme Crash. O que o filme te faz pensar? Que tipo de sociedade que a gente quer?*

- Muito desigual, muito preconceituosa, racista demais e que vê muito o lado do dinheiro e do sem dinheiro.

- *Preconceito em que sentido?*

- Social.

- *Social?*

- Também

- *Social como? De classe social?*

- O negro, na sociedade, sempre tem que ser como? Bom, humilde ou ladrão e coisa e tal, mas não é isso. Existem ladrões brancos e porque existe ladrão? Por causa da desigualdade, os ricos só ficam mais ricos, através do dinheiro dos pobres porque quem, na verdade, paga a conta dos ricos são os pobres. Porque eles pagam imposto, pagam água, pagam luz, pagam comida, pagam não sei o que, tudo no imposto, isso aí pra quê? Para o bolso dos ricos, então por isto é que tem roubo, assalto, assassinato... Ai!... Eu acho muito desigual esse mundo...

- *Isto te incomoda?*

- Claro, com certeza, porque a gente corre risco por estar nesse meio fazendo ou não essa desigualdade acontecer, mas, por estar junto, acaba sofrendo alguma coisa.

- *Você acha que pertence a que classe social?*

- Média... Não... Eu acho classe média... Mais da baixa, da alta não.

- *Você acha que, por ser de classe média-baixa, você é vítima de preconceito?*

- Eu acho que mais ou menos, porque, querendo ou não, pelo dinheiro você tem mais vantagens nesse meio.

- *Você já se sentiu vítima de preconceito na sua vida?*

- Olha... É porque eu não ligo muito, assim tipo... Eu não ligo para o que os outros falam de mim. Então, se acontece algum preconceito, eu não ligo se eles me criticam, eu não dou resposta.

- *Você já se sentiu criticado de alguma forma?*

- Já sim! Economicamente não, mas essa forma de... Sei lá, eles... minha aparência, meu jeito de ser, assim... Extrovertido e tal, de falar com todo o mundo, não sei se eu acabo aparentando uma coisa que, necessariamente, eu não sou. Então as pessoas me olham...

- *O que, por exemplo?*

- De ser homossexual, aí as pessoas ficam criticando.

- *Você acha que as pessoas te olham e acham que você é gay?*

- É! Pelo meu jeito, assim, mas não é...

- *Mas, se tu fosses, seria problema?*

- Com certeza não, por isso que eu falo, se você me critica, eu não ligo. Agora, criticar as pessoas que estão à minha volta eu acho errado. Da minha parte, me criticando, eu não ligo. To nem aí, pode falar, faz o que quiser. Então eu não me incomodo porque falam mal de mim ou bem, se estão falando eu gosto, tanto faz. Agora, quando é pros outros, pra outras pessoas, eu me importo sim. Eu acho preconceito horrível.

- *E que mais? Vamos lá...*

- Aqui eu tirei foto lá do Morro da Andorinha, lá perto de minha casa, porque eu adoro esse lugar... Eu ia lá em cima direto, quando eu tinha tempo, agora eu não tenho, agora eu to direto aqui.

- *Para contemplar?*

- É, você tem uma visão linda da natureza, porque hoje em dia eu vejo tanta poluição... Quando você vê um lugar bom, natural, assim, você quer logo curtir essa energia também, é bom...

- Essa aqui é o lixo da escola, uma coisa que eu fico indignado. Para que os alunos vêm para a escola? Pra jogar lixo no chão? Eu não entendo isto. Tem lixeira espalhada pelo colégio...

- *Porque, será que os alunos não preservam a escola?*

- Não sei, não sei o que se passa na cabeça deles. Nisso eu concordo com a diretora. Tem muita lixeira, muito aviso: Não jogue lixo; mas parece que passa por um ouvido, sai pelo outro e vai embora. Eles jogam muito lixo no chão...

- Poderia dizer que os alunos não têm vínculo com a escola?

Não, mas... Muitos aqui só vêm para brincar, pra zoar, porque não é para estudar, se fosse para estudar, não estariam fazendo isso, jogando lixo e tal...

- Isso aqui é porque eu amo. Amo Swing Rave, amo...

- *Swing Rave?*

- Malabares, aí o nome é Swing, eu aaadorooo Rave! Adoro ir pra Rave e ficar rodando, rodando...

- Onde que tem Rave por aqui?

- É, tem Swing na Rua do Oceânico, tipo assim... Não é uma Rave na acepção de quando eu tinha dezessete anos, porque era muito maior, mas é como se fosse, porque são oito horas de música techno. Na concha acústica tem, no

Santo Electro. Ah! Eu gosto de música eletrônica... É como se fosse... Você olha e já vê que é o símbolo da psi trance, eu amo...

- *Qual é a sensação que você tem ao fazer malabares?*

- Ah, sei lá, é que gosto de dizer que amo a luz, eu amo a luz, eu gosto de estar aparecendo, eu gosto de estar iluminado, entende?

- *Gosta de lugar que te dá visibilidade, você gosta que as pessoas te vejam, de chamar a atenção.*

- É, mas não de uma forma pejorativa e tal...

- *De que forma?*

- Eu gosto de estar junto, de estar em alfa. Eu sou muito tímido também. Tipo... Pra me apresentar em público, falar, ter um diálogo com muita gente me olhando, eu fico com vergonha, não consigo, mas agora... Aparecer de uma forma expressiva, assim me expressando, eu adoro. Adoro me expressar...

- *Você gosta do palco?*

- É... Por isso que eu gosto do contemporâneo, porque o contemporâneo ele é muito expressão, entende? É uma dança muito expressiva e eu gosto. O malabares, eu fazendo aquilo, me movendo é muito bom. Eu me expesso bem assim...

- *A questão do corpo para você é muito importante?*

- Muito, muito, eu me liberto... Acho muito bom... É, de me expressar mais forte, com uma emoção maior.

- Aiiiiiiii!!!! (em relação a uma foto com a imagem de um personagem mexicano da televisão muito visto por crianças e jovens) Eu gosto do Chaves.

(risos)

- *Engraçado, este é o seu Madruga na camiseta, mas parece que estilizado de Che Guevara?*

- É. Essa foi a brincadeira da blusa.

- *Você sabe quem foi Che Guevara?*

Rave é um tipo de festa que acontece em sítios (longe dos centros urbanos) ou galpões, com música eletrônica (techno music).

Trance psicadélico ou **trance psicodélico** (referido ainda como **psy trance**) é uma forma de música eletrônica desenvolvida no fim de 1980 em Israel a partir do Goa trance (da Índia, Goa). Este estilo tem uma batida rápida e forte, num compasso 4x4, que algumas vezes difere da batida do techno por ter um alcance de frequência, um pouco mais alto, além dos sons graves.

- Foi um revolucionário

- *E aí, você acha que atualmente os novos ídolos perderam esse perfil revolucionário?*

- Não, não têm...

- *Estão mais próximos do senhor Madruga?*

(risos)

- É, porque... Sei lá, antes... Antigamente, era mais valorizado isso, as revoluções e tal. Hoje, no mundo de tanta tecnologia, passa despercebido, assim, quem foi que fez... quem faz... Então passa despercebida

- *Talvez esteja aí a dificuldade perceber as mudanças?*

- É... Pode ser, porque já está tão acostumado. A cada dia aparece uma coisa nova, que um não tem mais aquele... Oh! Fizeram isto, não tem mais. Agora é assim... Ah! Fez? Que legal! Tá na moda! Tá na moda!

- *Será por isso que as pessoas desejam tanto ter visibilidade?*

(risos)

- Eu gosto... (risos) Eu gosto de me expressar, eu gosto de filmagem... Gosto de cinema...

- *Ah! É? Fala, então, do cinema.*

- É... Eu entrei através de um projeto social, de um centro cultural, que faz todo um encontro de cultura e coisa e tal... Ligado ao Ministério da Cultura... É, tá tendo um curso de cinema e eu acho legal, também, porque eu não sirvo pra atuar... Se eu pudesse... Não sei se existe... Teatro mudo entende?

- *Tem... Mímica...*

- Então, eu estava falando isso ontem, que eu gosto de me expressar, mas não gosto de estar falando assim... Mas um diálogo sendo filmado e tal, eu gostaria de ter uma coisa muda, só me expressando, entende? Hóooo! Não sei o quê!... Sem falar nada. Eu acho o cinema muito bom por que...

- *Mas e isto aqui? O que isto tem a ver com o cinema?*

- É uma câmera

- Uma câmera, isto aqui?

- É... Eu botei aqui e eu mesmo tirei a foto, é uma câmera digital, tem época que eu faço cinema digital.

- *Tem algum curta, alguma coisa?*

- A gente está começando a pegar a parte prática agora. Aprende também, a origem do cinema em todo o mundo. Já aprendi roteiros e agora to pegando na parte de técnicas digitais: iluminação, reprodução e tal, estou pegando agora isso. Eu estou gostando, mas, não é muito o que eu quero, ficar na parte técnica, eu gosto de estar no meio das luzes. Eu gosto de estar nisso, não num teatro falado...

- *E esses tênis?*

- Eu amo All Star! Se eu pudesse, só usaria All Star colorido.

- *Por que o tênis é importante para você?*

- Porque eu acho que o modo de se vestir diz tudo... A pessoa vai-se expressando no modo de vestir

- *E o All Star diz o quê?*

(Riso)

- Eu só disse minha opinião pessoal! (Riso) Faz muito estilo! All Star tem estilo. Só que, agora, o All Star está saindo do estilo, por que... Não é mais aquele... Antigamente só usava um "certo" tipo de gente. Só usava quem tinha estilo mesmo, mas agora qualquer um está usando. Aí está perdendo o estilo...

- *Aqui é a praia?*

- É a praia, isso aí é onde eu moro, Itaipu. Estava tendo arrastão, eu já puxei muito arrastão.

- *Você mora em colônia de pescadores?*

- É, perto... Minha mãe é diretora da Associação de Moradores "Duna Grande". Aí tem convênios, associações de pescadores e tal. Eu já acordei muito cedo, várias vezes, pra puxar arrastão, ajudar os barcos. Mas tem uma coisa também, não queria ser pescador. Por mais que eu more lá.

- *Entendo agora sua relação com o mar, você nasceu no mar...*

- Na praia, praticamente...

- *Na praia, puxando arrastão, tua mãe é presidente de associação de pescadores...*

- Desde novinho, bebê ainda, minha mãe me levava na praia.

- *Faz parte da sua vida...*

- É...

- Quando eu estava saindo de casa, aí era uma semana de chuva, muita chuva, mas eu gosto de ficar observando os animais. Eu sou muito louco, eu tenho várias visões.

- Porque você acha que isto é ser louco?

- Porque eu não tenho uma coisa assim, tipo... Eu não sou como muita gente que quer seguir uma carreira, aí vem assim desde pequenininho, tipo... Desde dois anos de idade eu faço dança aí segue a dança pelo resto da vida. Ou desde pequenininho vem fazendo sei lá o que e vai ser sei lá o que..., eu não, eu sempre fui muito dinâmico, sei lá, porque eu gosto de tudo um pouco, eu gosto de observar animais, eu gosto de curtir barco, eu gosto de matemática, eu gosto de muitas coisas.

- Eu estava saindo de casa e, era um tempo com muita chuva, chuva a semana inteira e aí abriu um Sol. Foi tão engraçado, abriu um Sol de manhã, quando eu estava indo pro colégio e isso tudo aqui são urubus, de costas, de costas pro Sol, de asa aberta, para secar... Eu achei muito interessante por que... Olha, aqui são vários tocos, tem um atrás do outro, tudo de costas para o Sol. Aí, na duna, tinha um monte, assim de asa aberta e na ponta tem umas listras brancas, ta vendo? Eu contei são seis asas com listras brancas, aí parece que é uma mão, assim, é tudo preto na ponta branco, achei muito interessante... Aí, todo mundo de costas, assim, todos eles de costas, secando, muito lindo!

- Eu te acho uma pessoa atenta às coisas da vida, da natureza, você me passa muita sensibilidade em relação à vida...

- É.

- Por isso que você acha que não é normal? Meio louco?

- Sou meio louco, sei lá...

- Ser sensível é ser louco?

- Às vezes.

- Você precisa ser racional o tempo todo?

- É... Sempre, né? Praticamente...

- E você é racional?

- Ah! Eu sou sentimental... Um pouco racional... Ó... Eu vou ser sincero. Itaipu, lá onde eu moro, é pequeno, todo o mundo que fica lá, sempre vira pescador, sabe? A maioria dos filhos de lá, do pessoal, é tudo pescador e eu vi que não leva futuro nenhum ficar... Sei lá! Acorda não sei a que horas da manhã, vai pescar, volta, pega o dinheiro e gasta em qualquer coisa, não tem uma coisa fixa, não tem um salário, não tem nada. Então... Parece que o mundo deles se resume naquilo lá. Um mundo muito pequeno, a cabeça muito fechada. Pra conseguir crescer, pra ter realmente uma grana, tem que sair dali, sabe?

- Mas como essas pessoas vêem você?

- Não sei, eles me vêem como um... Não são todos, alguns, você sabe que vizinhos falam... E lá, como é pequeno, um tenta se meter com a vida do outro. Aí, todo o mundo, em vez de cuidar da sua vida, fica ali falando dos outros e esquece-se de crescer, não tem tempo de crescer, não tem tempo para ter uma mente mais aberta. E eu tento crescer, ter a mente extremamente mais aberta. Até agora, não parei pra observar o que eles pensam de mim... Devem pensar que sou..., sei lá, uma pessoa desequilibrada. Poucos me vêem, porque eu saio cedo e, a maioria das vezes, eu volto tarde, então já está todo o mundo recolhido. Aí, quando me vêem, perguntam: Você não está mais morando aqui não, não sei o quê? Eu estou crescendo, estou me livrando disso aqui e tal. Lá é muito bom, muito bom, lá é calmo, lá é tranquilão, muito tranquilo, não tem muita violência. Tem roubo? Tem, mas roubo de gás (riso), botijão de gás. Então, eu não quero sair de lá pra morar em outro lugar que eu não vou ter tranquilidade. Também não vou ficar ali pro meu mundo se resumir à pescaria, pra não ter uma aposentadoria. O peixe vai-me dar aposentadoria? Não vai. Então, eu nunca quis ser pescador, eu sempre tive uma mente fora de Itaipu...

- E aqui na escola, como você acha que é visto?

- Meninos da nossa idade, da minha idade... No caso. Eu vou ser sincero, eu não me considero com dezesseis anos, porque, por eu querer crescer, sair daqui, parece que eu enxergo as coisas antes de começar... porque eu possuo uma mente mais aberta, eu tento conviver com gente de vinte anos... Mais velha. Com uma mente maior, eu não convivo com muita gente da minha idade. Estou convivendo agora, este ano, com Alice, Lucas e tal, mas antes não. Então, eu tenho uma mente em relação a esses garotos agora da minha idade, mais evoluída do que a deles, eu acho, na minha opinião. Sei lá, eu sou mais maduro. Eles acham que tudo é brincadeira, sabe? Aí fica zoando, não sei o quê... Fulano é viadinho, não sei o que lá. Ficam zoando, brincam, mas, lá no fundo, os héteros, assim, da minha idade, eles criticam muito, mas de uma forma que, mesmo brincando, vão magoando. A brincadeira deles é forte, a brincadeira deles magoa as pessoas, eu não tenho saco. Então ficam chamando os outros de viadinho, bichona...

- Você se sente magoado pelos teus amigos que são homossexuais?

- É, porque eles brincam de uma forma pejorativa, sabe? Não é um brincar normal entre garotos. É uma forma pejorativa, eu acho isso ridículo, não existe respeito.

- Engraçado, eu tinha outro olhar sobre isto. Eu vi tantos meninos e meninas hetero e homo aqui na escola, juntos, conversando uns com os outros...

- Você não viu nada... E o pior é que eles deixam. Esses homossexuais daqui, eles deixam. Não se opõem, sabe? Eles se deixam ser ridicularizados. Eu acho muito ridículo o que eles fazem, das duas partes. Os hetero esculacham e eles riem, os gays riem, entende? Eu acho muito ridículo isso, nessa parte não há o respeito, uma igualdade entendeu? É muito infantil o pessoal daqui. Então eu não me identifico muito com eles.

- Entendo... Você pode falar alguma coisa sobre a juventude de hoje?

- Na minha visão?

- É, teu olhar de jovem sobre os jovens...

- Eu percebo que muitos jovens estão preocupados com o futuro, não todos. Uns não estão preocupados com o amanhã, mas os que estão, estão-se preparando para o vestibular, faculdade, porque emprego público agora tá sendo a garantia de um futuro, sabe? Concurso público e tal. Eu sou um que quero muito fazer uma faculdade, garantir um emprego. Eu conheço muita gente, me envolvo com muita gente que pensa o mesmo. Quer crescer. Eu vejo que muitos jovens estão ali, o pessoal do 3º ano, batalhando mesmo para entrar numa faculdade, é difícil, mas tem muita gente batalhando, e tal. E eu acho muito importante planejar a educação.

- Você não vê contradição no que você tá falando? Eu te digo isso porque você me falou de muita coisa legal, coisas que estão para além de ter um emprego público para sobreviver. Você fala de uma vida sensível, de uma vida que é capaz de olhar os urubus abrindo as asas para secar ao sol, de sapatilhas de dança, das luzes, do movimento do seu malabares, me fala de estilo, enfim você me fala de uma outra dimensão da vida, que não se reduz a ter um emprego e ganhar dinheiro...

- Eu acho que todo o mundo devia fazer o que pode realmente, porque não adianta fazer uma coisa que você não se sinta bem. Se você gosta de uma coisa, você vai à luta e investe naquela carreira, sei lá, tem que fazer aquilo que você gosta. Gosta de desenhar? Desenha, se expressa, tem que botar aquilo que sente pra fora, botar emoção no que você realmente quer na sua vida.

- Desculpe-me se insisto na questão da contradição, mas é que chamou minha atenção essa coisa do seu desejo de fazer coisas que são mais libertárias, que te possibilitam dançar e ao mesmo tempo vejo você preso a um contexto social que te obriga a ter um emprego, trabalhar certinho...

- Não, não é que me obrigue, mas é porque eu quero isso, sabe? Eu ter o meu mundo reservado... Não ficar dependendo da minha mãe ou de alguém, eu quero sempre ter sendo em tudo, mas eu tenho o meu lado reservado, sabe? Eu quero crescer, quero me formar, quero um emprego, quero ter o meu mundo, ter e poder pagar o que eu consumir, pagar, sabe? Tendo independência e estar fazendo o que eu gosto também, não posso deixar de fazer o que eu gosto também...

- Você é filho único?

- Não, isso é muito engraçado, meu irmão vai fazer 24 anos e não trabalha, parou na 8ª série e fica em casa, sabe? Fazendo nada. Aí, eu, com 16 anos, estou quase terminando, já penso no meu futuro... Eu não sei o que se passa na cabeça dele.

- Vocês se dão bem?

- A gente se dá bem, só não parece que a gente é muito irmão, assim... Fala no máximo: oi tudo bem? A gente se esbarra... Eu amo ele pra caramba e eu sei que ele me ama também, mas a gente não se expressa muito um com o outro. Eu expresso pros outros. Eu sou uma pessoa assim... Se eu te amo, vou falar pra outra pessoa que eu amo muito você, entende?

- *Você tem dificuldade de expressar seus sentimentos?*

- Eu não gosto de ficar expressando meus sentimentos

- Você já se apaixonou?

- Já, muita coisa... É porque eu não gosto de estar falando porque na minha idade, acho isso ridículo entende? Tenho dezesseis anos, se eu falar o que sinto, as pessoas vão ficar falando: você não tem idade para isso. Você já sente o preconceito da sua turma.

- *Você não tem idade para quê?*

- Para amar, pra gostar, porque as pessoas falam que você não tem idade para isso, você nem conhece a vida direito. Dezesseis anos, mas já vivi muito, sério. Eu já vivi muito...

- *O que é viver muito?*

- Já fiz muita coisa, já passei por várias situações, entende?

- *O que, por exemplo?*

- Flertei com uma pessoa, namorei com uma pessoa, a pessoa morava em Petrópolis, morava longe. Eu ia pra lá direto, aí a pessoa teve que viajar. Meu sentimento era muito forte. Sofro até hoje, tem dois anos já. Só que eu não falo pras pessoas, sei lá, parece mentira, mas só que eu guardo muito os meus sentimentos para mim, eu não gosto de ficar expressando.

- *Essa relação que foi sofrida para você?*

- É...

- *Te amadureceu?*

- Muito. Vê, tudo que acontece na minha vida eu absorvo pra crescer, sabe? Por isso que meu sentimento não é muito... Eu me expresso, eu não falo, eu não falo eu te amo, eu me expresso... Aí, tanto que eu me expressei que eu me ferrei. Eu me ferri até hoje. Mas eu não generalizo, eu não vou falar que todo mundo é igual, não vou falar que, se eu me apaixonar de novo, eu vou sofrer, claro que não. As pessoas são diferentes. Que eu fiquei abalado fiquei, mas eu não vou também achar que eu vou sofrer com outra pessoa, eu vou deixar, eu deixo rolar. Tudo que acontece com as pessoas é para crescimento... Não deu certo? Não, mas aí, a minha experiência, eu absorvo pra poder crescer, entendeu? Amadurecer. Eu acho

que, por isso que, voltando aquele negócio daqueles meninos que têm aqui no colégio, eu acho muito imaturo, parece que... O mundo se resume em pegação. Eu vou numa balada e beijo todo mundo, chego em casa não tenho ninguém... Quem vai falar comigo? Sei lá, eu acho muito estranho.

- *Então você não vai pra balada e beija todo mundo?*

- Vou...

- *Ah! Você beija todo mundo?*

- É, mas eu sei o que tô fazendo, eu tenho cabeça, eu não vou querer ninguém. Eu faço isso quando eu tenho certeza do que eu quero, entendeu? Eu não vou todo dia, todo o final de semana, vou beijo um monte, mas eu sei que isso não leva a nada, eu beijo quem eu realmente quero, entendeu? Se eu beijar todo o mundo é porque eu tô afim de soltar. Agora, eu tenho o meu canto que eu faço, parece que eles não. Parece que, pra eles, é tudo aquilo, vão beijar, vão beijar, vão beijar, vão beijar, vão beijar... Estou cansado disso tudo, daquela galera. Não pensam no crescimento. Então, eu não quero isso para mim. Beleza pra mim é importante? É quando eu quero ficar com a pessoa. Mas se eu gosto não adianta. Quando a gente gosta, a gente não vê nada. Você vê aquela pessoa, a pessoa mais linda do mundo.

- *Você quer falar mais alguma coisa?*

- É queeee... A Alice me disse que nós podíamos escolher um pseudônimo...

- *Ah! Sim! Claro que pode! Como você quer que eu te chame?*

- Mister Bobogan.

- *Hã?*

- Mister Bo-bo-gan

- *Bobogan?*

- Bo-bo-gan...

- *Ah!... Bubble ... Goma de mascar (risos) então vá lá! Vai ser Mister Bubble Gun. Mas, por quê? (rindo)*

- Ah! Porque, na hora que a Alice me contou eu achei tão legal! Achei bonito, até porque minha namorada é Rock Princess... O apelido dela... Aí ficou Rock Princess and Mister Bubble Gum, entendeu?

- *Ok, então... Muito obrigada, Mister Bubble, foi muito bom te conhecer...*



- E esses tênis ?(pesq.)

- Eu amo All Star! Se eu pudesse, só usaria All Star colorido.... eu acho que o modo de se vestir diz tudo... A pessoa vai-se expressando no modo de vestir...



- Mas e isto aqui? - É uma câmera

- Uma câmera, isto aqui?

- É... Eu botei aqui e eu mesmo tirei a foto, é uma câmera digital, tem época que eu faço cinema digital... A gente está começando a pegar a parte prática agora. Aprende também, a origem do cinema em todo o mundo. Já aprendi roteiros e agora to pegando na parte de técnicas digitais: iluminação, reprodução e tal, estou pegando agora isso. Eu estou gostando, mas, não é muito o que eu quero, ficar na parte técnica, eu gosto de estar no meio das luzes. Eu gosto de estar nisso, não num teatro falado...



- Eu estava saindo de casa e, era um tempo com muita chuva, chuva a semana inteira e aí abriu um Sol. Foi tão engraçado, abriu um Sol de manhã, quando eu estava indo pro colégio e isso tudo aqui são urubus, de costas, de costas pro Sol, de asa aberta, para secar... Eu achei muito interessante por que... Olha, aqui são vários tocos, tem um atrás do outro, tudo de costas para o Sol. Aí, na duna, tinha um monte, assim de asa aberta e na ponta tem umas listras brancas, ta vendo? Eu contei são seis asas com listras brancas, aí parece que é uma mão, assim, é tudo preto na ponta branco, achei muito interessante... Aí, todo mundo de costas, assim, todos eles de costas, secando, muito lindo!



- Malabares, aí o nome é Swing, eu aaadorooo Rave! Adoro ir pra Rave e ficar rodando, rodando... Ah, sei lá, é que gosto de dizer que amo a luz, eu amo a luz, eu gosto de estar aparecendo, eu gosto de estar iluminado, entende?



...Este é o seu Madruga na camiseta... Você sabe quem foi Che Guevara? (pesq.)

- Foi um revolucionário

- E aí, você acha que atualmente os novos ídolos perderam esse perfil revolucionário?

- Não, não têm... É, porque... Sei lá, antes... Antigamente, era mais valorizado isso, as revoluções e tal. Hoje, no mundo de tanta tecnologia, passa despercebido, assim, quem foi que fez... quem faz... Então passa despercebida? (as mudanças)... Pode ser, porque já está tão acostumado. A cada dia aparece uma coisa nova, que um não tem mais aquele... Oh! Fizeram isto, não tem mais. Agora é assim... Ah! Fez? Que legal! Tá na moda! Tá na moda!

Sobre educação: algumas considerações a partir de meu percurso...

O grande Khan sonhou com uma cidade – descreveu-a para Marco Polo...

- Ponha-se em viagem, explore todas as costas e procure essa cidade – diz Khan para Marco. – Depois volte para me dizer se meu sonho corresponde à realidade.

- Perdão, meu senhor: sem dúvida cedo ou tarde embarcarei nesse molhe – diz Marco -, mas não voltarei para referi-lo. A cidade existe e possui um segredo muito simples: só conhece partidas e não retornos.

Italo Calvino

Termino esse estudo, endereçado ao campo da educação de jovens estudantes de escolas públicas, como Marco Pólo: não tenho retornos palpáveis – identificados com questões educativas formais que pudessem servir de pista  transformação das práticas escolares inconcebíveis que constituem a escolarização dos sujeitos da pesquisa, representativas da realidade mais ampla que afeta grande parte dos jovens brasileiros que demonstram desilusão com a escola. No entanto, não me aflijo com isso porque não foi minha intenção extrair, de minhas conversas com os jovens, essas pistas. O que pretendi, ao expor suas vozes, foi fazer emergir uma estética da existência que, provocando o reconhecimento da necessidade de olhar para si, de dizer-se ou de “cuidar de si” (FOUCAULT, 1992), lhes confere potência para consistir como sujeitos livres para resistir e criar.

Muito se tem dito sobre uma “suposta crise de linguagem na escola”, mas muito pouco tem “acontecido” para que conversas “outras” se constituam experiências onde todos possamos falar entre línguas, isentos de palavras de ordem que sempre caem na redundância de dizer por alguém.

Minha pretensão, ao trazer as vozes desses jovens estudantes, foi mostrar que, por baixo da transmissão, das ordens e das informações, existe o silêncio, a gagueira, o grito, algo que escorre sob as redundâncias e as informações, que escorraa a linguagem formal, e que apesar disso pode ser ouvido. (DELEUZE, 1992, p.52).

A meu ver, a escuta do “dizer-se” desses jovens concretos pode contribuir para que a escola deixe de encará-los como jovens “infames” no sentido dicionarizado do termo, mostrando que a saída para os conflitos intergeracionais que ocorrem no âmbito das escolas que atendem a estes alunos poderia ser buscada na “capacidade de ver e reparar no outro aquilo que lhe tem sido destituído em suas histórias e tempos”.

Entendendo que a educação (no sentido mais estrito de escolarização)  muito mais do que uma palavra aprisionada no tempo e no espaço, disponho-me a pensar etimologicamente o nascimento do termo, numa tentativa de buscar

compreensão para os modos pelos quais os saberes e práticas escolares foram se institucionalizando na modernidade. Não se trata, aqui, de analisar como essas práticas se constituíram e se transformaram, mas de pensá-las como aspectos de uma educação que pode ser renomeada.

Neste sentido, acredito que podemos encontrar no nascimento da palavra educação alguns pontos de interseção entre passado e presente que nos conduzam a outros futuros possíveis. Rachar a palavra, para produzir outros enunciados que não aqueles que atendem às significações objetivas dominantes e deterministas introjetadas em práticas que, constituindo-se do novo que é sempre igual, não promovem renascimentos.

O termo *educare*, de origem latina, designa a palavra educação e é composto de *e* ou *ex*, que significa de dentro de para fora, e *ducere*, que significa tirar, levar. Fundamentada nessa perspectiva etimológica, a educação é entendida como um processo de tirar de dentro de uma pessoa algo que já está dentro dela, ou levar para fora da pessoa àquilo que está presente nela mesma.

Sabe-se, também, que esta concepção racionalista/inatista de desenvolvimento da pessoa tem seus pressupostos na antiga Grécia, mais especificamente com Sócrates. O método socrático, denominado de maiêutica, considerava o mestre uma espécie de obstetra cuja função seria trazer para fora do humano o humano, permitindo que o conhecimento viesse à luz. O educador seria, então, aquele que tiraria de dentro das pessoas o que existe de humano dentro delas. Nessa circunstância, estamos diante de um homem pré-determinado, uma essência humana pré-concebida que trazemos dentro de nós, cuja tarefa do professor seria ajudá-la a ser parida.

Assim, a maiêutica socrática reafirma a busca de modelos "universais" que representariam os elementos que caracterizam um modo ideal de existência humana no mundo onde a vida é tomada por uma dimensão ordenadora em que as diferenças precisam ser neutralizadas ou excluídas, posto que ameaçam a soberania dessa universalidade arbitrada por uma razão, que supõe uma noção de "sujeito" como elemento de uma espécie cuja existência em comum é mediada também por um arbitrário social baseado nesses pressupostos.

A concepção socrática e a tradição filosófica no ocidente instituíram a idéia de universalidade na noção de lei que deu origem às formas político-sociais que se foram instituindo ao longo da história ocidental, dando sentido para práticas humanas que parecem nos inserir numa espécie de *jogo da verdade*, o que requer dos sujeitos um esforço redobrado para afirmarem-se como artífices de sua própria vida.

Isso talvez explique porque grande parte das práticas educativas se estabelece por mecanismos que atuam na redução das distorções de tudo e todos que fujam aos padrões de uma humanidade previamente esperada.

Desta forma, a ação pedagógica veio se constituindo por um “fazer o real” a partir de meios e fins que darão origem a um produto final, como obra de um pensamento calculador e de uma ação técnica para se chegar a um produto real pré-determinado por uma norma pré estabelecida. Uma prática técnica na qual o resultado deveria produzir o que foi previsto antes de começar (LARROSA, 1998, p. 80-81).

Essa visão me leva a buscar, em Benjamin, ajuda para me contrapor a esse pensamento calculador entendendo o pensamento como atividade descontínua, na exterioridade dispersiva da linguagem, como prosa que dispensa a coerência dedutiva da ciência, a lógica dos sistemas. Para Benjamin, pensamento não se trata de uma faculdade mental que torna o homem um sujeito do conhecimento e o mundo, objeto a ser conhecido. Contrariamente a esta relação sujeito/objeto, Benjamin procurou, através de imagens alegóricas e de suas teorias sobre linguagem, apontar para a insuficiência de uma visão de mundo do esclarecimento insistindo na força da experiência, experiência esta que se dá como um acontecimento que nos toca libertando as palavras das vicissitudes da significação e dos juízos cognitivos.

Travamos nossa luta contra um ser mascarado. A máscara do adulto chama-se “experiência”. Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre a mesma. Esse adulto já vivenciou tudo: juventude, ideais, esperanças, mulheres. Foi tudo ilusão. – Ficamos, com frequência, intimidados ou amargurados. Talvez ele tenha razão. O que podemos objetar-lhe?

Nós ainda não experimentamos nada. Mas vamos tentar agora levantar essa máscara? *O que* esse adulto experimentou? *O que* ele nos quer provar? Antes de tudo, um fato: também ele foi jovem um dia, também ele quis outrora o que agora queremos também ele não acreditou em seus pais; mas a vida também lhes ensinou que eles tinham razão. E então ele sorri com ares de superioridade, pois o mesmo acontecerá conosco – de antemão ele desvaloriza os anos que estamos vivendo, converte-os na época das doces asneiras que se cometem na juventude, ou no êxtase infantil que precede a longa sobriedade da vida séria. Assim são os bem-intencionados, os esclarecidos. Mas, conhecemos outros pedagogos cuja amargura não nos proporciona nem sequer os curtos anos de “juventude”; sisudos e cruéis querem nos empurrar desde já para a escravidão da vida. (BENJAMIN, 2002, p.21-22)

A educação é uma atividade humana, e como tal não pode ter um caráter controlável, pois o humano envolve uma complexidade de aspectos que escapam ao controle. Daí a pertinência de rachar o termo, explodindo-o em uma infinidade de léxicos para que ele perca um sentido único. Fazer como a criança de Benjamin (1985) e, por que não dizer, mesmo que de um modo diferente, também os jovens para quem as palavras não seriam signos fixados pelas convenções, mas sons que, ao serem explorados, a levaria a entrar na palavra como se entra em labirintos pelos quais podemos penetrar por caminhos que conduzem a uma experiência surpreendente com a linguagem. Caminhos que, quanto mais vamos penetrando, nos perdemos dos aspectos meramente conceituais, rompendo com o arbitrário do signo e que podem nos dar pistas para provocarmos mudanças de sentido para educação. Seja para a palavra, seja para as práticas que dela se desdobram.

Porém a história nos mostra que a escola moderna, ao longo de seu percurso, vem-se constituindo de práticas que foram substituindo o “espírito criador” pelo “espírito profissional”, distanciando-se cada vez mais da criação imediata que a vida supõe. Esta é uma questão que está posta na boca dos estudantes que não vêem relação entre o que aprendem na escola e aquilo que a vida lhes requisita e,

Maria Rita Kehl em Conferencia na Casa Maison de France, no Rio de Janeiro (Muito Além do Espetáculo, 2003) nos fala que os jogos de linguagem estabelecem as relações de senso-comum que por sua vez estabelecem a relação entre linguagem e realidade através das práticas onde a linguagem se renova pelos excluídos que querem se incluir, a linguagem então se renova pela tentativa de inclusão. O que me leva a crer que os jovens com suas gírias e linguajar próprio de sua geração renovam a linguagem, rompendo com signos fixados pelas convenções instituindo “outras” formas de ser e estar no mundo.

como professora, considero imprescindível esta conversação, pois estamos diante de uma encruzilhada política entre o continuísmo da reprodução de modelos que atuam no sentido de emperrar os processos de criação, reforçando os sistemas de produção da subjetividade dominante e a preocupação em promover uma “educação menor”.

É essa “educação menor” que nos importa pensar e construir hoje. Para além da educação maior contida nas ações governamentais de todas as esferas, contida nas políticas e planos de educação, assim como nos chamados projetos pedagógicos, que está sempre marcada por uma heteronomia é por práticas de assujeitamento, importa-nos essa prática educativa que cada professor realiza na solidão de sua sala de aula, na reciprocidade de sua relação com os estudantes. Se as instituições escolares modernas forma construídas como espaços de subjetivação pela sujeição, é nas práticas desviantes daqueles que escolhem correr os riscos de produzir experiências de liberdade no cotidiano da escola, inventando uma prática educativa que toma como princípio ético a estetização da existência, que reside a possibilidade de resistência e criação. (GALLO, 2006, p. 78)

Mas o que ligaria a educação à invenção, *a poiésis*?

Muricy (1999, p. 21) nos ajuda a pensar ao citar um artigo de Benjamin, por volta dos anos 30, em que este comenta uma exposição de pinturas chinesas na Biblioteca Nacional de Paris. Neste artigo, o filósofo alemão chama atenção para um caráter peculiar dessas pinturas. Eram obras de pintores-filósofos, homens letrados, reconhecidos na sociedade chinesa da época (séculos: XVI XVII e XVIII) como pintores, calígrafos ou poetas. Para Benjamin, essas pinturas não eram meras ilustrações de uma filosofia ou representações exteriores de um pensamento que se constituiria na mente do filósofo. Ao contrário, o pintor-filósofo constituiria o seu pensamento na estrutura formal do quadro. Nessas pinturas, o pensamento se apresenta imediatamente na imagem. Esta não é um meio para ele: a imagem é pensamento, o pensamento é imagem.

Nossos modelos educacionais parecem não privilegiar a educação como prática de pensamento, tal qual Benjamin nos propõe. E nisso os jovens

contemporâneos podem nos ensinar, pois a forma como se relacionam com a imagem se aproxima muito mais de um conhecimento imediato que a sociedade contemporânea nos requisita. Um conhecimento que exige uma nova compreensão das imagens e dos signos que nela são expressos. Esses “jovens de agora” parecem muito mais aptos que nós, “adultos experientes”, a compreenderem essas imagens ensinando-nos não só a criar novas imagens, mas a compô-las entre si de modo a gerar novos movimentos fazendo renascer linguagens, atualizando-as com o tempo em suas múltiplas dimensões de duração, criando novos compassos para o ritmo acelerado de um tempo *Cronos* que ao atender as demandas das batidas do capital nos cristaliza num presente infinito devorando a experiência que se dá num tempo *Kairós*, tempo em que algo especial pode nos acontecer fazendo surgir uma nova relação com o tempo, um tempo *Aion* que é preche de efeitos que povoam os espaços sem preenchê-los e por isso é ilimitado como o futuro e o passado, mas finito como o instante; estica-se em linha reta, incomensurável, nos dois sentidos. Sendo sempre devir. (DELEUZE, 1998)

Nem anjos do apocalipse, nem anjos da redenção os jovens com os quais me deparei parecem habitar uma linguagem muito mais próxima de nossa própria condição humana. Uma humanidade povoada de contradições, apontando nossas fragilidades e nossas potências. Ao “dizerem-se”, esses jovens parecem narrar a própria história dos homens, história que não se encerra em um único contexto, mas se multiplica em uma infinidade de textos que nos fazem ler um mundo que não está posto, nos conduzindo a uma experiência que pode a nós adultos aproximar-nos mais desses jovens na medida em que vão deixando de ser “tão outros” para fazer parte de “nós-outros”.

Pensar sobre o significado das diversas dimensões do ato educativo em tempos de contornos imprecisos pode ser uma tarefa para nossos olhos e ouvidos, órgãos dos sentidos que não se atenham apenas à sua organicidade, mas que estejam atentos às subjetividades que circulam em nossa exterioridade promovendo uma ruptura do humano “em nós”, movimento que contribua para que a escola se pense a si própria para que seus estudantes possam romper “com a chatice da sequencialidade e da linearidade do saber escolar, cobrindo-se ao bel-prazer com a

neve do papel em branco, como queria W. Benjamin, e que lhes seja conferido, por direito e merecimento, o dom de atear de avivar o fogo, a chama". (OSWALD, 2006)

- Mas não tem nada que vocês gostem na escola? E você, Wagner, de que matéria você gosta?

- Sei lá?

- Pensa...

- Sei pensar não... Tenho preguiça...

- Como assim, você não pensa?

- Pô, qual é... Eu penso, mas penso outras coisas.

- O que, por exemplo?

- Deixa quieto...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÀLVAREZ-URIA, Fernando. A conquista do outro: Da destruição das Índias ao descobrimento do gênero humano. In: LARROSA, Jorge & LARA, Núria Pérez de (Orgs.). *Imagens do Outro*. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

AGAMBEN, Giorgio. *Idéia e Prosa*. Lisboa: Cotovia, 1999, p.29.

BAPTISTA, Luis Antonio. *Narrativas infames na cidade: Intersecções entre Walter Benjamin e Michel Foucault*. 2008, (mimeo).

_____. *Walter Benjamin e os Anjos de Copacabana*. *Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor* n° 7, 2008.

BARRIE, J. M. *The Adventures of Peter Pan*. Disponível em <http://www.literatura.org/authors/barrie-james-matthew/the.adventures-of-peter-pan/>
Acesso em:17/09/2006.

BAUDELAIRE, Charles. *O Poema do Haxixe*. Rio de Janeiro: Ed. Aquariana, 2003.

BENJAMIN, andrew e OSBORN, Peter (Org.). *A filosofia de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1997.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, Ed. 34, 2002.

BENTES, Ivana. *Ecos do Cinema: de Lumière ao digital*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é Cinema*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985

BRASIL, Umbelino. *O filme documentário como "documento da verdade"*. *Olho da História: Revista de História Contemporânea*, nº I, disponível em <http://www.olhodahistoria.ufba.br/sumario1.html> Acesso em: 14/09/2008

BRISSAC, Nelson Peixoto. *Ver o Invisível: A ética das imagens*. In: NOVAES, Adauto (org.). *Ética: Coletâneas I*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia. Das Letras. 2003.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Sob o Sol-Jaguar*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

CARROL, Lewis. *As aventuras de Alice no país das maravilhas, Através do espelho, o que Alice encontrou lá e outros textos*. Rio de Janeiro: Fontana / Summus, 1977.

COUTO, Mia. *Economia: A fronteira da cultura*. AMECON – Associação Moçambicana de Economistas, 30.09.2003. Disponível em http://www.macua.org/miacouto/Mia_Couto_Amecon2003.htm. Acesso em 15/11/2008.

DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972 – 1990*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *Lógica do Sentido*. São Paulo, Editora Perspectiva S. A. 1998.

DUCLOS, Denis e JACQ, Valérie. *Do documentário ao “cinema das pessoas”*. *Informação Alternativa*, maio/2005. Disponível em <http://infoalternativa.org/cultura/cinema012.htm> Acesso em 13/09/2008.

FICHER, Rosa Maria Bueno. *Cinema e TV como Experiência. Crítica e Fruição*. In: SILVA, Aida Maria Monteiro et al. (orgs). *Novas Subjetividades, currículo, docência e questões pedagógicas na perspectiva da Inclusão social*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Recife, 2006.

FOUCAULT, M. *A Vida dos Homens Infames*. In: _____ *O que é um autor?* Trad. Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992.

_____. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema – Coleção Ditos e Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Introdução à vida não fascista*. Prefácio da edição americana do Anti-Édipo, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/vienonfasc.html>, acesso em 22/07/2008.

_____. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro - Petrópolis: Vozes, 1977.

FREITAS, Ana Carolina. *A hora e a vez do documentário*. *Cienc. Cult.* [Online]. 2004, v. 56, n. 4 [cited 2008-09-13], pp. 58-59. Available from: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000400026&lng=en&nrm=iso >. ISSN 0009-6725.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, Ed. 34, 2006.

_____. *Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

_____. *Walter Benjamin, os cacos da história*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GALLO, Sílvio. *Cuidar de si e cuidar do outro: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de Foucault*. *Advir*, nº 20, dezembro de 2006, p. 71-9.

GUATARRI, Felix & ROLNIK, Suely. *Cartografias do Desejo*. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2000.

HERÁCLITO. *Fragmentos Contextualizados*. Trad. Alexandre Costa. Rio de Janeiro: Difel Editora, 2002.

LARROSA, Jorge Bondia. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. I Seminário Internacional de Educação de Campinas, tradução: GERALDI, João Wanderley. *Leituras SME*, Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. SP. Julho de 2001.

LARROSA, Jorge. *O enigma da Infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro*. In: LARROSA, Jorge & LARA, Núria Pérez de (Orgs.). *Imagens do Outro*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

LIMA, Heloísa Pires. *Histórias da Preta*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998. p 23-26.

LINS, Consuelo. *O Documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2004.

LLOSA, Mário Vargas. *A Verdade das Mentiras*. São Paulo: ARX, 2004.

MATELLA, Rose Clair. *Cineclubismo: memórias dos anos de chumbo*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, Selo Luminária Academia, 2008.

MURICY, kátia. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, Demasiado Humano*. (tr. Paulo César Souza). São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

NOVAES, Adauto. *Evgen Bavcar – Não se vê com os olhos*. In: *O ponto zero da fotografia*. Rio de Janeiro: Very Especial Arts do Brasil & FUNARTE, 2000.

OSWALD, M^ª Luiza. *Desata-me*. *Jornal "A Página"*, ano 15, nº 162, Dezembro 2006, p. 19. Disponível em <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=5037>. Acesso em 12/01/2009.

PASOLINI, Pier Paolo. *Jovens Infelizes: Antologia de Ensaio Corsários*. Organização de Michel Lahud, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura: Loucura e Desrazão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PESSOA, Fernando. *O Livro do Desassossego de Bernardo Soares*. In *Obras X*, Lisboa, Promoclube, s/d, Porto. *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1990.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Correspondência*. Belo Horizonte: Miguilim, 1997.

SOARES, Luiz Eduardo, MV BILL, ATHAYDE. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZAMBRANO, María. *Filosofía y Educación (Manuscritos)*. Málaga: Editorial Ágora, 2007.